



**UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA  
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

**PAULO SÉRGIO BATALHA DA SILVA**

**SOCIOLOGIA, LITERATURA E DESIGUALDADE SOCIAL: DIÁLOGOS  
INTERDISCIPLINARES COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO, ITAREMA/CE**

**SOBRAL-CE  
2022**

**PAULO SÉRGIO BATALHA DA SILVA**

**SOCIOLOGIA, LITERATURA E DESIGUALDADE SOCIAL: DIÁLOGOS  
INTERDISCIPLINARES COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO, ITAREMA/CE**

Trabalho submetido ao Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA para obtenção do título de mestre em Sociologia. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Duarte Pimenta.

**SOBRAL-CE  
2022**

**PAULO SÉRGIO BATALHA DA SILVA**

**SOCIOLOGIA, LITERATURA E DESIGUALDADE SOCIAL: DIÁLOGOS  
INTERDISCIPLINARES COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO, ITAREMA/CE**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia pelo Mestrado Profissional em Sociologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, pela seguinte Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Duarte Pimenta (Orientadora)  
Departamento de Ciências Sociais, UVA

---

Prof.<sup>o</sup> Dr. Vinícius Limaverde Forte (Examinador)  
Departamento de Ciências Sociais, UVA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Viviane Toraci Alonso de Andrade (Examinadora)  
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Fundaj

Sobral, 17 de março de 2023.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiro a Deus pela vida e oportunidade de realizar este curso de mestrado, sobretudo pelos contratempos e vidas levadas pela pandemia da Covid-19. Agradeço de forma especial os estudantes da 3ª série A e B, de 2021, da EEEP Professora Rosângela Albuquerque de Couto, pois estes foram os principais protagonistas desta pesquisa, sem os quais seria impossível a conclusão deste curso. Reconheço e agradeço a parceria e contribuição de todos os meus colegas de turma, Eurilange, Kátia, Luciara, Lidiane, Auciele, Geísa, Edlane, Edmara, Iamara e Amiraldo, pois aprendi com todos. Dedico também meus agradecimentos a minha família e minha namorada Juliana, quem tem me incentivado e apoiado nesta jornada de estudos. Gostaria de reconhecer também as contribuições dos meus colegas professores, Eliane Viana, Edson Pinto, Raquel Souza e Thalyta Vale. Agradeço a todos os professores do ProfSocio, incluindo os professores da banca de qualificação, a banca de defesa e, em especial minha orientadora, professora Rosângela Pimenta, quem contribui direta e significativamente com este trabalho, que teve toda paciência e sabedoria para direcionar um orientando que não era da área das Ciências Sociais, e fez isso com maestria, dedicação e seriedade.

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma intervenção pedagógica, que se desenvolveu por meio de uma sequência didática, para tanto se realizou um trabalho interdisciplinar, que relaciona de forma coerente Sociologia e Literatura, com o objetivo de discutir como os jovens da EEEP Professora Rosângela Albuquerque de Couto compreendem a desigualdade social, discutindo suas percepções sobre esse tema e possíveis implicações em suas vidas cotidianas, abordando como os jovens percebem a realidade, da qual fazem parte e contribuem para manutenção ou superação dos problemas vivenciados, além de desenvolver a imaginação sociológica, o estranhamento e a desnaturalização da desigualdade social. A ideia inicial se deu a partir da necessidade de discutir e compreender a realidade cotidiana, por meio da leitura e análise das obras literárias, por isso a discussão proposta tem como pano de fundo as obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e *Seara Vermelha*, de Jorge Amado. O trabalho se divide em três etapas e capítulos, o primeiro apresenta uma discussão teórica sobre Sociologia e Literatura; o segundo apresenta a sequência didática e o último as produções e resultados obtidos com a aplicação da sequência didática. A metodologia do trabalho se orienta a partir da pesquisa bibliográfica e qualitativa, inspirado em autores, como Candido (2006), Frigotto (2008), Gasparin (2012), Mills (1965) e outros, em que se busca um trabalho orientado pela pedagogia histórico-crítico, sobretudo na elaboração e realização da sequência didática, que é o ponto principal do trabalho. Os resultados obtidos ao final da sequência didática destacam as possibilidades do fazer pedagógico possível por meio da Sociologia da Literatura, além de reforçar o caráter protagonista e mostrar as habilidades e potencialidades dos discentes, pois puderam discutir o tema da desigualdade social, por meio das leituras e aulas propostas, contribuindo para se reconhecerem e compreenderem melhor o cotidiano que os rodeia. As considerações finais apontam para as possibilidades e desafios do trabalho interdisciplinar; concretizam as produções dos estudantes e evidenciam que a escola é um campo propício para a pesquisa e formação continuada dos professores.

**Palavras-chave:** Desigualdade Social. Sequência Didática. Sociologia da Literatura. Escola.

## ABSTRAT

This work presents a pedagogical intervention, which was developed through a didactic sequence, for which an interdisciplinary work was carried out, which coherently relates Sociology and Literature, with the objective of discussing how young people from EEEP Professor Rosângela Albuquerque de Couto understand social inequality, discussing its occurrences on this theme and possible principles in their daily lives, approaching how young people perceive the reality, of which they are part and prevent them from maintaining or overcoming the problems experienced, in addition to developing sociological imagination, estrangement and the denaturalization of social inequality. The initial idea came from the need to discuss and understand everyday reality, through the reading and analysis of literary works, so the proposed discussion has as a backdrop the works *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos and *Seara Vermelha*, by Jorge Amado. The work is divided into three stages and chapter, the first presents a theoretical discussion on Sociology and Literature; the second presents the didactic sequence and the last the productions and results obtained with the application of the didactic sequence. The methodology of the work is based on bibliographical and qualitative research, inspired by authors such as Candido (2006), Frigotto (2008), Gasparin (2012), Mills (1965) and others, in which a work guided by pedagogy is sought. historical-critical, especially in the elaboration and realization of the didactic sequence, which is the main point of the work. The results obtained at the end of the didactic sequence highlight the possibilities of pedagogical action possible through the Sociology of Literature, in addition to strengthening the protagonist character and showing the skills and potential of the students, as I was able to discuss the theme of social inequality, through the readings and proposed classes, confident to recognize themselves and better understand the daily life that surrounds them. The final considerations point to the possibilities and challenges of interdisciplinary work; they materialize the students' productions and show that the school is a propitious field for research and continuing education for teachers.

**Keywords:** Social Inequality. Following teaching. Sociology of Literature. School.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 OBRA, LITERATURA, LEITURA E SOCIOLOGIA</b> .....	12
2.1 ESCOLHA DAS OBRAS E CONTEXTO POLÍTICO DOS AUTORES .....	12
2.2 CONHECENDO AS OBRAS .....	14
2.3 SOCIOLOGIA DA LEITURA .....	16
2.4 LITERATURA, SOCIOLOGIA E DESIGUALDADE SOCIAL.....	18
2.5 DESIGUALDADES SOCIAIS – INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA .....	24
2.6 JUVENTUDES: CONCEPÇÕES E POSSIBILIDADES .....	26
2.7 CIDADE, ESCOLA E PERFIL DOS ESTUDANTES .....	28
<b>2.7.1 Escola e Perfil dos Estudantes</b> .....	29
<b>3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: APRENDIZAGEM COOPERATIVA UMA METODOLOGIA PARTICIPATIVA</b> .....	37
3.1 PRECE: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM COOPERATIVA .....	40
3.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA. LITERATURA E SOCIOLOGIA, DISCUTINDO DESIGUALDADE SOCIAL NA ESCOLA .....	42
<b>3.2.1 Objetivo da Sequência Didática</b> .....	43
<b>3.2.2 Sala de Aula: 1º Momento - Apresentação da Proposta de Trabalho, Decisões e Combinados</b> .....	44
<b>3.2.3 Sala de Aula: 2º Momento - As Disciplinas Conversam: Literatura e Sociologia</b> .....	45
<b>3.2.4 Sala de Aula: 3º Momento - Desigualdades Sociais: Construção Social ou Dado Natural?</b> .....	53
<b>3.2.5 Sala de Aula: 4º Momento - As Facetas da Desigualdade Social na Obra Vidas Secas</b> .....	59
<b>3.2.6 Sala de Aula: 5º Momento - Estranhamento e Desnaturalização na Obra Literária</b> .....	64
<b>3.2.7 Sala de Aula: 6º Momento - A Luta por Dignidade no Clássico Seara Vermelha</b> .....	68
<b>3.2.8 Sala de Aula: 7º Momento - Estranhamento e Desnaturalização na Obra Literária</b> .....	72

<b>3.2.9 Sala de Aula: 8º Momento - Discussão Sobre a Desigualdade Local, Regional, Estadual e Nacional</b> .....	76
<b>4 CONSTRUÇÃO E PERCEPÇÃO DAS JUVENTUDES: AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA</b> .....	80
<b>4.1 RESULTADOS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA</b> .....	81
<b>4.1.1 Sala de Aula: 9º Momento - Apresentação da Narrativa Visual e Produção Textual</b> .....	82
<b>4.1.2 Sala de Aula: 10 Momento - Apresentação do Teatro e Hora de Soltar o Verbo</b> .....	97
<b>4.2 AVALIAÇÃO E PERCEPÇÃO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA - CONQUISTAS E DIFICULDADES</b> .....	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	106



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão do curso do Mestrado Profissional em Sociologia (PROFSOCIO) consiste na modalidade de intervenção pedagógica, que tem como centro da pesquisa e trabalho a aplicação de uma sequência didática, o que se configura como um conjunto de aulas elaboradas e encadeadas que favorecem o processo de ensino e aprendizagem, relacionando os conhecimentos Literários e Sociológicos sobre o tema da desigualdade social, buscando saber com os estudantes da Escola Estadual de Educação Profissional Professora Rosângela Albuquerque de Couto, situada na cidade de Itarema-CE, compreendem esta temática, a fim de fortalecer o ensino de Sociologia, de modo a desenvolver nos estudantes o exercício do estranhamento e desnaturalização.

A escola como espaço precípuo de formação das juventudes, muitas vezes, limita-se à formação técnico-científica, mas há outras funções inerentes à escola, como contribuir para que os sujeitos se reconheçam enquanto membros de uma coletividade, percebam-se como indivíduos dotados de uma capacidade de agir sobre a realidade na qual estão envolvidos. Para tanto, é interessante pensar como a escola pode promover espaços e ocasiões de discussão sobre temas de interesse dos estudantes, a fim de favorecer a compreensão sobre as múltiplas realidades. Neste sentido, a percepção que estes jovens têm de si e do outro é fundamental para a construção de uma comunidade mais tolerante, solidária e fraterna, características e valores que, hodiernamente, são negligenciados em nome da fragmentação e individualização (KUENZER, 2017).

Problematizar sobre temas que marcam a vida dos estudantes, cujas realidades são diferentes, mas que são marcadas por problemas sociais, tais como racismo, violência e pobreza; além de discutir os conceitos de gênero, política, vida no campo e movimentos sociais são atribuições que permeiam o cotidiano da comunidade escolar<sup>1</sup>, e podem ser discutidos e compreendidos por meio do diálogo entre Sociologia e Literatura. Dentre estes marcadores da vida estudantil, destaca-se a desigualdade social e sua influência e limitação para a construção dos sonhos de muitos jovens, os quais passam a naturalizar essas limitações como se fossem realidades imutáveis, produzidas pela natureza.

Neste sentido, é preciso discutir sociologicamente, como a realidade se consolida a partir de construções sociais, a fim de manter a ordem vigente, ou seja, a exploração da mão-

---

<sup>1</sup> segmentos que participam, de alguma maneira, do processo educativo desenvolvido em uma escola (TEIXEIRA, 2000).

de-obra da classe trabalhadora, o que é possível a partir do estímulo à imaginação sociológica, pois o indivíduo

raramente têm consciência da complexa ligação entre suas vidas e o curso da história mundial; por isso, os homens comuns não sabem, quase sempre, o que essa ligação significa para os tipos de ser em que se estão transformando e para o tipo de evolução histórica de que podem participar. Não dispõem da qualidade intelectual básica para sentir o jogo que se processa entre os homens e a sociedade, a biografia e a história, o eu e o mundo. Não podem enfrentar suas preocupações pessoais de modo a controlar sempre as transformações estruturais que habitualmente estão atrás deles (...). O que precisam (...) é de uma qualidade de espírito que lhes ajude a [perceber] (...) o que está ocorrendo no mundo e (...) o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos. É essa qualidade (...) que poderemos chamar de imaginação sociológica (MILLS, 1965 [1959]: 9-11).

Para tanto, o trabalho na escola, a fim de fomentar a imaginação sociológica, é uma possibilidade de compreensão da realidade. Deste modo, nasceu a ideia de trabalhar o tema da desigualdade social com os estudantes da 3ª Série, da Escola Estadual de Educação Profissional Professora Rosângela Albuquerque de Couto, a partir da relação interdisciplinar entre Sociologia e Literatura, por meio da intervenção pedagógica, sobretudo, utilizando uma sequência didática, em que se discutirá o referido tema na perspectiva da imaginação sociológica e da literatura, a partir das leituras das obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e *Seara Vermelha*, de Jorge Amado, tomando a Sociologia como uma possibilidade de compreensão do cotidiano (BERGER, 2001).

Desse modo, pensando com as OCNEM – Sociologia (BRASIL, 2006), a interdisciplinaridade será fundamental no desenvolvimento deste trabalho, uma vez que é preciso ampliar as possibilidades de análises e o diálogo entre os componentes curriculares, a fim de subsidiar a compreensão e discussão do tema em pauta. Neste sentido, a minha prática docente como professor de Língua Portuguesa permitiu perceber as possibilidades pedagógicas para o trabalho interdisciplinar, por ser uma disciplina âncora no processo de ensino e aprendizagem, além de se relacionar com as demais áreas do conhecimento, em especial a Sociologia da Literatura.

O trabalho pedagógico realizado nas escolas, por meio da Literatura, é incipiente, uma vez que está mais atento às avaliações externas do que às múltiplas possibilidades de discussão e análise da sociedade, salvo exceções; no que diz respeito ao ensino de Sociologia, nota-se, como apontam as OCNEM de Sociologia (BRASIL, 2006), a possibilidade de trabalhar com temas que fazem parte e são abordados em nossa Literatura, o que possibilita estimular e

incorporar os princípios do estranhamento e da desnaturalização nas percepções juvenis, por meio de um trabalho interdisciplinar, na perspectiva de Frigotto (2008) e Japiassu (1976).

Embora se discuta a interdisciplinaridade, é ainda mais comum nas práticas escolares um trabalho fragmentado, em que as disciplinas atuam de modo isolado, sem estabelecer conexões e sem pensar as realidades dos estudantes. Para Fazenda (2003, p. 30), “a interdisciplinaridade não é algo que garantirá um ensino adequado, ou um saber unificado, mas um ponto de vista que permite uma reflexão aprofundada e crítica sobre o funcionamento do ensino”. Dessa maneira, pretende-se compreender, a partir de interpretações complementares, sociológicas e literárias, como a desigualdade social marca as vidas dos jovens e como estes se percebem neste processo de construção social.

Logo, o objeto que se pretende estudar é como os jovens da EEEP Professora Rosângela Albuquerque de Couto compreendem a desigualdade social, discutindo suas percepções sobre esse tema e possíveis implicações em suas vidas cotidianas, abordando como os jovens percebem a realidade, da qual fazem parte e contribuem para manutenção ou superação dos problemas vivenciados. Esta discussão dar-se-á através da interdisciplinaridade entre Sociologia e Literatura, a partir das obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e *Seara Vermelha*, de Jorge Amado. A proposta teórico-metodológica que norteará a sequência didática desenvolvida será a aprendizagem cooperativa, de modo que as discussões tratadas e os conhecimentos produzidos e compartilhados aconteçam coletivamente.

Além disso, pretende-se favorecer o desenvolvimento e compreensão de dois princípios e processos caros à Sociologia quais sejam: levar as juventudes ao exercício do estranhamento e desnaturalização, pois de acordo com as OCNEM de Sociologia:

Entende-se que esse duplo papel da Sociologia como ciência – desnaturalização e estranhamento dos fenômenos sociais – pode ser traduzido na escola básica por recortes, a que se dá o nome de disciplina escolar. Sabemos, mas sempre é bom lembrar, que os limites da ciência Sociologia não coincidem com os da disciplina Sociologia, por isso falamos em tradução e recortes. Deve haver uma adequação em termos de linguagem, objetos, temas e reconstrução da história das Ciências Sociais para a fase de aprendizagem dos jovens – como de resto se sabe que qualquer discurso deve levar em consideração o público-alvo (BRASIL, 2006, p. 107).

Portanto, a discussão sobre desigualdade social a partir do diálogo entre Literatura e Sociologia favorece o hábito da imaginação sociológica, pois trabalha a compreensão de como os fenômenos sociais se relacionam com a vida dos indivíduos, os quais, por meio da liberdade para pensar e agir, podem modificar sua existência. De acordo com Japiassu (1976), “enquanto o destino é um objeto de crença e o fatalismo uma atitude sentimental, a liberdade é um dado

da consciência confirmado pela experiência da ação eficaz onde o indivíduo realiza algo que, sem sua iniciativa, não existiria” (JAPIASSU, 2005, p. 20). Por outro lado, é preciso discutir e entender as nuances da realidade, e a Sociologia pode contribuir neste sentido, pois discute “o mundo dos homens, suas instituições, sua história, suas paixões” (BERGER, 2001, p. 27).

O recorte temático escolhido fundamenta-se a partir da premissa de poder proporcionar aos discentes uma discussão acerca da desigualdade social que é imprescindível para a formação do sujeito, através da metodologia da aprendizagem cooperativa, que pode ser definida resumidamente, pelo ato coletivo em que “os alunos se ajudam no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor, visando adquirir conhecimentos sobre um dado objeto” (Lopes & Silva, 2009, p. 4). Deste modo, pode-se contribuir para efetivação do que se encontra na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96, art. 35 A, § 2º.), quanto ao ensino da Sociologia, o qual pode ser fortalecido com um trabalho interdisciplinar.

A justificativa do tema proposto fundamenta-se pela necessidade de utilizar na prática docente mediações pedagógicas que sejam capazes de levar o aluno ao seu desenvolvimento omnilateral<sup>2</sup>, o que se torna viável a partir da aprendizagem cooperativa, pois o aluno deixa de ser mero receptor de conceitos “empacotados” e passa a ser sujeito ativo do processo de apreender, além de cooperar com os demais, numa perspectiva recíproca. Ademais, o recorte temático apresentado explica-se a partir do interesse em contribuir para que os jovens reflitam sobre suas realidades e como a desigualdade se manifesta em contextos variados. A temática discutida é tema comum nas matrizes dos diferentes componentes curriculares, o que pode contribuir para o trabalho interdisciplinar.

Deste modo, pretende-se desenvolver três capítulos para este trabalho de intervenção pedagógica, a saber: o primeiro capítulo intitula-se *Obra, Literatura, Leitura e Sociologia*, o qual versa sobre a metodologia proposta pela aprendizagem com base na cooperação entre pares, a sociologia da literatura e desigualdade social; o segundo capítulo intitula-se *Sequência Didática: Aprendizagem Cooperativa uma Metodologia Participativa*, o qual pretende descrever o passo a passo da proposta da sequência didática; e o terceiro capítulo chama-se *Construção e Percepção das Juventudes: Avaliação da Intervenção Pedagógica*, o qual pretende apresentar as produções esperadas com a aplicação da sequência didática.

---

<sup>2</sup> Formação que busca desenvolver todas as aptidões do sujeito, de modo a favorecer uma formação integral e não fragmentada, que permitam o desenvolvimento pleno de todas as capacidades humanas de forma livre (MANACORDA, 1991).

## 2. OBRA, LITERATURA, LEITURA E SOCIOLOGIA

Nesta seção discute-se alguns aspectos necessários para a compreensão da proposta de trabalho desenvolvida, tais como, a escolha das obras e dos autores, bem como o contexto político das respectivas produções; Sociologia da Literatura; Leitura e Sociologia; Sociologia e desigualdade social; a intervenção pedagógica e juventudes e o perfil dos estudantes envolvidos neste trabalho. Deste modo, busca-se estabelecer uma relação entre os pontos levantados e a discussão precípua desta pesquisa, a saber, estudar e discutir como os jovens da EEEP Rosângela Albuquerque de Couto compreendem a desigualdade social.

### 2.1 ESCOLHA DAS OBRAS E CONTEXTO POLÍTICO DOS AUTORES

A escolha das obras citadas para a realização desta intervenção pedagógica dar-se por motivos que em maior ou menor potencial aproximam os estudantes das discussões suscitadas nos livros, seja por fatores de ordem socioeconômica ou política, por outro lado, os próprios autores também foram importantes para esta escolha, uma vez que construíram um trabalho literário e político que favorece a discussão sociológica. Neste sentido, pretende-se elucidar o porquê da escolha desses autores e obras, embora apresentados de forma linear, todas as razões para definir a escolha são igualmente significativas.

Um aspecto definidor para a seleção dos livros *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *Seara Vermelha* de Jorge Amado, para a construção desse trabalho foi a proximidade retratada nas obras com o contexto social e econômico dos estudantes que farão parte desta pesquisa, uma vez que os desafios presentes na vida dos personagens idealizados em ambos os romances se assemelham com as lutas diárias da realidade dos estudantes de Itarema. Embora algumas situações retratadas pelos autores tenham sido superadas do decurso de quase um século, mas tantas outras situações persistem, como a exploração do trabalhador, o êxodo rural, o latifúndio, a má distribuição de renda e as desigualdades sociais.

Além disso, por serem romances de cunho social, as obras selecionadas contribuem para o alcance dos objetivos propostos para esta intervenção, sobretudo do objetivo geral que é discutir o tema da desigualdade social na confluência entre sociologia e literatura sob a ótica dos/as jovens, o que é possível diante das narrativas de Graciliano Ramos e Jorge Amado. Ademais, as características da geração de escritores de 1930, em especial o uso da linguagem próxima dos leitores e o regionalismo, são fatores que favorecem a compreensão dos estudantes,

tendo em vista compartilharem com os romances citados costumes, vocabulário e experiências de vida.

Outros fatores que contribuíram para a seleção destes autores e obras estão relacionados ao fato da geração literária de 1930 fortificar a produção nacional de livros e a inserção da classe trabalhadora nas obras, pois estes aspectos corroboram para a compreensão da realidade nacional e contribuem para o desenvolvimento da leitura e imaginação sociológica, pois os leitores passam a se ver com mais propriedade nos romances. Deste modo a leitura e discussão sociológica transfigura-se do abstrato para o real com maior facilidade (BARBOSA, 2010).

Último aspecto que se aponta como determinante para a seleção das obras e autores é o envolvimento político adotado por estes, visto que além de romancistas, Graciliano Ramos e Jorge Amado foram militantes do Partido Comunista, defenderam a classe trabalhadora e denunciaram as mazelas provocadas pelas desigualdades sociais não apenas na ficção dos romances, mas também numa postura de vida e trabalho cotidiano. Portanto, essas razões foram determinantes para delimitação da base literária para a construção dessa intervenção pedagógica.

Portanto, a escolha destes autores clássicos da Literatura brasileira, sobretudo das obras citadas, favorece a discussão sobre as desigualdades sociais, visto que as narrativas analisadas apresentam inúmeros aspectos que estão imbricados com o tema pesquisado, tais como o latifúndio, exploração do trabalhador, má distribuição de renda, o próprio aspecto regional e o misticismo. Assim, é possível perceber que a seleção dos livros vai ao encontro da proposta, uma vez que potencializam e expressam, mesmo que na ficção, uma realidade do mundo social, a qual é uma construção social e objeto de estudo da Sociologia.

A discussão suscitada neste trabalho, apoiada nos livros citados, centra-se na temática da desigualdade social, sobretudo na exploração do trabalho, do êxodo e latifúndio. Todavia, os livros apresentam outras discussões, deste modo os estudantes podem observar outras desigualdades, tendo em vista que leitura proporciona uma percepção ampla do texto, o que será considerado ao longo da sequência didática, ressaltando que o foco é a desigualdade social.

Os autores escolhidos para a construção deste trabalho destacam-se na Literatura nacional, pois surgem no início do século XX como figuras expressivas e que representam a nova leva de autores nacionais, como se percebe, pois

Ora na esteira das grandes promessas, ora em meio a um começo mais singelo, diversos escritores despontaram ao longo do século XX, consagrando, ao mesmo tempo, aqueles que descobriam e editavam suas obras. Nesse sentido, podemos citar, dentre muitos outros, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, João

Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Lygia Fagundes Telles, Jorge Amado, Rubem Braga, Fernando Sabino e Érico Veríssimo (El FAR, 2006, p. 42).

Todavia, para além da literatura, Graciliano Ramos e Jorge Amado são personagens importantes que influenciaram e foram influenciados pelo Partido Comunista do Brasil – PCB. Este processo de envolvimento político é fundamental para compreender a vida e obras desses autores, inclusive *Vidas Secas* e *Seara Vermelha*, visto que as narrativas construídas refletem a discussão e luta defendida pelo movimento do PCB, bem como seguem de norte para construção literária de nossos autores. Segundo Barbosa (2010) o movimento literário de 1930 confunde-se em parte com as bandeiras do PCB, de modo que Jorge Amado e Graciliano Ramos constituem uma carreira literário-política de militância com a causa comunista.

Percebi a presença do movimento comunista na produção literária de Jorge Amado, uma vez que sua narrativa é influenciada e retrata o que o PCB denuncia, como se percebe na citação que antecede o prefácio da obra *Seara Vermelha* “Está no latifúndio, na má distribuição da propriedade territorial, no monopólio da terra, a causa fundamental do atraso, da miséria e da ignorância do nosso povo (AMADO, 1974, p.16).” Por outro lado, é possível ver em Graciliano Ramos as bandeiras e denúncias do PCB, quando em *Vidas Secas*, Fabiano, um dos protagonistas, é a todo instante engolido pelo sistema e vítima da exploração, ora do patrão, ora do próprio Estado, tornando-se um trabalhador brutalizado.

Portanto, a geração literária de 1930, que produziu uma literatura de cunho social e regionalista, vai ao encontro dos pressupostos do PCB, embora não se discuta com exatidão neste trabalho se foi o movimento político que influenciou o movimento literário primeiro ou vice-versa, mas percebe-se que a construção da obra e vida dos autores estudados não podem ser analisados em dissonância com o contexto político e social da primeira metade do século XX, uma vez que as obras estudadas apresentam fortes traços do movimento político em discussão. Portanto, Graciliano Ramos e Jorge Amado, para efeito deste trabalho, refletem uma simbiose literária, política e sociológica.

## 2.2 CONHECENDO AS OBRAS

Após a apresentação dos critérios objetivos que foram utilizados para selecionar as obras trabalhadas, bem como a contextualização sobre o pensamento político e social dos autores discutidos nesta intervenção pedagógica, a qual culmina na produção, aplicação e análise de

uma sequência didática, é importante conhecer, embora de sintética e objetiva, as obras analisadas, a saber, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *Seara Vermelha* de Jorge Amado.

O romance *Vidas Secas* foi publicado no ano de 1938, e tem como discussão central a vida de uma família de retirantes nordestinos, de modo que se pode resumir os protagonistas em cinco: Fabiano, chefe da família, homem forte, trabalhador e rude, que é constantemente enganado por todos a sua volta; Sinhá Vitória, esposa de Fabiano, dona de casa, acompanha e compartilha a saga com o marido, todavia sonha com um futuro menos difícil, em especial para os filhos; Menino Mais Velho e Menino Mais Novo, são assim chamados na obra os filhos de Fabiano e Sinhá Vitória, são inquietos como as crianças do nordeste e sofrem os desafios impostos pela seca e fome e Baleia, a cachorra, personagem tão humano quanto os membros da família, dotada de sensibilidade e imaginação.

A obra é composta de 13 capítulos, intitulados Mudança, Fabiano, Cadeia, Sinhá Vitória, O menino mais novo, O menino mais velho, Inverno, Festa, Baleia, Contas, O soldado amarelo, O mundo coberto de penas e Fuga. Ao longo da narrativa é possível perceber como a vida do sertanejo é desafiadora, bem como notar as nuances e sutilezas de Graciliano Ramos ao tratar do êxodo rural, do capitalismo, das desigualdades, do latifúndio e de outros temas, que também fazem parte da sua luta enquanto literário e simpatizante do PCB.

Os dilemas que são retratados nos capítulos do livro, podem ser exemplificados com a seguinte passagem, na qual Fabiano indigna-se contra a prestação de contas feitas pelo patrão, pois estava diferente das contas feitas por Sinhá Vitória.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria! (RAMOS, 2013, p. 32).

A obra inicia e termina com a família de retirantes a vagar pelo sertão em buscas de um lugar para sobreviver, durante a narrativa encontram uma fazenda para morar, mas logo começam a ser explorados e com a seca fogem novamente, como bichos, expulsos pela natureza e sem destino. Logo, o livro é um retrato de um país atrasado, que abandona a própria sorte seus cidadãos, se é que podem ser chamados assim, além disso os protagonistas são sujeitos da classe trabalhadora, ou seja, há uma aproximação com o público que interessava ao PCB, os trabalhadores, que são explorados e abandonados pelo sistema que usurpam sua força. Neste sentido *Vidas Secas* é um retrato das desigualdades e compreende também uma manifestação literária e política de Graciliano Ramos.



O romance de Jorge Amado *Seara Vermelha* publicado em 1946 e traduzido para mais de 20 idiomas, narra a vida de uma família de nordestinos que traçam rumos diferentes em suas vidas, Jerônimo e Jucundina são respectivamente pai e mãe de João, Zé, Neném, Marta e Agostinho, estes são os personagens centrais da história e que veem suas vidas mudarem com a venda da fazenda que moravam e após serem expulsos das terras alheias, além de enfrentar os desafios de uma travessia na caatinga nordestina, ainda convivem com destinos opostos que os filhos assumem.

Após serem expulsos da fazenda onde moravam, começa uma luta interminável rumo a São Paulo e o sonho de terras férteis e sem a ameaça da seca, mas nessa travessia muitos morrem e se perdem, como aconteceu com Marta, que foi levada a prostituição pelas condições que se colocaram. Antes da partida dos velhos Jerônimo e Jucundina, os três filhos já haviam partido, João entrou para a polícia, Zé para o cangaço e Neném para o Partido Comunista, todos com rumos e perspectivas diferentes.

O livro dividido em três partes, a saber, o capítulo intitulado A Festa, no qual os moradores da fazenda estão animados com um casamento, o qual se encerra com a pior notícia que podia existir, ou seja, a venda da fazenda e a saída de todos os agregados; livro primeiro – Os caminhos da fome, nesta seção se conta a travessia feita pelos retirantes e todas as angústias que os rodeiam e livro segundo – As estradas da esperança, seção que começa a cruzar os destinos dos personagens e condicionar o fim de cada um.

Dentre os temas que permeiam a narrativa de Jorge Amado destaca-se o êxodo rural, o latifúndio, a fome, o misticismo, o cangaço, a exploração da mão de obra dos trabalhadores, a crítica ao capitalismo e outros, como se percebe

Só os imigrantes são os mesmos, os nomes podem mudar, mas são idênticos rostos, a mesma fome, o mesmo fatalismo, a mesma decisão no caminhar. Atravessando a caatinga, sobre as pedras, os espinhos, as cobras, os lagartos, para frente, indo para São Paulo onde dizem que existe terra de graça e dinheiro farto, voltando de São Paulo onde não existe nem terra nem dinheiro (AMADO, 1974, p.61).

Embora o lançamento de *Seara Vermelha* aconteça no ano de 1946, este possui traços marcantes das ideias difundidas pelo PCB, sobretudo a crítica ao latifúndio, como se percebe desde as páginas iniciais com a citação de Prestes. Por outro lado, evidencia-se que não há esperanças para os trabalhadores, nem para os que fogem para São Paulo, nem para os que lá retornam, por isso percebe-se que dentre destas condições de exploração não há lugar esperançoso para a classe trabalhadora.

### 2.3 SOCIOLOGIA DA LEITURA

Para a construção deste trabalho, a prática leitora tornar-se-á uma ferramenta fundamental. Neste sentido é válido apontar os caminhos que interferem nesse exercício, origina-se, portanto, a discussão sobre a Sociologia da Leitura, a qual suscita a dicotomia entre o poder do texto e autonomia do leitor, pois o texto, às vezes produz um significado diferente daquele que o autor quis passar em dado momento histórico. Logo, a leitura não é uma atividade isolada, tampouco uma atividade objetiva, pois há uma simbiose entre, texto, autor e leitor, a qual é mediada pelo contexto sócio-histórico.

Para tanto, é necessário compreender a leitura como uma prática que engloba alguns aspectos, sendo livre para produção do conhecimento, mas sem distanciar-se do que o texto produz, neste sentido

A leitura é, prática criadora, actividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis as intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros: ela é uma caça furtiva (...) O leitor é sempre, pensado pelo: autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada (...) A leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la (CHARTIER, 1988, p. 123).

Ademais, a produção de livros e o exercício da leitura também envolve uma transposição dos discursos, oralidade, para o que é contado no texto, narração; diz respeito também ao processo de construção e impressão do texto, que passa por editores e outros; soma-se a experiência dos leitores e suas preferências. Por outro lado, o mundo também conta como suporte ou pano de fundo para a compreensão da leitura, à medida que os valores, conceitos e normas vão se alterando, o que faz com que o leitor mude a partir das mudanças sociais, ou seja, as transformações sociais também exercem influência na prática leitora e na compreensão dos leitores, pois o que outrora foi aceito como verdadeiro, pode deixar de ser, neste sentido, ler é uma atividade hermenêutica, que exige a observação dos tempos e espaços do autor e da produção. (CHARTIER, 1988).

Diante do exposto, a compreensão que deve nortear a leitura dos livros propostos para este trabalho, é uma leitura autônoma, todavia considerando a discussão e o contexto de produção das respectivas obras. Posto que a Sociologia da leitura, ver que “o acto de leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto, nem os comportamentos vividos nas interdições e nos preceitos que pretendem regulá-los” (CHARTIER, 1988, p. 136). Portanto, a atividade leitora é uma atividade integrada a vida cotidiana, mas que não se confunde com esta,

pois as produções apesar de retratarem a realidade, não são reais, todavia servem de suporte para se pensar e estimular a imaginação sociológica.

## 2.4 LITERATURA, SOCIOLOGIA E DESIGUALDADE SOCIAL

Discutir as relações entre Sociologia e Literatura é compreender que há entre estas áreas do conhecimento mais proximidade do que distanciamento, ou seja, é possível enriquecer tanto o debate literário, quanto o sociológico, pois a discussão sobre a realidade social permeia ambas as disciplinas, pois “tanto a sociologia como a arte e a literatura podem operar análises do mundo social moderno, elas o fazem com capacidades variadas.” (GRISWOLD, 2018, p. 102).

Neste sentido, é possível discutir as percepções da Sociologia e Literatura em defesa de uma formação omnilateral, como discutida por Manacorda (1991), e sob análises distintas e complementares, o que resultará numa formação mais sólida e significativa, de modo a enriquecer o debate sociológico e ampliar os horizontes de interpretação e compreensão literária, visto que

Com as Artes, no caso específico, a Literatura (Brasileira e Portuguesa) a simbiose é mais acentuada. Não há teoria estética, história da arte, crítica literária que prescindam inteiramente de fundamentos sociológicos. O contexto social, o público, por exemplo, é um elemento impossível de se ignorar quando está em causa o estudo da obra de arte. Por outro lado, parte do exercício de compreensão da sociedade feito pelas Ciências Sociais só foi possível com o recurso a obras de arte, em especial à Literatura, e não haveria exagero em dizer que muita obra literária é animada por uma perspectiva sociológica, mas infelizmente os sociólogos raramente incorporam uma perspectiva literária quando escrevem (OCN, 2006, p. 114).

Nesse sentido, a interdisciplinaridade é uma realidade possível, entre Sociologia e Literatura, posto que os fundamentos dessas áreas em alguma medida se relacionam e se complementam, favorecendo uma aprendizagem mais sólida e ampla. Além disso, o mundo social pode ser apreciado e discutido sob diferentes óticas e enfoques, o que reforça o caráter plural da produção e reprodução do conhecimento, assim a abordagem de temas, teorias e conceitos sociológicos podem ser explorados a partir da Literatura, visto que

a possibilidade de tomar o autor literário como um analista da cultura, como um ator social cujo ofício lhe coloca, como um sismógrafo, em posição de apanhar determinados movimentos, quer estejam em seu momento incipiente, quer estejam já claros e amadurecidos, e construí-los literariamente (TEIXEIRA, 2020, p. 27).

Portanto a Literatura permite “dizer o que de outra forma é indizível e... contradizer” (GAUDEZ, 2018, p. 120). Deste modo é possível contribuir com o fortalecimento e discussão da Sociologia, a partir da abordagem literária, na medida em que a leitura estimula e amplia as percepções sobre a realidade, a qual não é um dado da natureza, mas uma construção social e histórica, que pode ser analisada, compreendida e modificada, pelos sujeitos que atuam na vida cotidiana.

A discussão da obra literária e a análise sociológica não deve ser apenas de caráter especulativo ou ilustrativo. É preciso articular os elementos externos e internos à obra, a fim de desenvolver uma sociologia da literatura, pois

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CÂNDIDO, 2006, p. 13-14).

Ademais, a construção do saber sociológico passa estritamente pelo saber “ler as realidades”, pela percepção que cada indivíduo constrói de si e do outro, nas inúmeras relações sociais. Para tanto, a leitura é imprescindível na formação de um sujeito crítico e consciente como descreve a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, sendo um dos objetivos da Sociologia. Neste sentido é essencial que a prática leitora seja uma constante na vida estudantil, pois

Ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania (VILLARDI, 1999, p. 4).

O que se reverbera na citação acima também é uma das premissas para a consolidação da Sociologia nos currículos escolares, o exercício da cidadania, não como uma construção em abstrato, mas como materialização, que pode ser compreendida como a possibilidade do sujeito se reconhecer, atuar e modificar a realidade em que está inserido, vinculando leitura e percepções sociológicas sobre o cotidiano, a fim de compreender a vida social, e, a partir dos subsídios teóricos e práticos, modificar a vida material.

Enquanto instituição formadora de sujeitos críticos e autônomos, a escola deve estimular o exercício da prática leitora, uma vez que ler é um exercício pertinente a todo o currículo, o que possibilita maior compreensão da realidade e fomenta ao pensamento crítico e criativo. Todavia,

Se a prática da leitura não está incorporada, o desenvolvimento da cidadania também fica comprometido. Se não se lê, não se pode aumentar o repertório crítico. Sem a crítica, o poder de julgamento fica limitado e a capacidade de intervenção e inserção cultural, também (LOIS, 2010, p. 19).

O docente deve considerar o indivíduo não como um espaço vazio a ser preenchido ou como uma matéria bruta a ser lapidada, mas como sujeito marcado por condições sociais, históricas, temporais e espaciais. Neste sentido, é possível compreender as relações das juventudes, a partir do diálogo entre teoria sociológica, Literatura e conhecimento empírico do sujeito-leitor.

A análise de uma sociologia da literatura “não se trata de afirmar ou negar uma dimensão evidente do fato literário; e sim, de averiguar, do ângulo específico da crítica, se ela é decisiva ou apenas aproveitável para entender as obras particulares” (CÂNDIDO, 2006, p 21). Ademais, é preciso compreender a Literatura em um “horizonte histórico de seu nascimento, função social e efeito histórico” (JAUSS, 1994, p. 20), pois a percepção da realidade cotidiana passa pela análise interdisciplinar dos saberes, à medida que há conhecimentos que se complementam, nesta discussão, Sociologia e Literatura.

A relação entre os campos de atuação da Sociologia e da Literatura não podem ser vistos como um problema, ou seja, “como se à literatura sempre coubesse o estudo dos textos; à sociologia, o estudo de seus condicionantes sociais” (BOTELHO; HOELZ, 2016, p. 274). Em sentido contrário, defende-se que essas disciplinas sejam trabalhadas como complementares, numa visão interdisciplinar, à medida que a leitura contribui para a discussão dos temas tratados nos textos e livros, permitindo ampliar horizontes e compreender com mais clareza temas, teorias e conceitos caros a Sociologia.

Perceber a escola como espaço de debate e confrontação de crenças, valores e ideologias é essencial para a compreensão de uma sociedade plural e menos intolerante, preconceituosa e discriminadora. Todavia, a escola deve ser percebida como um espaço de formação, de um pensamento crítico, mas também como um sistema que legitima e reproduz desigualdades, assumindo, deste modo um caráter contraditório, pois

O sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da “ordem social” uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força (BOURDIEU, 2001, p. 311).

Diante do exposto, é fundamental que o trabalho escolar compreenda as discussões sobre as desigualdades sociais, que permeiam o cotidiano, a fim de refletir como as relações de poder e força se manifestam de modo velado nas práticas materiais, mantendo o *status quo*, ou seja, a exploração e manipulação da maioria. A escola, por vezes pode reforçar, reproduzir e contribuir para essas desigualdades, ainda que de forma não intencional. O que por sua vez alimenta a “estratificação social, o modo como a sociedade está organizada em camadas ou estratos. (...) Um dos aspectos mais fundamentais da vida social” (BRYM, 2008, p. 179). Portanto, a discussão sobre os aspectos que marcam as desigualdades sociais é essencial para a compreensão da vida na sociedade capitalista.

Discutir desigualdade social no âmbito da escola é fundamental para o entendimento do ser e estar no mundo, ainda mais sendo o sistema educacional brasileiro um campo marcado por disputas, em que visões de mundos e valores se digladiam, pois são políticas públicas marcadas por tensões. Além disso, a luta por educação pública e pela própria inclusão da Sociologia, como disciplina curricular obrigatória, caracteriza esses dilemas da educação no Brasil. Neste sentido,

quais são as fontes das desigualdades sociais? (...) Existem determinados padrões sociais que constituem a base e dão forma a essa distribuição de vantagens e desvantagens? (...) A desigualdade social tem consequências importantes para o modo como vivemos) E o que dizer acerca da segunda mensagem de Titanic: as pessoas podem agir no sentido de diminuir o nível de desigualdade na sociedade? Em caso afirmativo, como? (BRYM, 2008, p. 179).

Portanto, a discussão em torno da desigualdade social caminha *pari passu* a outras questões, uma vez que os problemas da contemporaneidade não estão isolados. Neste sentido, o modo de produção capitalista, que transforma tudo em mercadoria é determinante para a discussão e compreensão da temática discutida. “O único motivo que determina o possuidor de um capital a empregá-lo [...] é o ponto de vista do seu próprio lucro” (MARX, 2004, p.46). Dentre outros motivos, a busca pelo lucro é uma das molas propulsoras da desigualdade social, visto que o intuito do modo de produção capitalista é a exploração e obtenção de lucro.

É papel das instituições escolares a discussão acerca da desigualdade social e de suas implicações para a vida dos indivíduos. Assim, a Sociologia estaria mais próxima de elucidar uma consciência da vida em sociedade, o que perpassa a compreensão da desigualdade social e

da estratificação, pois são fenômenos que influenciam direta e significativamente no exercício da cidadania (FIGUEIREDO, 2011).

Portanto, pretende-se com este trabalho discutir as implicações das desigualdades sociais, as percepções que os jovens apresentam sobre este tema, por meio da discussão literária e sociológica, mediada pela leitura, a partir do estranhamento e desnaturalização dos fenômenos sociais, deste modo, “o conhecimento traria uma característica emancipatória posta na formação da consciência livre; do sujeito capaz de pensar por si mesmo, sem o recurso à razão alheia” (BOTO, 2003, p. 741).

A relação entre Literatura e Sociologia é um campo que *a priori* mostra-se como um espaço de disputas e de rupturas, como se fossem campos opostos do saber, as quais tendem a divergirem, pois “desde a metade do século XIX, a literatura e a sociologia disputam a primazia de fornecer a orientação-chave da civilização moderna” (LEPENIES, 1996, p. 11). Logo, a produção literária e o conhecimento o sociológico se configurariam como concorrentes, ou seja, disciplinas separadas, que a seu modo tentam compreender a realidade e o conhecimento sobre os aspectos sociais.

O desafio da Sociologia da Literatura seria apresentar “um corpo de leis e de regras que todo pesquisador poderia conhecer e as quais deveria respeitar” (LEENHARDT, 2018, p. 33), o que reverbera também na dificuldade de se limitar balizas institucionais que aproximem Sociologia e Literatura. Todavia, esses desafios não impedem que o conhecimento literário e sociológico caminhe *pari passu*, pois são áreas que possuem inúmeras convergências, à medida que se percebe como o fenômeno literário fornece matéria para a discussão sociológica, uma vez que a Literatura mostra seu caráter epistêmico, capaz de subsidiar a compreensão do mundo social e do modo como a Sociologia pode compreendê-lo (TEIXEIRA, 2018).

Apesar desta discussão e aparente disputa entre Sociologia e Literatura, é possível compreender o diálogo e convergências entre estas áreas, a fim de subsidiar o entendimento entre si, pois a sociologia da literatura é capaz de evidenciar as dimensões culturais que estão constituídas nas obras literárias, e como elas surgem na configuração dos universos e representações simbólicos, que são relativamente heterogêneos (PRIVAT; SCARPA, 2009). Desse modo, torna-se possível a construção do conhecimento do mundo social capaz de emergir da simbiose entre Literatura e produção do conhecimento sociológico.

Ademais, a literatura atua como intérprete da realidade social que é construída, o que possibilita e interessa à sociologia, embora com uma abordagem própria das ciências sociais (TEIXEIRA, 2018). A relação entre os elementos essenciais da compreensão literária, quais

sejam, autor, leitor e texto são fundamentais para o entendimento sociológico, pois torna-se “um espaço mental ficcional em torno do qual podem-se cristalizar as diferentes formas do mundo, modificando as representações sociais” (LEENHARDT, 2018, p. 42). Assim, a interação entre obra, leitor mediada pela Literatura e leitura é um campo propício e fértil para o trabalho e produção do conhecimento sociológico, o que por sua vez reafirma a proximidade que há entre estas disciplinas, posto que o exercício literário dimensiona o cotidiano sociocultural.

A discussão de uma Literatura moderna é capaz de mostrar que a Sociologia, embora estabelecida como uma ciência, não exaure ou não possui o predomínio da compreensão cognoscente da realidade social. Todavia a Literatura pode contribuir para o entendimento do mundo social, apesar de fazer isto por meios distintos e próprios, posto que “se tanto a sociologia como a arte e a literatura podem operar análises do mundo social moderno, elas o fazem com capacidades variadas.” (GRISWOLD, 2018, p. 102). Portanto, o espaço da sociologia da literatura é um campo de percepções distintas, mas que possibilitam uma análise mais profunda e detalhada do objeto estudado, como se pretende desenvolver nesta intervenção pedagógica, através da sequência didática proposta.

Compreender a sociologia da literatura exige entender o que se define por Literatura, embora apresente-se mais de um conceito possível, a Literatura é associada a produção de narrativas que discutem a realidade, mas são ficções. Entretanto, há uma crítica em recorrer ao conhecimento literário para a compreensão e desenvolvimento das análises sociológicas,

o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular, mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros (EAGLETON, 2006, p. 16-17).

Apesar dos desafios mencionados, a Literatura é uma fonte para o debate sociológico, pois a discussão da realidade social pela Sociologia não é apresentada como um conhecimento absoluto, mas sim como uma interpretação plausível do mundo real, dando ênfase as interpretações que produzem sentido, tornando-se narrativas de narrativas. Por outro lado, a pesquisa não busca a descrição de fatos reais, evidencia a construção de textos que tratam sobre o que é construído socialmente, mas que mantêm separado interpretação e realidade (MELUCCI, 2005).



Portanto, a Literatura se mostra capaz de fomentar e auxiliar a compreensão sociológica, todavia não substituindo-a, pois são áreas com saberes e métodos próprios, que não se excluem mutuamente. Portanto, a

Literatura não é sociologia, nem é realidade, mas certamente pode ser um instrumento de potencialização de nossa imaginação sociológica. Não se trata de substituir uma pela outra, mas de refletir sobre os mecanismos de construção de cada uma e as influências recíprocas entre elas (SOARES, 2014, p. 90).

Portanto, a Literatura não se confunde com a Sociologia, todavia este pode ser compreendida a partir daquela, uma vez que as narrativas literárias, entendidas como produções de ficção, que surgem da realidade são capazes de estimular a imaginação sociológica, pois o próprio conhecimento também é fruto de uma produção social, assim como a Literatura. Ademais não se questiona os objetos estudados nestas disciplinas, mas como o conhecimento literário pode contribuir para a compreensão da realidade social, sobretudo a partir da interdisciplinaridade.

## 2.5 DESIGUALDADES SOCIAIS – INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

As discussões que envolvem desigualdades sociais, no pensamento social brasileiro, não apresentam uma visão uniforme, mas em sentido contrário, quer dizer que autores e posições distintas discutem e debatem a questão social no Brasil, sobretudo no que se refere à desigualdade social nos aspectos econômicos e acesso a bens de serviço e consumo. Neste sentido, os livros *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *Seara Vermelha* de Jorge Amado são fontes para se discutir esta questão, uma vez que está presente nestas narrativas a face mais nítida das desigualdades sociais no Brasil, o que será trabalhado mediante a intervenção pedagógica.

A questão social, ou seja, a constituição da sociedade brasileira, se manifesta de várias maneiras e permeia toda a história do país, embora tratada de forma diferente a depender do regime político adotado, as desigualdades sociais sempre estiveram postas, e podem se reverberar através das

controvérsias sobre o pacto social, a toma de terras, a reforma agrária, as migrações internas, o problema indígena, o movimento negro, a liberdade sindical, o protesto popular, o saque ou a expropriação, a ocupação de habitações, a legalidade ou ilegalidade dos movimentos sociais, as revoltas populares e outros temas da realidade nacional (IANNI, 2004, p.103).

Dentre as temáticas da realidade brasileira, citadas por Octávio Ianni, é possível a partir das obras selecionadas fomentar o debate de como esta questão encontra-se no cotidiano, tomando a Literatura não como substituta da Sociologia, mas como fonte de possibilidade para imaginação sociológica. Através da realidade discutida nos livros, as desigualdades sociais estão evidenciadas, pois se apresentam, seja pelas migrações internas, necessidade de reforma agrária, seja pela expropriação do trabalho e outros.

Compreender o desenvolvimento da sociedade no Brasil, envolve a construção de uma linha do tempo da economia nacional, desde a produção escravocrata até a industrialização do país, o que ainda é incipiente. Todavia, o período da escravidão deixava claro as desigualdades sociais, posto que o negro era tido como coisa, mas com o advento da abolição e do trabalho assalariado, tal questão passou a ser negligenciado, ou seja, foi possível disfarçar as desigualdades que marcam a relação entre as classes no Brasil. Além disso, as políticas adotadas para minimizar este problema eram paliativas, pois se sustentavam em assistencialismo e repressão e não atingiam a origem do problema (IANNI, 2004).

Ao analisar a evolução da sociedade brasileira, em especial, na produção econômica, percebe-se uma disparidade entre índices econômicos e distribuição de renda, acesso a bens de serviço e consumo, o que favorece e aumenta as desigualdades sociais, visto que

a sociedade brasileira caracteriza-se pela maior discrepância existente no mundo entre seus indicadores econômicos e seus indicadores sociais. Aqueles, situando o Brasil como a oitava potência econômica do mundo ocidental, se aproximam dos níveis dos países industrializados da Europa, enquanto os indicadores sociais se aproximam do nível dos países menos desenvolvidos do mundo afro-asiático (JAGUARIBE, 1986, p. 187).

Por outro lado, a questão social no Brasil foi tratada como se o indivíduo fosse responsável pelo seu fracasso, pondo como centro do debate a necessidade de eliminar o ócio e tornar o trabalho como mecanismo principal de combate às desigualdades sociais, de modo que a preguiça e ociosidade passaram a ser vistas como repulsa pela elite política, econômica e parcela dos intelectuais. Entretanto, deve-se considerar que o modo de produção capitalista, alimenta-se das condições precárias de trabalho, de subemprego e da concentração de renda, o que faz das desigualdades sociais uma situação essencial para manter o *status quo* (IANNI, 2004).

Portanto, o trabalho com os livros citados, através da intervenção pedagógica, que discute as desigualdades sociais, vislumbra a discussão em torno de como esta questão foi

construída e discutida no Brasil, além de apontar suas implicações. A fim de fomentar o olhar para a maneira como se deu o desenvolvimento nacional,

Os mesmos “indicadores econômicos” da modernização alimentam-se dos “indicadores sociais” da “sociedade primitiva”. Os setores sociais “participantes” têm uma base na exploração dos “excluídos”. Em outros termos, a mesma sociedade que fabrica a prosperidade econômica fabrica as desigualdades que constituem a questão social (IANNI, 2004, p.121).

Em relação as possibilidades e como as desigualdades se manifestam, sabe-se que o mesmo objeto ou conceito pode ter valor diferente, a exemplo da terra, que representa o valor para o latifundiário, mas para o trabalhador rural é uma forma de sobrevivência. Embora, procure-se ocultar a questão social no Brasil ou ainda negar sua existência, o que é inevitável, pois “o povo sabe que as desigualdades sociais, políticas, econômicas, culturais, raciais, religiosas, entre os sexos e outras atuam abertamente. Isso sabe o índio e o caboclo, o negro e o mulato, o amarelo e o branco, o homem e a mulher, o operário e o camponês” (IANNI, 2004, p. 168).

Portanto, o debate sobre desigualdade social no Brasil passa pela compreensão e evolução das bases da economia nacional e de como esta problemática foi vista, ora de modo claro, durante o período escravocrata, ora de forma velada, com a industrialização. Todavia, o que ainda se mantém e pode ser discutido através deste trabalho é a compreensão de como a desigualdade social se coloca no cotidiano, para tanto far-se-á uso da Literatura como fonte do conhecimento para a discussão sociológica.

## 2.6 JUVENTUDES: CONCEPÇÕES E POSSIBILIDADES

Juventude é um conceito que gera reflexões, por abarcar diferenças em um mesmo país, tendo em vista as dimensões distintas que marcam as diferentes maneiras de ser jovem, desde fatores geográficos a fatores econômicos. Desse modo, percebe-se que os conceitos são produções sociais humanas e com as marcas distintas que permeiam os jovens. Além disso, cada geração de jovens experimenta e vivencia momentos únicos, os dilemas, desafios de outrora mudam com o decurso do tempo, não no sentido de ser mais fácil ou mais difícil ser jovem em uma determinada época, mas sim compreender que são momentos e experiências singulares.

A definição proposta pela Lei nº 8.096/90, que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), apresenta um conceito técnico-jurídico, pois trata da criança e do

adolescente, a fim de resguardar direitos e garantir obrigações do Estado para com estes sujeitos de direitos, limitando à adolescência aos 18 anos incompletos, entretanto o conceito apresentado pelo ECA delimita o que é adolescência, mas não o que é juventude. É preciso perceber que as juventudes são marcadas por mudanças de natureza social, econômica, cultural, que se modificam a depender das classes sociais, das disputas políticas, das políticas públicas adotadas, situadas no tempo e espaço ímpares (UNESCO, 2004).

A juventude tende a ser vista como uma etapa transitória e o jovem como um indivíduo que ainda irá se desenvolver, carregada de visões pré-estabelecidas que giram em torno de hábitos negativos, como se os jovens fossem por natureza irresponsáveis, imaturos e inconsequentes, e que o tempo teria a incumbência de moldar essa categoria social de acordo com os ditames das sociedades e da vida adulta, da qual deverão participar. Para Dayrell (2003):

a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Sob essa perspectiva, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade (DAYRELL, 2003, p. 40-41).

Neste sentido, nega-se a juventude com suas múltiplas facetas, singularidades e perspectivas, ao passo que os jovens são tratados como sujeitos do futuro, que vivenciam uma etapa que liga à infância a fase e vida adulta, negligenciando, deste modo, os desafios, valores e posições desse sujeito, condicionando as mudanças esperadas e vendo as tensões dos sujeitos definidos como jovens sobre um aspecto cronológico, em que o tempo encarregar-se-á de resolver a sua formação e adequação à vida adulta. Logo, as relações entre os jovens e a sociedade é tida no sentido da mudança “natural” com o decurso do tempo, vendo-os como sujeitos incompletos (SALEM, 1986).

A discussão da categoria social das juventudes numa perspectiva sociológica está atrelada a duas posições distintas, a saber, as determinações que são impostas pela faixa etária e a outra pela diversidade social que permeiam os grupos heterogêneos dos jovens, aquela é uma discussão que privilegia aspectos comuns entre os jovens adotando um recorte de caráter etário para delimitar, conceituar e compreender as categorias juvenis, essa por sua vez, percebe os jovens nas suas multiplicidades que são marcadas por condições materiais distintas, os quais afetam e são afetados por valores, crenças e realidades peculiaridades, as quais condicionam e impõem restrições as diferentes classes e categorias de jovens (GROPPO, 1990).

Ademais, é preciso compreender que a juventude não se confunde com adolescência, pois esta é relacionada de imediato com a psicologia e aquela com a sociologia. Por outro lado,

os jovens eram, para a sociedade capitalista industrial, tidos como sujeitos que ameaçavam a paz social e a normalidade da sociedade produtiva, por isso mereciam ser tratados com disciplina (CASSAB, 2011). Todavia, essa concepção de juventude esconde os sujeitos que estão envolvidos nesse processo, como se todos fossem iguais e apresentassem dilemas comuns, o que por sua vez nega a heterogeneidade que está embutida nas juventudes. Como percebe Cassab (2011):

O momento da juventude era completamente esvaziado de esperança e do sentido do futuro, pois eram vistos apenas como uma potencial ameaça. Dessa maneira, enquanto os jovens da burguesia eram liberados do trabalho e constantemente supervisionados pela família e pela escola, os filhos de operários, afastados da escola, eram precocemente inseridos no mundo do trabalho, quando não incorporavam a figura do delinquente (CASSAB, 2011, p. 153).

Desse modo, é possível perceber como as juventudes são tratadas, em um contexto de desigualdades, como ameaça para a coesão social e desconsiderando suas singularidades, como se apenas a divisão em classes sociais fossem os fatores determinantes na vida dos jovens e os dilemas de cada um desses grupos fossem únicos. Por isso, não se pode tratar os jovens como sujeitos homogêneos, uma vez que afetam e são afetados de forma diferentes a partir das condições materiais que estão inseridos, bem como pela própria classe social pertencente, o que não representa desafios comuns, pois cada sujeito carrega subjetividades e interações peculiares, as quais são reflexo do eu, meio e o outro (GROPPO, 1990).

Diante das singularidades que marcam as juventudes de maneira particular, uma vez que os jovens devem ser vistos na sua pluralidade e como categoria múltipla, logo é preciso discutir “não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também - e principalmente - as diferenças sociais que entre eles existem” (PAIS, 1990, p. 140).

## 2.7 CIDADE, ESCOLA E PERFIL DOS ESTUDANTES

Para compreensão do público que participou deste trabalho é importante considerar e conhecer a cidade, a escola e algumas características que acompanham estes jovens, neste sentido, destaco a seguir alguns aspectos pertinentes, com o fito de apresentar um panorama dos envolvidos diretamente na referida pesquisa. Itarema-CE, cidade localizada no litoral oeste do Estado do Ceará, com uma população de 37471 (2010), mas estimada em 42.595 habitantes (2021), IDH 0,606 (2010). No que diz respeito ao trabalho e renda, o município apresenta média

salarial de 2 salários mínimos para os trabalhadores formais (2019), 3320 trabalhadores formais, o que representa 7,9% da população (2019), 57,4% da população possui rendimento nominal mensal entre 1 e 2 salários mínimos (2010), os quais são na maioria aposentadorias rurais (IBGE, 2010).

Em relação aos índices escolares, o município de Itarema apresenta 96% de taxa de escolarização, considerando a população entre 6 e 14 anos (2010); o IDEB nos anos iniciais do ensino fundamental foi de 6,5 e nos anos finais de 4,8 (2019); as matrículas na etapa do ensino fundamental foram de 6551 e no ensino médio de 2093 (2020); o número de professores corresponde a 413 no fundamental e 147 no ensino médio e o número de escolas da cidade são de 51 escolas de ensino fundamental e 10 de ensino médio, dos quais há 8 escolas públicas e 2 particulares (IBGE, 2010).

A economia municipal divide-se entre atividades relativas à pesca, à agricultura, à indústria, ao comércio, aos serviços de informática, serviço público e empreendedorismo e outros. Essa variedade de fontes de renda, evidencia uma economia diversa, de formação e de perspectivas da população itaremense, o que por sua vez reflete nas expectativas dos estudantes, pois as demandas e ofertas da cidade influenciam as escolhas e projetos de vida dos alunos, uma vez que as condições materiais e a realidade local são fatores que incidem no desenvolvimento pessoal e cognitivo dos discentes (IBGE, 2010).

### **2.7.1 Escola e perfil socioeconômico dos estudantes**

A Escola Estadual de Educação Profissional Professora Rosângela Albuquerque de Couto simboliza uma conquista para a cidade de Itarema, visto que representa a consolidação de um desejo da comunidade, que consiste na oferta de uma educação que articule ensino médio e formação técnica, o que por sua vez reflete na inserção dos jovens no ensino superior e mercado de trabalho. As escolas de Educação Profissional são propostas da rede estadual da educação cearense que vislumbra a educação omnilateral, no caso da realidade itaremense, essa política configura-se como uma possibilidade de sucesso escolar, à medida que os jovens passam a estudar em tempo integral e com um currículo articulado com a formação profissional.

A escola oferta quatro cursos de educação profissional, a saber: Técnico em Redes de Computadores, Técnico em Desenho da Construção Civil, Técnico em Eventos, Técnico em Contabilidade, que fazem, respectivamente, parte dos seguintes eixos tecnológicos: Informação e Comunicação; Infraestrutura; Turismo, hospitalidade e lazer; Gestão e Negócios, a escolha

reflete as ofertas econômicas da cidade, pois os eixos tecnológicos contemplados consideram a realidade socioeconômico do município de Itarema. No ano de 2022, a escola optou pela mudança do curso de Contabilidade para o curso de Administração, o qual também pertence ao eixo de Gestão e Negócios, essa mudança ocorreu pela necessidade de adequação ao mercado de trabalho, considerando a oferta e demanda.

A comunidade discente, em sua maioria, são jovens, filhos da classe trabalhadora, o que representa a maior parte da realidade econômica e social da região, uma vez que grande parte desses alunos são da zona rural e seus pais têm baixa escolaridade e dificuldades econômicas. No que se refere ao perfil dos estudantes da EEEP Prof.<sup>a</sup> Rosângela Albuquerque de Couto, destaca-se um perfil socioeconômico comum, como se percebe nos gráficos a seguir, o que representa a pluralidade que marca a cidade de Itarema.

A EEEP Professora Rosângela Albuquerque de Couto é uma escola da rede estadual do Ceará, que integra a modalidade de escolas de Educação Profissional, este atributo torna a referida instituição, em um espaço específico de aprendizagem e em alguma medida diferente das demais escolas da rede estadual. Estas diferenças concentram-se: no processo de ingresso dos estudantes, o que se dá mediante edital de seleção e que leva em conta o histórico de notas no ensino fundamental; espaço e estrutura diferenciados, pois a escola conta com auditório, biblioteca ampla, laboratórios e outros espaços pedagógicos; os estudantes têm uma carga horária de 9 h/a diárias e uma formação técnica acontece de forma integradas ao ensino médio regular; a currículo dispõe de uma base diversificada, a exemplo dos Horários de Estudos e Círculo de Leitura e Projetos Interdisciplinares, inclusive estes momentos foram fundamentais para a realização das leituras empreendidas. Estas situações contribuíram direta e significativamente para a realização deste trabalho.

Para obter dados mais gerais e objetivos dos estudantes, que participaram da Sequência didática, foi aplicado um questionário, a partir do qual foi possível conhecer fatores de ordem familiar, econômica, educacional e social que contribuem para a formação dos jovens que fazem parte desta pesquisa. O questionário é constituído por 19 questões objetivas, aplicado por meio eletrônico, através do google formulário, no mês de fevereiro de 2022, dois meses antes do início da intervenção. Das turmas da 3<sup>a</sup> série A e B<sup>3</sup>, que participaram da intervenção

---

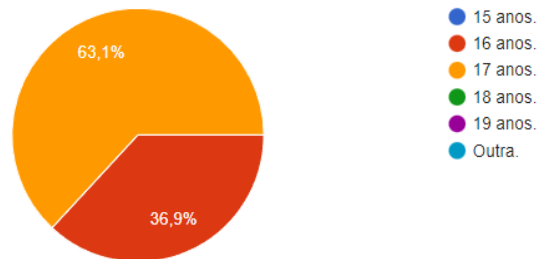
<sup>3</sup> No que se refere a escolha das turmas 3<sup>a</sup> série A e B, os motivos foram devidos as especificidades do currículo de cada turma/curso, pois há turmas com mais aulas de Horário de Estudos e Projetos Interdisciplinares, o que possibilitou a realização desta pesquisa com mais profundidade, além da lotação nestas respectivas turmas.

pedagógica, 65 alunos responderam ao questionário de forma completa, em um universo de 85 alunos. Todas as respostas foram incorporadas para análise a seguir.

Os estudantes, da 3ª série do ensino médio, que participaram da intervenção pedagógica estão na faixa etária entre 16 e 17 anos, dos quais a maioria são mulheres, 64% dos discentes, como se ver nos gráficos 1 e 2 respectivamente.

*Gráfico 01 – Idade dos alunos*

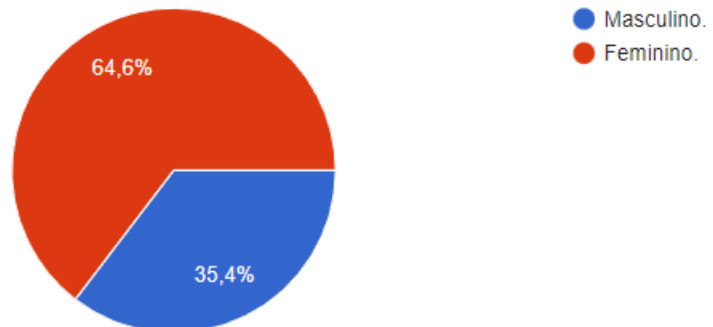
65 respostas



Fonte: elaboração própria

*Gráfico 2 – Sexo dos estudantes*

65 respostas



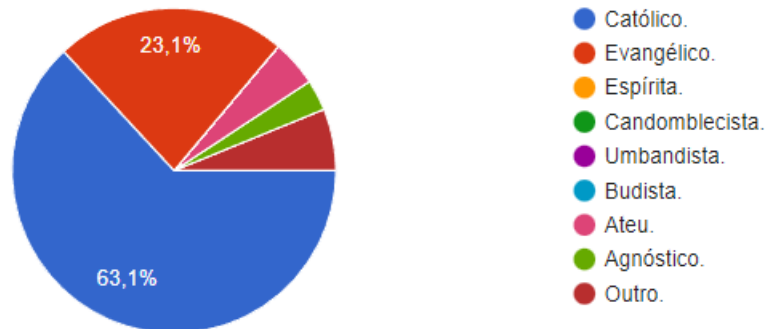
Fonte: elaboração própria

Em relação a religiosidade, a 63,1% identifica-se como católicos, seguidos por evangélicos, além de alguns identificarem-se como ateus e agnósticos, neste sentido percebe-se que o fenômeno religioso e a instituição Igreja estão presentes na formação desta juventude, como se percebe no gráfico 3.



Gráfico 3 – Religião predominante entre os alunos

65 respostas

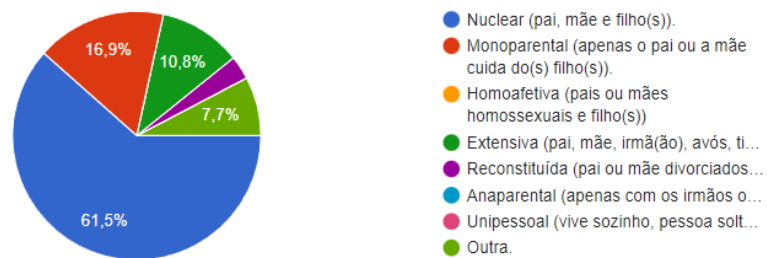


Fonte: elaboração própria

Em relação à composição familiar 61,5% é composta pelo modelo de família nuclear, seguido pela modelo monoparental e extensiva, além de alguns estudantes já constituírem sua própria família, no papel de marido ou esposa, como se constata no

Gráfico 4 – Composição familiar

65 respostas

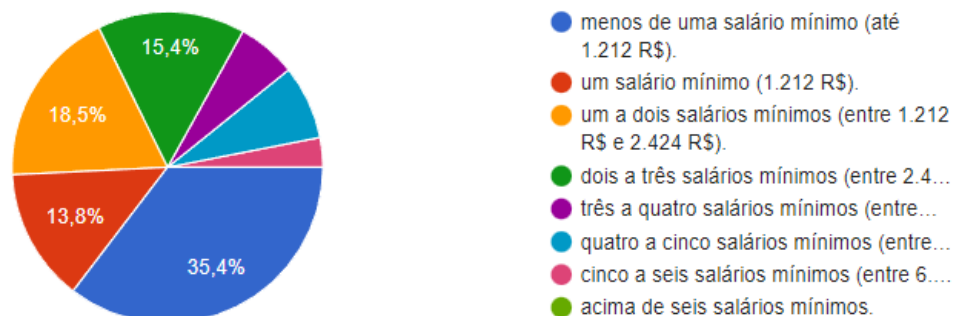


Fonte: elaboração própria

No tocante à renda familiar é possível perceber que 35,4% das famílias vivem com menos de um salário mínimo, seguido por famílias que recebem entre um e dois salários, entre dois e três salários, entre três e quatro salários e famílias com renda superior a quatro salários mínimos, de acordo com essa realidade é possível perceber como as condições materiais são diversas, o que por sua vez corrobora para a formação humana e cognitiva dos estudantes, pois as possibilidades de acesso a bens de consumo e serviços são múltiplas.

Gráfico 5 – Renda mensal

65 respostas

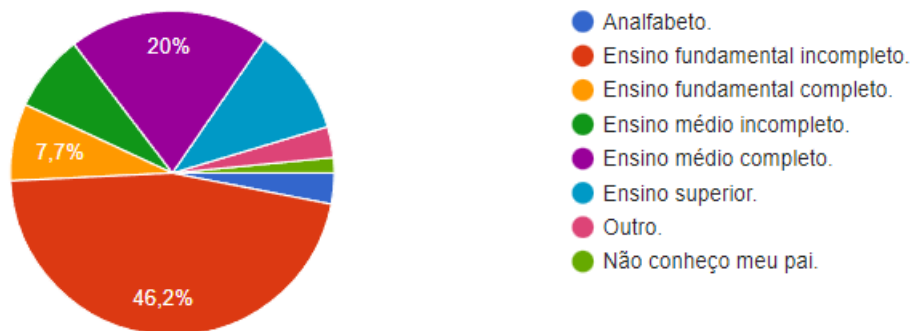


Fonte: elaboração própria

A formação escolar/acadêmica dos pais varia entre ensino fundamental incompleto ao ensino superior, de modo que a maior parte se concentra no ensino fundamental incompleto e no ensino médio completo, mas há também um percentual de pais com o ensino superior completo, o que há de comum entre os pais é a importância da escola na vida dos filhos e as oportunidades que ela pode ofertar, como se vê nos gráficos 6 e 7.

*Gráfico 6 – Formação do pai*

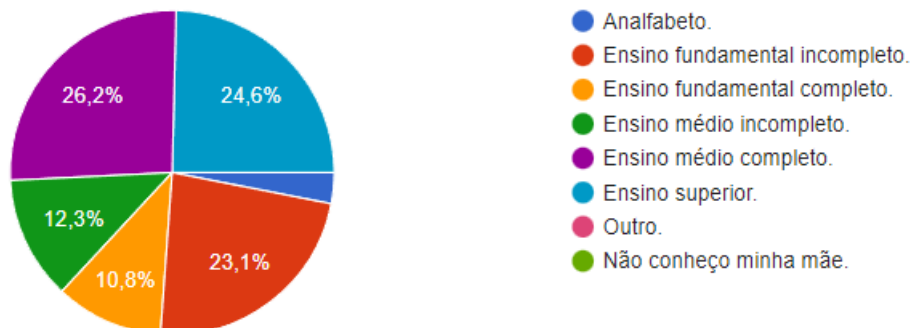
65 respostas



Fonte: elaboração própria

*Gráfico 7 – Formação da mãe*

65 respostas

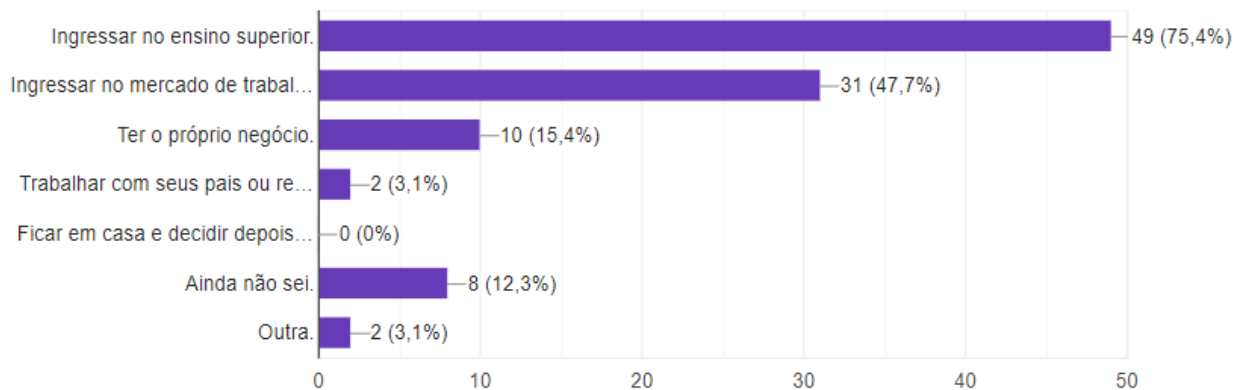


Fonte: elaboração própria

Em relação às expectativas para depois do ensino médio, 75,4% dos discentes esperam ingressar no ensino superior, 47,7% esperar ingressar no mercado de trabalho, além disso outros pensam em trabalhar com os pais, ter o próprio negócio e outros estão indecisos, estes dados mostram que os alunos possuem expectativas, o que nos leva a refutar uma fala do senso comum “de que os jovens de hoje não querem nada”.

Gráfico 8 – pretensão para depois do ensino médio

65 respostas

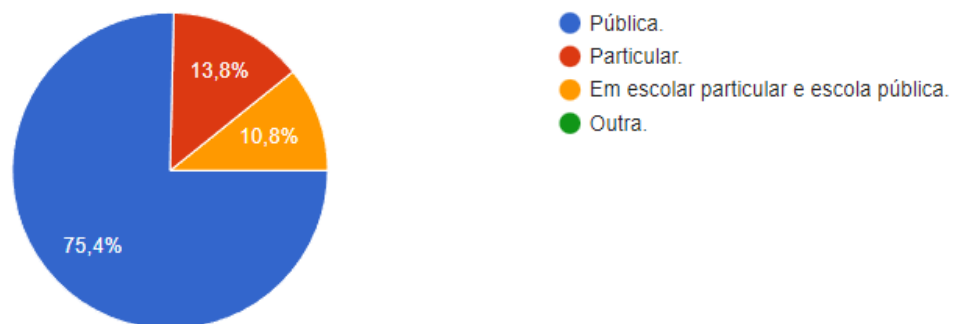


Fonte: elaboração própria

No que diz respeito ao tipo de escola em que cursaram o ensino fundamental 75,4% dos alunos são oriundos de escolas públicas, 13,8% são de escola particular e 10,8% frequentaram ambas escolas, o que reforça a necessidade do serviço público de ensino, bem como apresenta e comprova a origem socioeconômica dos estudantes, como se percebe no gráfico abaixo.

Gráfico 9 – Rede de ensino onde cursou o fundamental

65 respostas

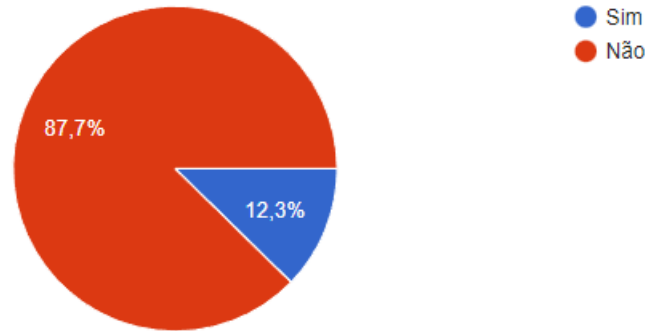


Fonte: elaboração própria

Em relação ao aspecto laboral, os jovens da referida escola ainda não trabalham, exceto situações excepcionais, pois a escola que estudam funciona em tempo integral, todavia 12% dos estudantes desempenham atividades remuneradas, a noite ou finais de semana e ganham uma renda inferior a 500,00 R\$ mensal, como evidencia os gráficos 10 e 11.

65 respostas

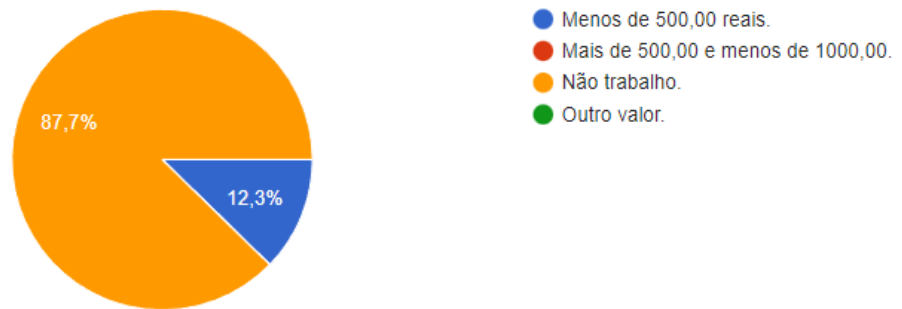
Gráfico 10 – Trabalho



Fonte: elaboração própria

Gráfico 11 – Renda do trabalho

65 respostas

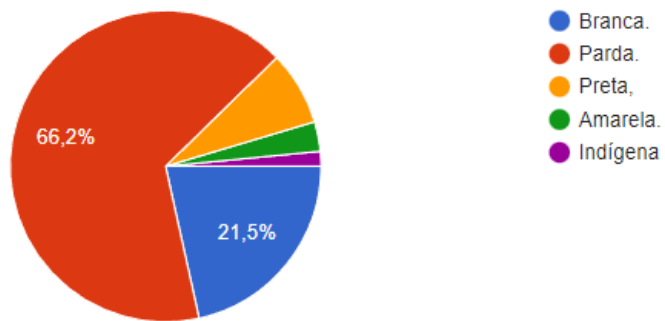


Fonte: elaboração própria

Em relação a cor da pele, os estudantes se declararam 66,2% pardos, 21,5% de brancos, seguido por pretos, amarelos e indígenas. Essa diversidade é fruto das comunidades que compõem a cidade de Itarema, pois há comunidades indígenas e quilombolas, neste sentido a educação também é repleta das nuances dos povos que constituem o corpo discente estudado.

Gráfico 12 – Cor da pele

65 respostas

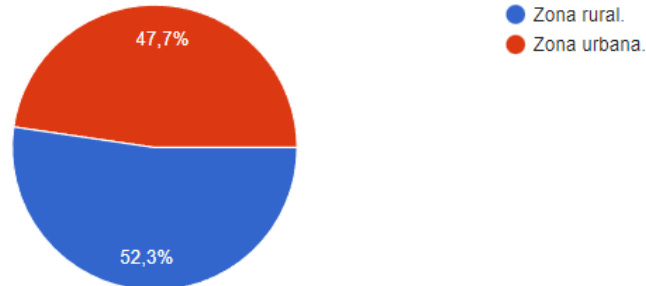


Fonte: elaboração própria

No que diz respeito ao espaço geográfico em que residem, 52,3% são estudantes da zona rural e dependem do transporte público para frequentar a escola, e 47,7% são da zona urbana, realidade que aumentam as culturas juvenis que se encontram no ambiente escolar.

Gráfico 13 – Habitação

65 respostas

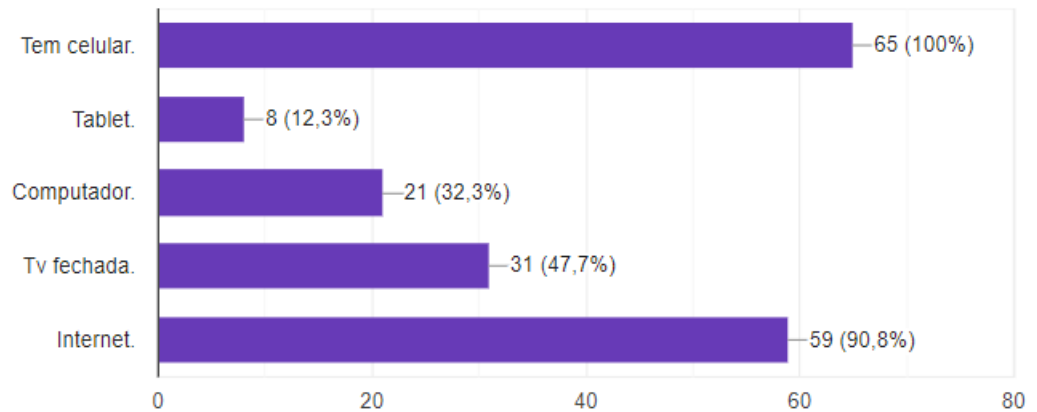


Fonte: elaboração própria

Acerca dos bens de consumo cultural e acesso à internet, os alunos possuem internet em casa, aparelho celular, tablets, TV fechada e computador como mostra o gráfico 14. Em relação ao tempo que dedicam as redes sociais, esse varia entre uma e seis horas diárias de acordo com o gráfico 15, o que reflete uma geração conectada.

Gráfico 14 – Bens e consumo cultural

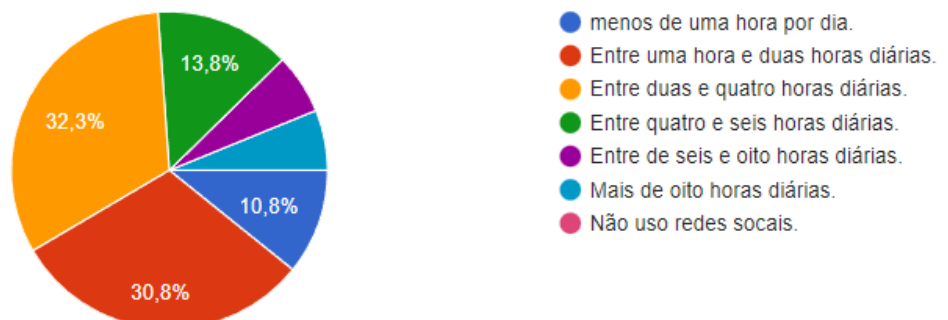
65 respostas



Fonte: elaboração própria

Gráfico 15 – Tempo dedicado as redes sociais

65 respostas

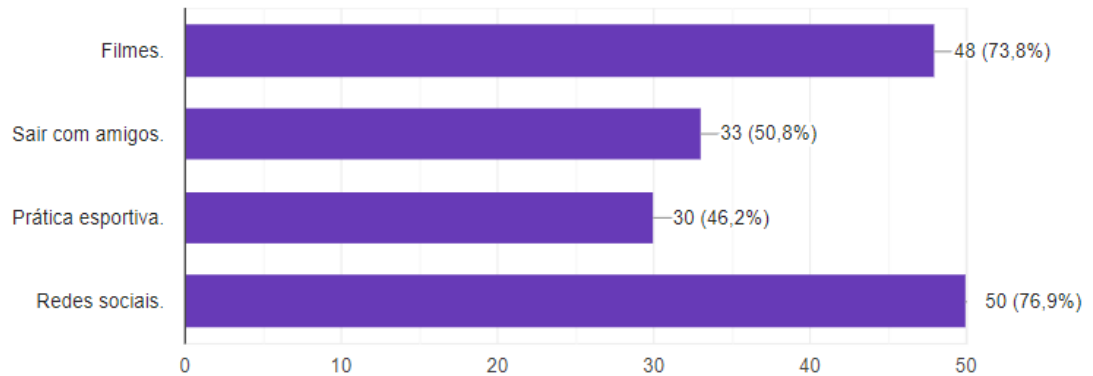


Fonte: elaboração própria

As atividades de lazer entre os estudantes concentram-se em saídas com os amigos, ver filmes e acesso as redes sociais, como evidencia o gráfico 16. No que se refere às fontes de informações, destaca-se os sites, jornais e revistas eletrônicos, além de livros, escola, família e amigos de acordo com o que expressa o gráfico 17.

Gráfico 16 – Diversão e lazer

65 respostas

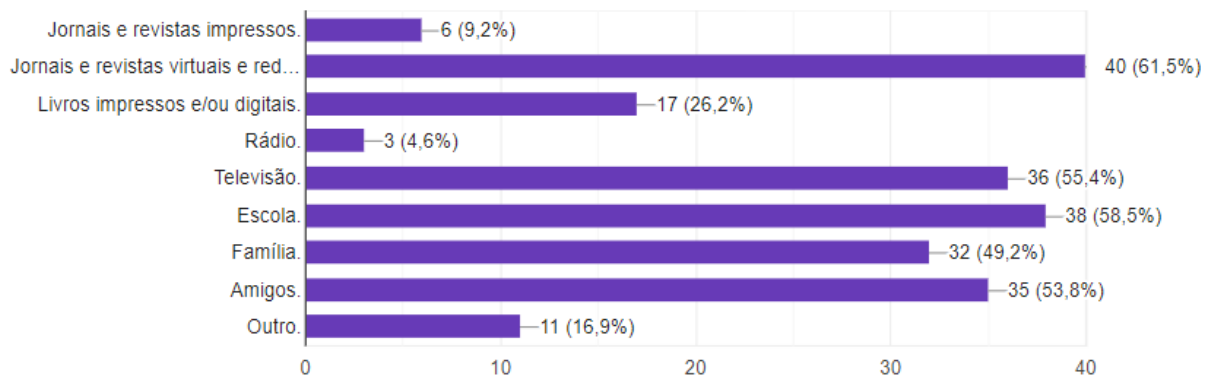


Fonte: elaboração própria

17- Suas principais fontes de informações são?

Gráfico 17

65 respostas



Fonte: próprio autor

Neste sentido, percebe-se que há uma diversidade de perfis na escola pesquisada, especificidades que enriquecem e desafiam o campo de trabalho, tendo em vista as juventudes distintas, o que representa maior necessidade de personalização do ensino e sensibilidade pedagógica por parte do professor, uma vez que os estudantes necessitam e ofertas aprendizagens particulares. Portanto, o desafio é alcançar a maior parte dos alunos, de modo a estimular suas potencialidades e suprimir suas necessidades, a fim de formar sujeitos de forma omnilateral (MANACORDA, 1991).

### **3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA: APRENDIZAGEM COOPERATIVA UMA METODOLOGIA PARTICIPATIVA**

A Aprendizagem Cooperativa (AC) é uma metodologia pedagógica que favorece à construção, produção e reprodução do conhecimento de modo participativo, visto que os estudantes são protagonistas e sujeitos ativos do processo educacional, de modo que o professor atua como orientador dessa experiência. Configura-se numa “metodologia com a qual os alunos se ajudam no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor, visando adquirir conhecimentos sobre um dado objeto” (LOPES & SILVA, 2009, p.4).

Além disso, o trabalho pedagógico desenvolvido a partir da AC estimula e responsabiliza todos os estudantes envolvidos, mediante a formação de células de alunos específicos, em que cada participante desenvolve uma atribuição, dentre elas a de redator, relator, guardião do tempo, do silêncio e do contrato estabelecido previamente no início da aula, funções que são rotativas à medida que a discussão progride, o que por sua vez não permite a acomodação do trabalho coletivo. Logo, a AC não se resume apenas a interação pontual para discussão de um tema proposto pelo professor, mas sim constitui uma oportunidade de trabalho que respeita a diversidade do grupo e fomenta os valores democráticos (ECHEITA, 2012).

Ademais, a AC é uma metodologia que adota algumas premissas para que os objetivos do trabalho coletivo sejam alcançados, destaca-se como características essenciais: I) interdependência positiva; II) responsabilidade individual e de grupo; III) interação estimuladora, preferencialmente face a face; IV) competências sociais e V) o processo de grupo ou avaliação do grupo (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999).

A interdependência positiva consiste na essência do trabalho da AC, pois se vincula o sucesso do grupo ao sucesso de cada participante. Para tanto, o intuito é maximizar a aprendizagem. A responsabilidade individual e de grupo diz respeito ao fato de cada participante assumir efetivamente seu papel, de modo a não se acomodar e esperar que o outro assumira atribuições de terceiros, o que estabelece senso de responsabilidade. A interação estimuladora consiste no exercício de produção de opiniões e posições nas discussões coletivas, as quais não precisam ser homogêneas, mas também que reflitam de forma transparente sobre a discussão suscitada.

As competências sociais, desenvolvidas e estimuladas pela AC, estão relacionadas aos valores democráticos, no que se refere aos valores da vida em sociedade, pois no grupo é preciso respeitar o tempo e espaço do outro, estabelecendo um ambiente de harmonia e confiança. E o

último elemento é o processo de grupo ou avaliação do grupo, momento de aferir se os objetivos propostos foram alcançados e corrigir as rotas para atingir os níveis de aprendizagem esperados. Diante desses elementos percebe-se que AC não é apenas a formação e discussão em grupo, mas uma metodologia de sala de aula que exige um planejamento detalhado, organizado e com os objetivos estabelecidos, além de exigir a atuação do professor em três momentos da aula, antes, durante e após a aplicação da referida metodologia.

Além dos elementos citados, a AC exige também o cuidado na formação de grupos de trabalho, os quais podem ser definidos como: informais, formais e cooperativos de base. Os grupos cooperativos de base são utilizados para trabalhos mais duradouros e a escolha dos membros exige uma análise mais criteriosa e características comuns dos participantes; os grupos formais configuram-se como grupos de trabalho para um tempo não muito longo e com um objetivo comum para o grupo e os grupos informais referem-se a grupos que trabalham em intervalos curtos de tempo, a exemplo de uma aula (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999).

Enquanto professor de Língua portuguesa (Literatura), recordo-me da utilização da metodologia da AC no trabalho pedagógico, sobretudo no que diz respeito às análises literárias, uma vez que a leitura, discussão e análise do texto literário, seja em prosa, seja em poesia, favorece a produção e reprodução coletiva do conhecimento, visto que as interpretações realizadas em conjunto e sob a orientação docente, enriquecem o debate, aprofundam as percepções dos estudantes e possibilitam uma leitura e uma interpretação heterogênea dos textos, todavia respeitando as dimensões e ideias do autor, situando o texto no espaço e tempo específico, a fim de não realizar anacronismos, análises deslocadas e interpretações que extrapolam o que o autor aponta.

Dentre os trabalhos realizados, na disciplina de Língua Portuguesa, a partir da AC destaco, a título de exemplo, as leituras das obras *A normalista*, de Adolfo Caminha, *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio e *Antígona*, de Sófocles, nas turmas da 3ª série da EEEP Rosângela Couto. O trabalho seguiu três etapas a partir da formação dos grupos de trabalho: primeiro os estudantes realizaram as leituras sugeridas, preferencialmente nos momentos extraclasse; depois, os estudantes se reuniram para apresentar suas percepções da leitura nos grupos pré-estabelecidos, discussão realizada na escola; e, por último, foi realizada a discussão coletiva, em que os grupos apresentaram suas percepções das obras lidas, momento que ocorreu na biblioteca da escola, numa roda de conversa. Todas as etapas foram planejadas e acompanhadas pelo professor.



Lembro-me da discussão sobre a tragédia grega Antígona em que os estudantes apresentavam e discutiam a situação “crime” cometido pela protagonista, ao passo que alguns a viam como transgressora da lei e apontavam para o descumprimento de um decreto real, outros a apresentavam como mártir, visto que não se limitava a seguir normas arbitrárias e sim defender, com a vida, seus valores. Diante dessa atividade, foi possível, além de trabalhar o poder de argumentação e convencimento, estratégias necessárias para a produção de um texto dissertativo-argumentativo, discutir e fomentar a imaginação sociológica dos estudantes, a fim de perceber e abordar os temas do cotidiano como fenômenos sociais, aqueles analisados pela Sociologia, a partir da desnaturalização e do estranhamento dos fenômenos vivenciados pelos estudantes.

No que se refere as obras *A normalista*, de Adolfo Caminha e *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio, discutimos temas tais como a seca, assédio sexual, violência de gênero, preconceito, desigualdade social e outros, e o que mais chamou a atenção foi a relação que os estudantes fizeram das obras com suas vidas, apresentando e discutindo um texto literário associando as suas experiências de vida. Além disso, a análise literária empreendida refletiu aquilo que a Literatura se propõe causar: a reflexão, despertar de um estado de naturalização dos fenômenos, levando ao estranhamento dos fatos sociais que nos rodeiam.

Neste sentido, as práticas pedagógicas realizadas, as discussões propostas pelos estudantes, as apresentações e as análises literárias desenvolvidas mediante a AC foram fundamentais para despertar o interesse em pesquisar e trabalhar com a intervenção pedagógica, relacionando Literatura e Sociologia com a aplicação da metodologia da AC. Acredito que o trabalho em grupo, de modo que os estudantes assumam posições de protagonistas e reflitam sobre suas condições de vida, a partir de uma aula em que, coletivamente, aprendem fazendo, aprendem porque cooperam e se dispõem a ensinar o outro, o que por sua vez, corrobora para uma educação emancipadora<sup>4</sup>.

Na condição de professor da rede estadual há 11 anos, percebo que a política educacional para gestão de resultados, que muitas vezes apresenta apenas números e esconde uma série de desafios, não favorece a uma formação omnilateral, por isso também é

---

<sup>4</sup> Nesse sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação ‘bancária’, mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscente, educador, de um lado, educando, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educando. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE, 1987, p. 39)

imprescindível que o professor consiga estabelecer metodologias que busquem desenvolver os alunos de forma ampla e não apenas para avaliações externas. Diante desse cenário, a experiência com a AC mostra que essa metodologia possibilita uma formação mais crítica e cidadã dos estudantes, não em um sentido abstrato desses conceitos, mas num sentido objetivo, pois os discentes podem refletir e discutir a realidade na qual estão imersos.

Portanto, a AC se mostra como uma possibilidade de discussão e trabalho pedagógico que permite a docentes e discentes uma troca horizontal de conhecimento. Nas palavras de Piaget (1972, p. 211), “a permuta constante de ideias com os outros é precisamente o que permite descentralizar-nos, assegurando-nos a possibilidade de coordenar interiormente as relações provindas de pontos de vistas distintos”. Logo, a AC vai ao encontro do pensamento de Piaget (1972), pois baseia-se numa troca constante de pensamentos e opiniões dentro do grupo, o que permite ampliar as percepções sobre o tema analisado e fomentar uma aprendizagem significativa<sup>5</sup>.

### 3.1 PROJETO EDUCACIONAL CORAÇÃO DE ESTUDANTE – PRECE

Discutir a educação cooperativa como uma metodologia de ensino, sobretudo no estado do Ceará e na rede pública de educação, é imprescindível a retomada do movimento social e estudantil desenvolvido no município de Pentecostes–CE, idealizado pelos professores Manoel Andrade e Francisco Antônio, denominado, a princípio, de Projeto Educacional Coração de Estudante – PRECE, no qual “as práticas educativas desenvolvidas no Prece alteraram, de forma substantiva, as perspectivas de jovens e adultos moradores do campo, em Pentecoste, quanto às oportunidades de acesso ao ensino básico e universitário” (RODRIGUES, 2007, p. 13).

A proposta desenvolvida pelo Prece na comunidade de Cipó, inicialmente, oportunizava o acesso aos estudantes em grupos de estudos cooperativos, os quais compartilhavam os mesmos desafios, negligência do poder público com a educação, ingresso tardio na escola, interrupções na vida escolar, falta de perspectivas na educação, dificuldades econômicas e necessidade de trabalhar, mas também compartilhavam sonhos, ou seja, acreditavam na

---

<sup>5</sup> Ausubel (1973) explica que a Aprendizagem Significativa é o processo pelo qual um novo conhecimento se relaciona de maneira não arbitrária e não literal à estrutura cognitiva do estudante, de modo que o conhecimento prévio do educando interage, de forma significativa, com o novo conhecimento que lhe é apresentado, provocando mudanças em sua estrutura cognitiva (SILVA; SCHIRLO, 2014, p. 38).

educação como instrumento transformador, como se percebe no depoimento, do estudante Francisco, fundador do Prece e graduado em Agronomia pela UFC, a seguir:

A educação para mim, na minha cabeça, ela sempre foi uma coisa que eu queria usar para ter uma vida digna no futuro. Então eu via a educação eu sendo um professor ou outra coisa, mas tudo em cima da educação. Minhas conquistas seriam em cima de educação. E até aquele momento ali eu não via assim um caminho. Meus caminhos estavam todos fechados. Mas quando eu conheci o projeto, depois da minha primeira entrevista com o professor Andrade, ele falou para mim como iria funcionar, os objetivos, me explicou tudo. Então ali foi uma grande porta que se abriu na minha frente, era a possibilidade de estudar e entrar na faculdade e construir uma vida diferente para mim. Foi a partir daquela entrevista que aí eu me senti muito atraído por aquela proposta, por que iria resolver meu problema. Quer dizer, não tinha porta, as portas estavam todas fechadas e agora se abriu uma grande porta para mim. Então, isso foi que me atraiu, essa possibilidade concreta de estudar e entrar na universidade e ter um nível superior e construir uma vida melhor (RODRIGUES, 2007, pag. 59-60).

Ainda que não fosse claro os objetivos que o Prece alcançaria, os seus idealizadores e participantes, sete a princípio, não abriram mão de compartilharem os desafios e somar as pontecialidades, ou seja, estudar de forma cooperativa, o que acontecia em uma casa de farinha, à noite, sob a luz das lamparinas e posteriormente durante o dia. Com as orientações do professor Manoel Andrade, o caminho para a conclusão da educação básica e a possibilidade de ingresso na Universidade, passa a se tornar um horizonte, todavia distante. (RODRIGUES, 2007).

A priori, o grupo de estudos do Prece foi se solidificando, apesar de todas as dificuldades e descrenças da comunidade, os quais viam naquele grupo, pessoas que queriam evitar o trabalho na roça, todavia o esforço individual, o apoio do professor Manoel de Andrade e dos pais foram decisivos para o sucesso do grupo, como se ver na fala abaixo:

Você está ali sabendo que muitas pessoas da sua comunidade, naquele primeiro momento, estavam contra os nossos pais deixarem a gente estudar na casa de farinha né, achando que lá era um ambiente de quem queria sair do serviço pesado. Isso aí foi um pouco difícil. Mas meu pai sempre disse: rapaz, se você quiser estudar lá eu não tenho dinheiro, mas o que eu puder fazer por você dentro das minhas condições eu faço. Você não trabalha para você estudar, me apoiou bastante. Então isso foi muito importante para que eu pudesse chegar aonde cheguei (Genival, graduado em Agronomia pela UFC, Canafístula, 2006).

Então a força de vontade, associada a uma rotina de estudos orientada e assistida pelos precistas, com orientação dos seus idealizadores começaram a surtir efeitos e o grupo passou a atuar em escolas municipais, compartilhando seus conhecimentos. A maneira que o grupo se organizava para estudar era por meio de leitura compartilhada, o que era necessário por dois

motivos, dificuldade de ler, então essa prática se tornava uma maneira de melhorar a prática leitora e escassez de materiais didáticos, além disso, o precista que se identificava mais com uma disciplina era o responsável por conduzir os estudos daquela área. Neste sentido, fomenta-se a metodologia da aprendizagem cooperativa, que é o estudo compartilhado e orientado, de modo que os participantes se ajudam mutuamente (RODRIGUES, 2007).

Com a aprovação de Francisco Antônio no vestibular de 1996 e as aprovações vindouras, o grupo de estudantes sonhadores da comunidade de Cipó começou a ser reconhecido, o que levou a instituição de um diretório, em 2004 o nome foi alterado para Instituto Coração de Estudante, e posteriormente para Programa de Educação em Células Cooperativas – PRECE, mas mantendo a essência dos estudos compartilhados, com base na aprendizagem cooperativa, o que se solidificou com os inúmeros ingressos dos precistas no ensino superior. Posteriormente, essa metodologia foi incorporada pela Universidade Federal do Ceará e em 2011 pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC.

### 3.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA, LITERATURA E SOCIOLOGIA, DISCUTINDO DESIGUALDADE SOCIAL NA ESCOLA

O trabalho orientado a partir da sequência didática, sustenta-se na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, visto que se busca trabalhar os conteúdos de forma contextualizada, relacionando com o cotidiano dos estudantes, bem como trazendo suas percepções para a discussão proposta, pois

essa nova postura implica trabalhar os conteúdos de forma contextualizada em todas as áreas do conhecimento humano. Isso possibilita evidenciar aos alunos que os conteúdos são sempre uma produção histórica de como os homens conduzem sua vida nas relações sociais de trabalho em cada modo de produção. Consequentemente, os conteúdos reúnem dimensões conceituais científicas, culturais, históricas, econômicas, ideológicas, políticas, culturais, educacionais que devem ser explicitadas e apreendidas no processo ensino-aprendizagem (GASPARIN, 2012, p. 2).

Além disso, o ponto inicial de discussão não é a escola ou a sala de aula, mas sim a realidade social que será apresentada e analisada a partir das leituras propostas, pois se discute a realidade social mediante um olhar crítico e atento, a fim de fazer da escola um espaço precípuo do processo de ação-reflexão-ação. Neste sentido, o fazer pedagógico fundamenta-se numa perspectiva dialética. Portanto, toma-se como marco referencial epistemológico a teoria dialética do conhecimento, tanto para fundamentar a concepção metodológica e o planejamento de ensino-aprendizagem, como ação docente-discente (GASPARIN, 2012, p. 3).

A Sequência Didática (SD) proposta foi realizada na escola de Educação Profissional Prof.<sup>a</sup> Rosângela Albuquerque de Couto, Itarema-CE, durante as aulas de Projeto Interdisciplinar, das turmas da 3<sup>a</sup> série A e B, especificamente entre os meses de agosto e dezembro de 2022, contemplando 20 horas-aulas, as quais serão distribuídas em 10 encontros. O tema escolhido para estudo foi a desigualdade social, o qual foi analisado numa perspectiva Sociológica e Literária, uma vez que a discussão suscitada se deu mediante a leitura de dois livros: *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *Seara Vermelha* de Jorge Amado.

Após a realização das leituras, as quais aconteceram no primeiro semestre letivo de 2022, o que serviu de subsídio para a discussão e compreensão da realidade dos estudantes e como a desigualdade social se manifesta e atua em suas vidas cotidianas. Além disso, as leituras realizadas contribuíram para a construção da reescrita, dos capítulos finais, das obras citadas, de forma que os estudantes consideraram suas expectativas, realidades, percepções e compreensão da realidade nas produções empreendidas, e se consolidaram nos seguintes trabalhos, narrativa visual, teatro, produção textual (poesia, cordel), música e podcast.

### 3.2.1 Objetivo da sequência didática

O objetivo desta SD é discutir o tema da desigualdade social na confluência entre Sociologia e Literatura sob a ótica dos/as jovens, a fim de compreender as percepções dos estudantes sobre o tema, favorecendo o hábito da imaginação sociológica, por meio da intervenção pedagógica. Neste sentido, busca-se fortalecer o trabalho interdisciplinar, incentivar a leitura e favorecer um processo de ensino e aprendizagem que articule o cotidiano dos estudantes, conhecimentos de mundo e os conteúdos teóricos da Sociologia, tais como: desigualdade social, capitalismo, cultura, juventude e Literatura, texto literário e não literário, análise literária, escolas literárias e funções do texto literário.

### 3.2.2 Sala de aula: 1º momento - apresentação da proposta de trabalho, decisões e combinados

<b>Aula 1 - Apresentação da proposta de trabalho da Sequência Didática</b>
<b>Objetivo:</b> Apresentar o cronograma da SD e da intervenção pedagógica e como esses instrumentos pedagógicos serão utilizados para o processo formativo dos estudantes e necessários a este trabalho de conclusão de mestrado, além da apresentação dos conceitos de texto literário, desigualdade e estratificação.

<b>Metodologia</b>		
<u>Introdução:</u> Aula expositiva e dialogada, com apresentação da pauta de trabalho por meio de slides, os quais tratarão das demandas sugeridas e proposições de atividades que serão desenvolvidas da aplicação da SD (narrativa visual, teatro, e produção escrita e falada).	<u>Desenvolvimento:</u> Discussão sobre o tema da desigualdade social, a partir do levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, através da ferramenta do <i>Mentimeter</i> , de modo que os estudantes possam apresentar suas ideias acerca da temática a ser trabalhada.	<u>Conclusão:</u> Escuta da música “Alagados” de Herbet Viana e avaliação do momento, por meio de perguntas, sobre a viabilidade da SD e apresentação da aula 2.
<b>Conteúdo:</b> Texto literário, não literário e desigualdade social.		
<b>Material e tempo:</b> Notebook, TV, impressão. 2 h/a.		

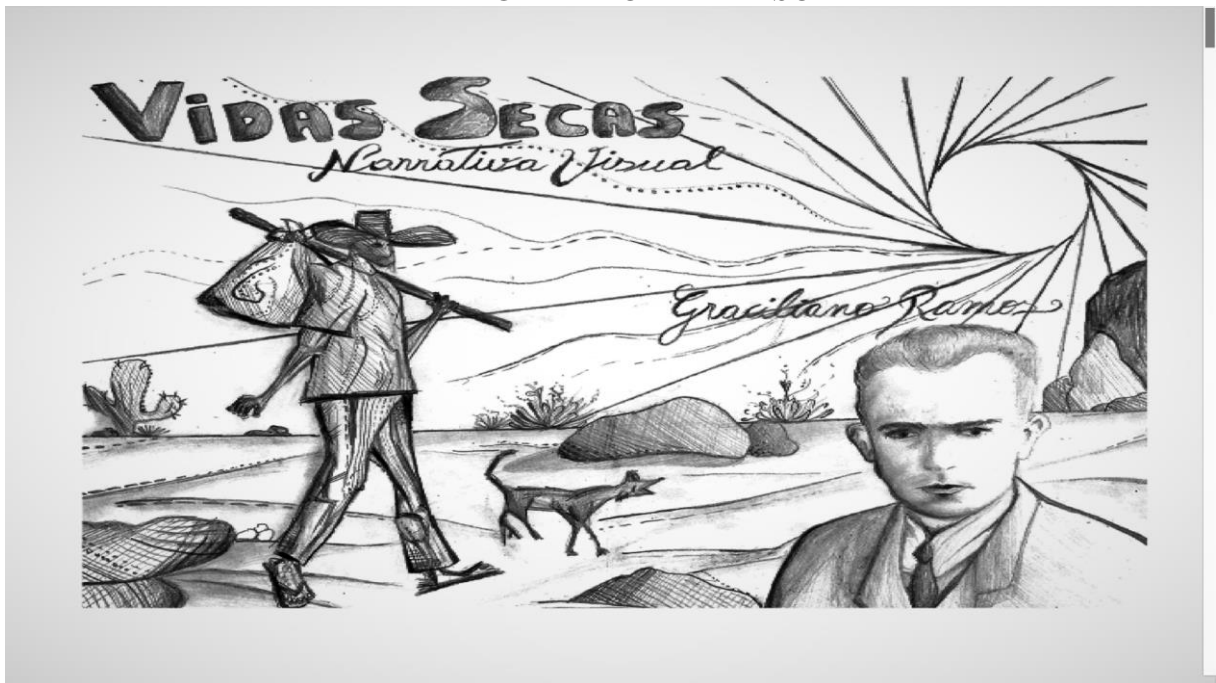
A primeira aula desta proposta de trabalho serviu para apresentar a sequência didática especificamente, com ênfase nas aulas propostas, temas para discussão, os trabalhos e resultados esperados. Em seguida, foi apresentada a metodologia que norteará nossas aulas, ou seja, a aprendizagem cooperativa, uma vez que os trabalhos propostos e discussões acontecerão de forma colaborativa. Na introdução da aula, discutimos os trabalhos propostos, os quais serão produzidos pelos alunos, a saber, reescrita do final dos livros “Seara Vermelha”, de Jorge Amado e “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos.

Durante a explicação inicial, mostrei para os estudantes que o novo fim dos romances estudados, levará em conta a temática da desigualdade social e nossas discussões ao longo desta sequência, além disso, apresentei como eles devem produzir a reescrita do final das histórias, quais sejam: narrativa visual, teatro, e produção escrita e falada. As salas foram divididas em quatro equipes permanentes de trabalho, considerando as aptidões dos estudantes, os quais puderam livremente formar os grupos, à medida de suas capacidades.

Nesta etapa foi destinado 30 minutos, pois foi preciso explicar o que se esperava ao final do processo, ou seja, os trabalhos esperados e os objetivos, a primeira impressão dos estudantes foi no sentido de que há muitas atribuições, todavia não houve resistências mais contundentes, pois o tempo destinado às atividades desta SD serão dentro da rotina dos estudantes, ademais, o fato de propor atividades diferenciadas, que aproveitam os talentos dos alunos prendem mais a atenção destes.

Para cada possibilidade proposta, foi necessário apresentar o que se espera e aproveitar a criatividade dos estudantes, a fim de aprimorar o processo de ensino e aprendizagem, bem como os trabalhos esperados. Nesta etapa, os alunos observaram atentos o que se espera ao final e como será desenvolvido os trabalhos, dentre as possibilidades apresentadas um estudante perguntou o que é a narrativa visual, aproveitei o momento e apresentei uma narrativa visual construída com estudantes da 3ª série de 2021, apresentei o trabalho realizado por meio do Adobe Spark, uma ferramenta de edição de fotos, vinculada a uma conta. Esta atividade durou 10 minutos e foi feita com o uso do projetor multimídia e foi importante no sentido de valorizar e evidenciar o trabalho e a percepção de outros jovens estudantes.

IMAGEM 1 – CAPA REESCRITA



Narrativa Visual<sup>6</sup> Fonte: desenho da aluna Thais Luma

Outro aluno sugeriu a possibilidade de utilizar o anfiteatro da escola para as apresentações, o que a turma concorda. Com relação ao trabalho escrito, os estudantes não apresentaram dúvidas e do trabalho “a hora de soltar o verbo”, o que significa, a reconstrução dos romances por meio da oralidade, uma estudante disse que poderia ser feito uma roda de conversa, um suposto debate com os personagens ou outro tipo de diálogo, no que aproveitei para a apresentar a possibilidade de se construir uma entrevista imaginária com os personagens e autor do livro, mas que há total liberdade para a produção.

<sup>6</sup> <https://express.adobe.com/page/tNxTU3MU4xvZm/>

Na continuação da aula, passamos para o segundo momento previsto, o qual consistiu numa atividade para perceber o que os estudantes entendem por desigualdade social, para tanto foi utilizado a ferramenta do “Mentimeter”, que consiste numa ferramenta online para construção de uma nuvem de palavras, embora todos os alunos estivessem com celular, nem todos conseguiram responder a pergunta norteadora, seja por falta de conexão ou por não compreender o uso da ferramenta, embora tenha explicado e acompanhando a atividade. Apesar das dificuldades, a maioria da turma respondeu. No que diz respeito ao uso do celular, este não é um empecilho, pois os alunos conhecem o regimento escolar e têm o hábito de usar apenas quando solicitado. Caso algum professor deseje utilizar a ferramenta, mas não possua acesso à internet na sala de aula ou escola, ele pode encaminhar esta atividade para ser feita em casa, e apresentar o resultado na sala de aula, utilizando um *print* das respostas obtidas.

Esta atividade serviu como termômetro, no que diz respeito ao senso crítico e percepção dos estudantes sobre a desigualdade, além disso funcionou para estimular a participação do maior número de alunos, uma vez que nem todos gostam de participar, seja por timidez ou por falta de engajamento na aula, mas gostam de interagir na aula mediante o uso dos recursos tecnológicos. Esta tarefa durou 30 minutos, desde explicação da ferramenta até as respostas enviadas, as quais seguem na figura abaixo.

IMAGEM 2 – NUVEM DE PALAVRA

## Responda o que é para você DESIGUALDADE SOCIAL.



Fonte: elaboração própria

Após esta atividade, que foi realizado com uso dos celulares, pedi aos alunos que guardassem os aparelhos para darmos prosseguimento, e em seguida, alguns estudantes leram e comentaram as respostas, uma aluna disse que “se trata de diferença econômica, pois enquanto



poucas pessoas têm muito poder de compra, outras não têm”, outra resposta foi que “a desigualdade social reflete numa desigualdade de direito, porque sem condições financeiras, as pessoas não têm os direitos estabelecidos pela lei”. Por outro lado, percebe-se também que duas pessoas colocaram seus nomes, “Dany” e “Eduarda Sousa”, após a discussão, as alunas disseram que foi um engano, pois imaginaram que fosse preciso se identificar. Esta situação é importante para aprimorar o processo e uso das ferramentas, uma vez que é preciso especificar com detalhes os recursos pedagógicos utilizados.

Após esse momento de interação, aluno-professor-aluno, apresentei para a turma as definições necessárias para a primeira aula, que foram os conceitos de texto literário e não literário e de desigualdade social, lembro que a SD e a intervenção pedagógica apresentada, trabalham de forma interdisciplinar os componentes curriculares de Sociologia e Literatura. Nesta etapa ouvimos a música “Alagados”, de Herbert Viana, a qual serviu de suporte para exemplificar e diferenciar o que são texto literários e não literários, bem como para mostrar como as desigualdades se manifestam, este momento levou 15 minutos.

Depois de ouvir a música duas alunas destacaram que “não basta querer e ter vontade é preciso de oportunidade e de condições para se alcançar os objetivos, o que muitas vezes não se tem”. No momento, utilizamos o livro “*Sociologia em Movimento*” como suporte para a definição teórica de desigualdade e estratificação social.

IMAGEM 3 – ENCONTRO 1



Fonte: arquivo pessoal

Na última etapa da aula discutimos a viabilidade da proposta de trabalho apresentada e o que estudantes esperavam desta ideia, as respostas foram no sentido afirmativo, inclusive um aluno destacou que “seria possível assim estudar vários assuntos de forma conjunta o que facilitaria a aprendizagem”, outra resposta foi que “a ideia sugerida valoriza as diferentes habilidades dos alunos”. Na conclusão da aula apresentei como seria nosso segundo momento e pedi para os alunos avaliarem a aula inicial, os alunos destacaram que são muitas demandas, mas por se tratar de uma ideia nova na escola e que aproveita os talentos, parece ser interessante. Para este momento foi destinado os 15 minutos finais da aula.

Portanto, considerando o que foi planejado para esta primeira aula, bem como para o desenvolvimento desta SD, avalio como satisfatório o resultado alcançado, uma vez que o objetivo traçado foi atingindo ao final deste primeiro momento, todavia entre o planejamento e a execução houve algumas nuances, a exemplo da participação da turma na atividade com o “Mentimeter”, visto que nem todos os alunos participaram, devido à falta de acesso à internet e a própria utilização da ferramenta. Por outro lado, isso não comprometeu a qualidade da aula, nem das discussões, neste sentido considero que a aula realizada alcançou o resultado esperado, embora seja possível fazer correções.

### 3.2.3 Sala de aula: 2º momento - as disciplinas conversam: Literatura e Sociologia

<b>Aula 2 - As disciplinas conversam: Literatura e Sociologia</b>		
<b>Objetivo:</b> Discutir como a interdisciplinaridade está presente nos componentes curriculares de Sociologia e Literatura, a fim de perceber o que é a Sociologia da Literatura.		
<b>Metodologia</b>		
Introdução: Leitura em grupo sobre o que a Sociologia da Literatura, utilizando o método adaptado da estratégia da “ <i>Rotação por Estações</i> ” a partir do texto Sociologia da Literatura de Dennis de Oliveira.	Desenvolvimento: Socialização das discussões realizadas nos grupos, a qual será mediada pelo professor; apresentação do que é interdisciplinaridade na perspectiva de Frigotto.	Conclusão: Avaliação do momento por meio das reflexões: Que bom? Que pena e Que tal?
<b>Conteúdo:</b> Sociologia da Literatura e Interdisciplinaridade.		
<b>Material e tempo:</b> Texto impresso e PDF. 2 h/a.		

Nesta aula da SD tivemos uma discussão de natureza mais teórica, pois foi preciso sedimentar alguns marcos teóricos e conceitos necessários ao desenvolvimento do trabalho. Para o primeiro momento, apresentei o objetivo da aula, as atividades que seriam desenvolvidas, os conceitos e autores trabalhados, a saber um texto do Dennis de Oliveira Santos sobre Sociologia da Literatura e o conceito de interdisciplinaridade para Frigotto. Expliquei que se tratam de textos acadêmicos e neste sentido a discussão aconteceria de acordo com o nível de compreensão e maturidade dos estudantes, fazendo a devida transposição didática, a fim de preservar e respeitar o nível dos alunos, pois o intuito das leituras seria apresentar os conceitos que farão parte da SD e não realizar uma discussão aprofundada, em nível da academia.

Embora no planejamento estivesse programado a discussão sobre interdisciplinaridade no desenvolvimento da aula, optei por questão de tempo e condução melhor do momento, de antecipar para o início da aula este aspecto. Para orientar a leitura e direcionar a discussão, apresentei o que se entende por interdisciplinaridade segundo Frigotto:

A necessidade da interdisciplinaridade na produção do conhecimento funda-se no caráter dialético da realidade social que é, ao mesmo tempo, una e diversa e na natureza intersubjetiva de sua apreensão, caráter uno e diverso da realidade social nos impõe distinguir os limites reais dos sujeitos que investigam dos limites do objeto investigado. Delimitar um objeto para a investigação não é fragmentá-lo, ou limitá-lo arbitrariamente. Ou seja, se o processo de conhecimento nos impõe a delimitação de determinado problema isto não significa que tenhamos que abandonar as múltiplas determinações que o constituem. É neste sentido que mesmo delimitado um fato teima em não perder o tecido da totalidade de que faz parte indissociável (FRIGOTTO, 2008, p. 43-44).

Após a leitura deste fragmento, fiz os comentários sobre o que um trabalho interdisciplinar, em que os alunos comentaram “que é mais fácil compreender os conteúdos por meio das disciplinas escolares, mas que na verdade os conteúdos e conhecimento tem relação entre si”, outro estudante citou o exemplo da Segunda Guerra Mundial, que se estuda na Sociologia, na História, mas também se pode estudar na Química, com as bombas, câmaras de gás, dá para estudar a parte da tecnologia, embora fosse ainda no início”. Neste momento da aula aproveitei para citar a área da saúde, que muitas vezes realiza um trabalho interdisciplinar com os pacientes, a fim de descobrir e entender os problemas de saúde.

O segundo momento da aula foi a divisão da turma em grupos para a leitura do texto Sociologia da Literatura de Dennis de Oliveira, o critério utilizado para a seleção deste artigo foi a linguagem utilizada pelo autor e a objetividade na construção do texto. Expliquei a turma que seriam divididos em 5 grupos, no qual fariam a leitura do texto, todavia utilizando a metodologia da *rotação por estações*, e que a cada 10 minutos, os grupos iam se alterando,

exceto dois membros que são fixos por equipes, os quais iriam ler e apresentar para os demais as percepções da leitura realizada, após o final desta rodada, os grupos iniciais se reuniam novamente e os estudantes que passaram nos demais grupos iam explicar o que haviam entendido, deste modo os estudantes colaboram entre si, otimizam o tempo e desenvolvem o espírito de colaboradores no processo de ensino e aprendizagem da turma, que acontece de forma individual, mas sobretudo de forma coletiva (GOVINDARAJ; SILVERAJAH, 2017).

IMAGEM 4 – AS DISCIPLINAS CONVERSAM



Fonte: arquivo pessoal

Após este momento de leitura e discussão coletiva aconteceu a socialização dos debates tidos nos grupos, bem como a hora de tirar dúvidas e fazer as perguntas, muito embora, durante a aplicação a atividade proposta estivesse acompanhando e tirando as dúvidas dos estudantes. Este momento de discussão foi gravado, a fim de preservar a autenticidade das falas e assegurar os registros mais fidedignos, neste sentido apresento a seguir a discussão desenvolvida.

De volta aos grupos iniciais, cada grupo escolheu um redator para registrar os pontos mais relevantes da discussão e um relator para apresentar as considerações do grupo sobre a leitura do texto citado. O primeiro grupo apontou que “o texto fala que a obra literária promove uma interação entre leitor e o autor através da percepção do mundo e da vivência expressa pela obra, que embora seja ficção é construída a partir da realidade, o que por sua vez possibilita ao leitor a possibilidade de reflexão”, em seguida, pontuamos que a Sociologia visa compreender a realidade, e neste contexto a obra literária atua como um subsídio.

O grupo dois destacou que “a produção literária é um caminho para se compreender a realidade social, histórica e psicológica, além disso é possível realizar uma comparação com a realidade de hoje.” Já a equipe 3 frisou na leitura que “cada produção literária e discussão da realidade social acontece em um tempo e espaço específico, ou seja, é importante considerar o contexto de produção do que se é analisado”. Destacaram também o exemplo citado no texto, o conto de fadas de “Joãozinho e Maria” “que retrata a fome em um contexto específico, mas que esse problema ainda é atual e deve ser visto e discutido a partir do momento presente”.

O grupo 4 relatou que “a compreensão da realidade também se dá de modo diferente, à medida que os indivíduos são diferentes, pois cada um interpreta e vivencia o cotidiano de um jeito”, destacaram que “o objetivo da Sociologia é captação da relação de sentido da ação humana, ou seja, conhecer o fenômeno social como um fato carregado de sentido que aponta para outros fatos, que se manifestam tanto nos âmbitos político, religioso e econômico. Além disso, o verdadeiro motivo para a criação literária são os grupos sociais e não os indivíduos de forma isolada”, foi acrescentado ainda que “os sociólogos podem utilizar a arte como forma de compreender e discutir a realidade, uma vez que a interpretação é subjetiva e não definida pelo artista ou autor, neste sentido se desvenda a lógica do poder social, considerando a estrutura social, o gênero literário que é dotado de características próprias e o autor, o qual apresenta um recorte a partir da realidade”.

Após este primeiro momento de discussão, fiz algumas considerações acerca do texto lido e apresentado, bem como da importância de compreender o que é a Sociologia da Literatura, uma vez que este trabalho será mediado a partir da análise literária, considerando as obras “*Vidas Secas*”, de Graciliano Ramos e “*Seara Vermelha*” de Jorge Amado.

#### IMAGEM 5 – RODA DE CONVERSA



Fonte: arquivo pessoal

Em seguida tivemos ainda mais uma etapa para interação, em que outros alunos poderiam apresentar suas percepções da leitura e discussão realizada, o aluno Rogger apontou que “cada autor tem uma forma de expressar, o que não é algo singular, mas que representa uma pluralidade de ideias e que a obra representa o momento da produção, ou seja, o presente de determinada época”, a aluna Kauanne destacou que “a produção literária não é uma obra que representa a visão individual do autor, mas sim representa os relatos e experiências de um grupo social, que as narrativas expressam uma mistura de pensamentos coletivos” e o aluno Eliabe disse que “o fato histórico narrado pode até ser o mesmo, mas o grupo social que conta este fato será determinante para a produção da obra, a exemplo do Holocausto, se a história for contada por um alemão nazista ou por um judeu, certamente serão histórias diferentes”.

Destaquei destas últimas falas que o objetivo da discussão sociológica é compreender a realidade social e que a literatura contribui para tanto. Todavia essas nuances e variáveis apresentadas devem ser considerados por quem pretender estudar e entender os fatos sociais. Apontei também para o objetivo deste trabalho pedagógico, qual seja, discutir o tema da desigualdade social.

E por último fizemos a avaliação da aula, de forma oral, por meio das seguintes reflexões: Que bom? Que pena? E Que tal? Para a primeira pergunta os alunos apontaram como satisfatório a organização das aulas, a leitura sugerida, embora sendo uma leitura mais difícil,

isso também favorece o processo de ensino e aprendizagem, pois estimula a reflexão, destacaram também como positivo o trabalho realizado em grupo, pois facilitou a compreensão do texto, uma vez que cada aluno podia compartilhar com os colegas o que aprendeu. Em relação a segunda questão, os alunos destacaram que o tempo para discussão foi curto, tendo em vista o grau de dificuldade da leitura sugerida e o tipo de leitura solicitada.

Acerca da última questão houve duas solicitações, uma em relação ao tempo, que fosse mais longo, em especial para a leitura e discussão em grupo, e a outra solicitação foi sobre a maneira de apresentar o trabalho ao final da SD, três alunos sugeriram a possibilidade de utilizar a música como forma de reconstruir o final dos livros, sugestão esta acatada, pois o planejamento e a própria SD são instrumentos passíveis de adequações, ainda mais quando vinda dos estudantes, em seguida agradei pela participação e encerrei mais uma aula.

### 3.2.4 Sala de aula: 3º momento - desigualdades sociais: construção social ou dado natural?

<b>Aula 3 - estranhamento e desnaturalização na obra literária</b>		
<b>Objetivo:</b> Compreender a realidade apresentada na obra <i>Vida Secas</i> , relacionado com o contexto contemporâneo, a partir do estranhamento e desnaturalização.		
<b>Metodologia</b>		
Introdução: Realização de <i>Entrevista Imaginária</i> realizada em equipe. Nesta atividade os alunos serão divididos em grupos menores e irão supostamente entrevistar os personagens do livro <i>Vidas Secas</i> , nos grupos os alunos irão delimitar um controlador do tempo, um guardião do contrato, dois relatores e dois redatores.	Desenvolvimento: O professor apresentará os conceitos sobre estranhamento, desnaturalização, distribuição de renda e capitalismo. Em seguida os estudantes irão contar suas <i>entrevistas imaginárias</i> e experiências na interação com os personagens, de modo a discutir o livro e suas percepções sobre as temáticas discutidas.	Conclusão: Os alunos resumirão como se sentiram ao realizar as entrevistas.
<b>Conteúdo:</b> estranhamento, desnaturalização, distribuição de renda e capitalismo.		
<b>Material e tempo:</b> Livro <i>Vidas Secas</i> PDF. 2 h/a.		

A aula três desta SD compreendeu um trabalho que associou conceitos sociológicos e estratégias de interpretação do texto literário, o que possibilitou um trabalho interdisciplinar. Para a introdução da aula solicitei a organização de 5 grupos, tendo em vista o trabalho mediado pela aprendizagem cooperativa, em seguida expliquei para a turma que eles realizariam uma entrevista imaginária com alguns personagens da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, nesta etapa as equipes tiveram 25 minutos.

A princípio, foi necessário apresentar o que é uma oficina de realização de uma *Entrevista Imaginária*, para tanto utilizei o livro *Letramento Literário: teoria e prática*, de Rildon Cosson, o qual define que

Trata-se de fazer uma entrevista sem contato com o entrevistado. Na verdade, o entrevistador simula as respostas para perguntas que ele mesmo fez (...) requer um conhecimento mais profundo do entrevistado para que a simulação tenha coerência. Esta entrevista pode ser feita com uma personalidade pública, realmente existente – e nesse caso precisa apoiar-se em dados concretos apresentar fontes – ou personagens de livros ou uma pessoa que poderia ter conhecido o personagem principal e assim por diante. (COSSON, 2021, p. 131)

Durante esta etapa, orientei os alunos que imaginem os personagens, o contexto e cotidiano destes para a elaboração e condução da entrevista, cada equipe elaborou duas perguntas que poderiam ser direcionadas para o mesmo personagem ou para dois personagens, incluindo também o autor do livro, as quais foram apresentadas ao final da aula, depois da discussão sobre estranhamento e desnaturalização. Nos grupos os alunos escolheram um membro para ser controlar o tempo, outro para manter o foco da discussão, e dois alunos para escreverem e dois alunos para apresentarem a entrevista, esta divisão de tarefas é importante para otimizar o tempo pedagógico e manter a discussão de forma orientada, além de deixar claro para os estudantes o que devem realizar.

Para a realização da aula três houve alguns desafios, pois nem todos os estudantes leram a obra, e pensando justamente nessa situação, compartilhei no grupo do WhatsApp das turmas, o link do filme *Vidas Secas*<sup>7</sup>, direção Nelson Pereira dos Santos. Além disso, levei para exibir na sala um curta-metragem, sobre o capítulo IX do livro de Graciliano Ramos, chamado de *Baleia*<sup>8</sup>. Desta maneira, foi possível orientar os estudantes que não realizaram a leitura da obra.

<sup>7</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=m5fsDcFOdwQ>

<sup>8</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=LjkA0EZBNDA&t=10s>



### IMAGEM 6 – DESNATURALIZANDO A OBRA



Fonte: arquivo pessoal

Após a realização da oficina da *Entrevista Imaginária*, e continuando com o plano de aula, expliquei para os alunos o conceito de Estranhamento, momento em que discutimos o que é comum, natural, construção, e como lidamos com a realidade a nossa volta, utilizei como conceito de estranhar, a definição a seguir

O movimento do estranhamento é o ato de estranhar no sentido de se admirar, de se espantar diante de algo que não se tem conhecimento ou costume; pode-se alcançar o “estranho” ao perceber algo ou alguém de forma diferente do que se conhece, ao assombrar-se em função do desconhecimento de certos fatores, ao se sentir incomodado diante de um fato novo ou de uma nova realidade, ao não se conformar com algo ou com a situação em que se vive; ao não se acomodar (MORAES, 2010).

Nesta etapa os alunos comentaram que “de tanto se ver a mesma coisa, aquilo acaba se tornando natural, pois a repetição tira a novidade do fato, dificultando inclusive o espanto, ou se incomodar com a realidade”, além disso, pontuaram também que “é preciso perceber o que está a nossa volta e entender que nem sempre as coisas foram como são, e que se pode perguntar e questionar, todavia a correria do cotidiano acaba diminuindo o espaço para reflexão”. Neste sentido, perceberam que estranhar a realidade é uma atitude necessária para a compreensão dos fenômenos sociais e sociológicos.

A título de exemplo e de fomentar a discussão fiz a leitura da seguinte passagem do livro *Vidas Secas*:

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no

papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

Refletimos que Fabiano, em alguma medida estranha a realidade que o cerca e a exploração que sofre do patrão, todavia não tem forças ou condições materiais para se insurgir e lutar contra, no que os alunos comentaram, “às vezes é melhor ganhar pouco, ser explorado, do que reclamar e não ganhar nada”, outra aluna diz “e se todos os trabalhadores se revoltassem?” Deste modo, concluímos a discussão sobre estranhamento, apontado que não basta apenas querer, é preciso antes de tudo compreender a realidade e ter condições para propor mudanças.

Em seguida, tomamos a discussão sobre o que é Desnaturalização, de modo a refletir o que é construção social e o que é natural, tomamos como exemplo os brinquedos, os quais parecem naturais para gerações específicas e para outras são inconcebíveis, ou seja, são construções diferentes. Um aluno destacou que “as coisas são criações dos homens e que por isso mudam com tanta facilidade”, outra disse que “de se ver algo tantas vezes, de presenciar a e mesma situação, isso acaba sendo normalizado, como a violência que é tão comum nos dias de hoje”.

Discutimos como no livro a realidade é tida como natural, pois os personagens na maior parte da narrativa aceitam as condições impostas, todavia “a realidade é socialmente definida. Os universos socialmente construídos modificam-se por meio das ações concretas dos seres humanos: eles são os definidores da realidade” (SILVA, 2014, p. 52). Dentre as observações, os estudantes destacaram que “é muito difícil lutar contra uma realidade em que nem se tem o básico, que é a comida”, “como os personagens da obra tratam como natural o que é construído, mas foram desde sempre habituados apenas a aceitar a realidade, pois essa exploração passa de geração para geração”. Esta etapa da aula durou 35 minutos, contando o tempo de exibição do curta-metragem.

Na sequência da aula, os grupos passaram a apresentar suas entrevistas relacionando com a discussão suscitada, etapa que durou 25 minutos.

IMAGEM 7 – ESTRANHAMENTO



Fonte: arquivo pessoal

A) Para Fabiano.

Entrevistador: Fabiano, por que você não deu nome aos meninos?

Fabiano: Porque seriam apenas mais dois nordestinos sofredores e que não faria diferença terem ou não nomes.

Entrevistador: Fabiano, por que continuou a trabalhar na fazenda mesmo sendo enganado?

Fabiano: Apesar de ser ruim e ser explorado, seria muito pior não ter o que fazer, por isso acabo aceitando tanta covardia e ser maltratado.

Entrevistador: Fabiano, o que você sentiu quando matou a cachorra Baleia?

Fabiano: Senti como se tivesse matado gente da gente. Quando atirei, fechei logo os olhos e pedi a Deus para tirar o sofrimento.

Entrevistador: O que sentiu ao matar a cachorra Baleia?

Fabiano: Não senti remorso, no sertão a fome torna a gente sem coração, se faz o que é preciso e segue em frente.

B) Para a cachorra Baleia foram:

Entrevistador: Porque arriscava sua vida para caçar e dar aos outro o que você não tinha?

Baleia: Porque eles cuidaram de mim, enquanto não tinham nem condições de se alimentarem, só quis retribuir.

Entrevistador: Baleia, valeu a pena os seus esforços para caçar os preás e comer apenas os ossos?

Baleia: Sim, pois era uma maneira de diminuir o sofrimento da família, que também era minha.

Entrevistador: Qual a sensação de ser morta por alguém a quem você sacrificou sua vida?

Baleia: Não guardo mágoa, o sertão nos ensina que as escolhas devem ser feitas e que não há espaço para lamentações, só fico triste porque não posso ajudar novamente nas secas que virão.

C) Para Sinhá Vitória foram:

Entrevistador: Sinhá Vitória, você acredita em um futuro melhor para seus filhos mesmo diante das adversidades?

Sinhá Vitória: Não, pois as condições que vivemos condiciona o futuro dos homens.

Entrevistador: Como é lidar com a fome no contexto da seca?

Sinhá Vitória: É um castigo, pior de tudo é pensar nos meninos que não tem culpa nenhuma, é olhar para si e não poder fazer nada, é uma lástima.

Entrevistador: Quais seus sonhos Sinhá Vitória?

Sinhá Vitória: Ter uma cama, porque nem bicho dorme tão desconfortável como nós, e ver os meninos estudarem, ter uma oportunidade de ser alguém na vida, e não só mais um sofredor.

D) Para os meninos:

Entrevistador: Menino mais velho qual a sensação de ver a Baleia morrer?

Menino mais velho: Foi como perder um irmão, ela era nossa família também, minha companheira, mas o sertão nos acostuma com as perdas.

Entrevistador: Menino mais novo, com o que você sonha?

Menino mais novo: Em aprender as coisas que os meninos da cidade sabem, ter um brinquedo de verdade, e um dia melhorar de vida e ajudar meus pais e dar uma cama de presente para minha mãe.

E) Para o autor do livro:

Entrevistador: Graciliano Ramos, porque até a cachorra tinha nome e os meninos não?

Graciliano Ramos: Porque os meninos representam a legião de nordestinos sofredores e iguais nos desafios, que compartilham os mesmos dilemas, e que a história de um se repete no outro, daí não é preciso individualizar os meninos, ao passo que a cachorra Baleia não é um animal comum, é uma cachorra consciente e que cuida da família, inclusive colocando a fome deles a frente da sua, neste sentido merece ser tratado de forma personalizada, com um nome.

E no último momento da aula, ou seja, os 5 minutos finais, os alunos fizeram uma avaliação das entrevistas e dos temas tratados, destacaram que “foi positivo esse momento

imaginário, pois conseguiram, em alguma medida, sentir-se no lugar dos personagens, o que possibilitou perceber o quão a vida no sertão nordestino é difícil, além disso foi possível também fazer uma análise da realidade social, tanto dos personagens, como dos dias de hoje, tendo como base os conceitos discutidos, pois nem tudo que se vê como natural, é, na verdade são construções”.

Depois destas falas, encerrei a aula e agradei pelo empenho de todos. A avaliação que fiz do momento é que vale a pena o trabalho interdisciplinar e que os alunos dão respostas quando são exigidos, embora o trabalho do professor para isso seja maior. Em relação a aula proposta, o desafio maior foi mesmo a falta de leitura da obra por parte da minoria dos estudantes, o que foi possível ser contornado pelo vídeo e curta-metragem, e pelo trabalho em equipe, pois os alunos conseguem cooperar.

### 3.2.5 Sala de aula: 4º momento - as facetas da desigualdade social na obra *Vidas Secas*

<b>Aula 4 - As facetas da desigualdade social na obra <i>Vidas Secas</i></b>		
<b>Objetivo:</b> Analisar/discutir a obra <i>Vidas Secas</i> , a fim de compreender como a realidade cotidiana e a realidade literária se entrelaçam, mediante o exercício do estranhamento e desnaturalização.		
<b>Metodologia</b>		
Introdução: Construção de um <i>Dominó Coletivo</i> de modo que os alunos apresentem um resumo coerente a partir da leitura do livro <i>Vidas Secas</i> de Graciliano Ramos, utilizando-se a estratégia da sala de aula invertida, pois a leitura é uma tarefa a ser realizada previamente.	Desenvolvimento: Exibição de curta-metragem <i>Vidas Secas</i> . Na sequência, serão apresentados pelo professor os conceitos de Bens Culturais, modo de produção e distribuição de renda. Em seguida os alunos serão divididos em grupos de 5 ou 6 participantes para discutir e relacionar a leitura do livro <i>Vidas Secas</i> com o vídeo.	Conclusão: Ao final da aula as equipes apresentarão suas percepções e análises sobre a obra e os conceitos discutidos, a partir da mediação do professor.
<b>Conteúdo:</b> Bens culturais, modo de produção e distribuição de renda.		
<b>Material e tempo:</b> Notebook, TV, livro <i>Vidas Secas</i> PDF. 2 h/a.		

A realização desta aula se deu de um modo diferente do planejado, todavia o objetivo e conteúdo foram mantidos, apenas alterei a ordem de cada momento, ao invés de iniciar a aula pela construção do *Dominó Coletivo*, o que foi realizado ao final da aula. Iniciei com os conceitos citados no desenvolvimento, esta alteração aconteceu porque o momento de discussão e exibição do curta-metragem tornaria mais significativa aquela atividade e serviria de base para a construção proposta. O que reflete que o planejamento de aula não é um caminho inflexível, mas um norte que orienta o trabalho docente, todavia é imprescindível que o professor tenha sensibilidade pedagógica para realizar as alterações necessárias, visando melhor desempenho dos discentes.

Deste modo, iniciei a aula com os conceitos citados, a partir do livro *Sociologia em Movimento*, da Editora Moderna, durante a exposição os alunos foram relacionando os temas com a realidade literária estudada, como se percebe nas falas a seguir,

“Fabiano tinha apenas sua força de trabalho para vender, e era o que fazia no livro, vendia para o patrão o que tinha, assim como funciona no capitalismo, as pessoas vendem a força de trabalho.” “Eles não tinham nem comida, quanto mais acesso a bens culturais, era uma vida que não dava direito nem a sonhar com cultura, tinham que lutar para conseguir o que comer.” “Embora tenha melhorado as condições de vida, hoje muitas pessoas não tem direito a determinados bens, trabalham também só para comer, sobreviver como a família de Fabiano.” “Sobre esse ponto de distribuição de renda é papel do governo ajudar as pessoas, possibilitar os direitos que nós temos, oportunizar empregos.” “Os auxílios ofertados pelos governos são uma forma de distribuir a riqueza do país, o que é bom por um lado, mas por outro pode não ser.” (ALUNOS DA 3ª SÉRIE, ITAREMA, 2022).

Percebe-se com as falas que foi possível relacionar a discussão literária com a percepção sociológica, no sentido de provocar a reflexão. Esta etapa inicial da aula durou 30 minutos.

### IMAGEM 8 – DISCUTINDO DESIGUALDADE



Fonte: arquivo pessoal

Em seguida, foi exibido o curta-metragem: *Vidas Secas Animação*<sup>9</sup>, que resume a história do livro. Após esse momento e em grupo, os alunos passaram a discutir os aspectos que mais lhe chamaram a atenção no vídeo. Aproveitei para orientar a atividade final desta aula, ou seja, a construção do *Dominó Coletivo*, para tanto solicitei que em grupo, os alunos discutissem e pensassem em uma palavra ou expressão que resumisse o que haviam entendido. Este momento de exibição do vídeo, orientação da atividade e discussão em equipe durou 35 minutos.

A atividade proposta, a saber, construção de um “*Dominó Coletivo*” é uma adaptação do “*Dominó Narrativo*” presente no livro *Letramento literário: teoria e prática*, de Rildo Cosson, no qual se utiliza a estrutura do jogo de dominó para conectar palavras relacionadas a uma palavra-geradora e assim elaborar uma história, a qual é iniciada pelo professor e continuada pelos alunos, a partir da conexão entre as palavras, as quais serão previamente disponibilizadas e selecionadas de acordo com o que se pretende discutir (COSSON, 2021, p.131).

<sup>9</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=efk6Fuahcto>

### IMAGEM 9 – CONSTRUÇÃO



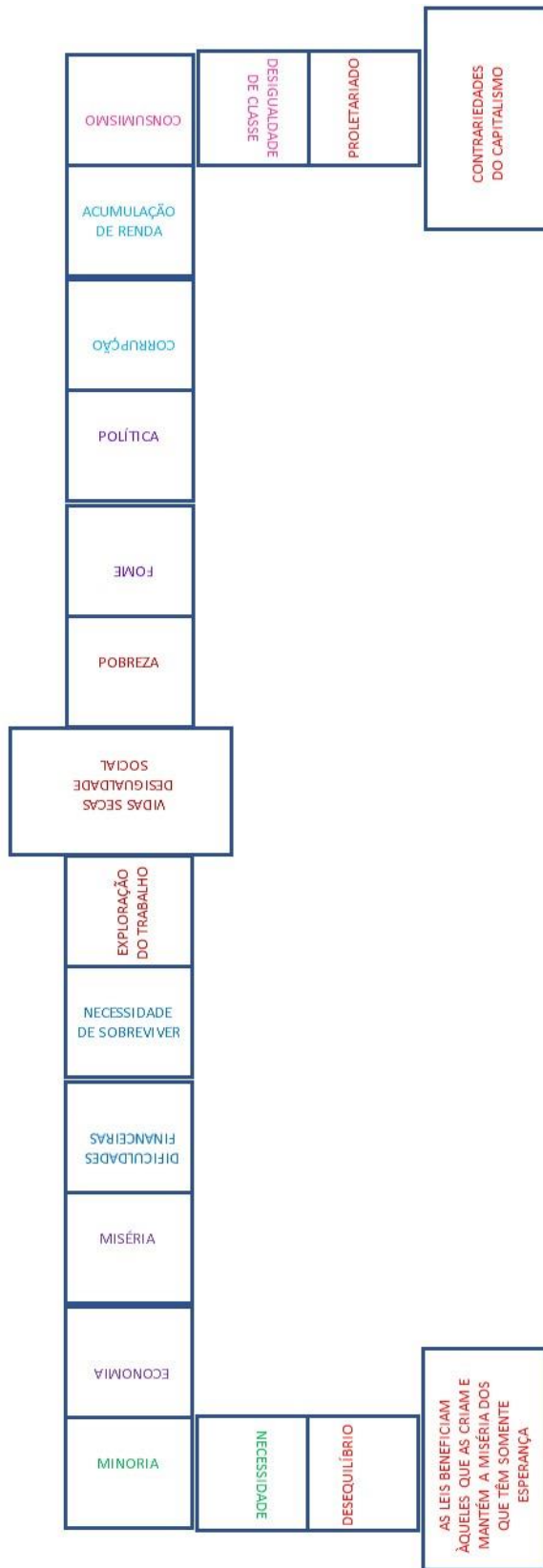
Fonte: arquivo pessoal

Neste sentido, o “*Dominó Coletivo*” é uma adequação dessa oficina, e foi realizado da seguinte maneira: os alunos foram convidados a registrar em uma palavra ou expressão, o que haviam entendido da aula, como solicitado logo após a exibição do curta-metragem, ou seja, na discussão em grupo; em seguida apresentei a peça inicial do jogo, a saber “*Desigualdade Social e Vidas Secas*”, expliquei que os alunos iam conectar as palavras ou expressões escritas, de modo a dar sentido e continuidade, ao apresentar a peça (palavra ou expressão) foi preciso dizer o porquê desta conexão, o que favoreceu e estimulou a participação, e na sequência, cada aluno apresentou sua peça, fazendo a devida conexão e explicando como a palavra se encaixava na anterior. Esta etapa durou 25 minutos.

Os desafios para a realização desta aula foram a necessidade de adequar o planejamento e como melhor otimizar o tempo pedagógico, além disso, nem todos alunos conseguiram participar da atividade propostas “*Dominó Coletivo*”, pois não conseguiram conectar as palavras ou expressões escritas, para este desafio. Pedi que fizessem um comentário do que tinham escrito, relacionando com os temas vistos na aula, deste modo foi possível a participação da maior parte da turma, apesar dos esforços uma parte pequena da turma não participou efetivamente do momento, embora tenham participado da discussão em grupo. Portanto, considerei proveitoso a condução e execução da aula, apesar dos desafios mencionados.



IMAGEM 10 – DOMINÓ COLETIVO



Fonte: arquivo pessoal

### 3.2.6 Sala de aula: 5º momento - estranhamento e desnaturalização na obra literária

<b>Aula 5 - Desigualdades sociais: construção social ou dado natural?</b>		
<b>Objetivo:</b> Discutir as desigualdades sociais como consequência da ação humana, a fim de desnaturalizar fenômenos como a fome, pobreza e concentração de renda.		
<b>Metodologia</b>		
Introdução: Acolhida e reflexão sobre desigualdade a partir do pensamento de Dom Hélder Câmara “Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto porque eles são pobres, chamam-me de comunista.”	Desenvolvimento: Exibição de curta-metragem “Ilha das Flores” sobre as desigualdades sociais e capitalismo. Em seguida os alunos serão convidados a partilhar suas percepções sobre o vídeo a partir de perguntas norteadoras.	Conclusão: Os estudantes serão convidados a partilhar suas experiências de modo a relacionar o cotidiano que os rodeiam e o curta-metragem exibido, este momento será realizado através do “ <i>Círculo do Diálogo</i> ”.
<b>Conteúdo:</b> Modo de produção, estranhamento e desnaturalização.		
<b>Material e tempo:</b> Notebook, TV e caixa de som. 2 h/a.		

A realização desta aula começou com a exposição do objetivo e em seguida com a leitura do pensamento de Dom Hélder Câmara “Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto porque eles são pobres, chamam-me de comunista.” A partir da qual se deu a discussão sobre desigualdade social e capitalismo, fiz a seguinte pergunta: por que há tantos pobres no Brasil? As respostas foram múltiplas, tais como, o fator histórico, pois as gerações tendem a herdar dos pais suas condições; a falta de oportunidades para estudar, ou seja, poucos investimentos em educação; o capitalismo, que tudo transformar em mercadoria e sustenta-se da exploração; a economia escravocrata que marcou o país.

Neste momento da aula foi possível perceber como os alunos estavam engajados com a discussão que o país atravessa, pois pontuaram que os líderes políticos do país também são responsáveis pela condição de vida da população, uma vez que representam o Estado e deveriam zelar pelos direitos de todos, o que não é verdade, logo a pobreza, como questionou Dom Hélder Câmara também é um reflexo do voto e das decisões políticas. A técnica para iniciar a aula denomina-se “O Gancho” que consiste em “um curto momento introdutório, que captura tudo que há de interessante e envolvente na matéria e coloca isso bem diante da classe – é uma maneira de inspirar e engajar os alunos.” (LEMOV, 2011, p. 93). Neste caso, iniciei

com uma citação, o que possibilitou uma discussão inicial com os temas que seriam abordados ao longo da aula, cabe ao professor sensibilidade pedagógica para selecionar a melhor maneira de iniciar a aula, o que pode ser feito com uma música, título de filme, poema e outros, o importante é a relação com o tema e a abordagem que será feita, esta etapa durou 15 minutos.

Após este momento de discussão inicial, prossegui a aula com a exibição do curta-metragem “*Ilhas das Flores*<sup>10</sup>”, produção que provoca um espaço rico para debate e reflexão, direção de Jorge Furtado. Durante a exibição do curta os alunos comportaram-se de modo diverso, a princípio ficaram risonhos, todavia, à medida que as críticas e reflexões iam tornando-se evidentes, a postura dos estudantes foi mudando, e atingindo o fim esperado, que era a reflexão sobre as desigualdades sociais embriçadas a partir do capitalismo.

Para iniciar a discussão após a exibição do vídeo, perguntei para os estudantes o que mais chamou a atenção, destaca-se algumas respostas, “as mulheres e crianças não terem direito nem ao lixo, o que mostra a extrema desigualdade que vivemos”; “que o lucro para o sistema que vivemos é mais importante do que as pessoas”; “mostra que ser livre não é apenas poder ir e vir, mas acima de tudo ter dignidade, coisa que muitos brasileiros não tem”; “nunca foi direitos, sempre foi dinheiro”. Em seguida, perguntei como eles percebem a relação capitalismo e desigualdade no curta, e como as pessoas naturalizam alguns fenômenos. Destaco neste sentido a fala da aluna Kayane,

“com essa curta-metragem muitas reflexões são levantadas e a minha particularmente é que ainda sou muito ingrata. O fato de eu ter o que comer, o que vestir e onde estudar se torna algo normal, enquanto para muitos é uma realidade anormal, um sonho, algo quase inalcançável. E muitas vezes nos sentimos e nos fazemos indiferentes à essa realidade tão presente e tão gritante. Termina com essa frase: ‘Não entro na área política, não tenho tempo para me inteirar das implicações partidárias. Meu partido é a pobreza. A minha política é a do amor ao próximo.’ Santa Dulce dos Pobres” (KAYANE, ALUNA DA 3ª SÉRIE B, ITAREMA 2022).

E também evidencio a reflexão da aluna Luiza Vitória,

“diante das pautas levantadas em sala sobre o porquê a pobreza existe, podemos levar em consideração o atual sistema econômico capitalista, haja vista que ele necessita de pessoas pobres, que disputam por empregos, fazendo com que o salário diminua por conta balança comercial, incentivando a mais valia, meio pelo qual os detentores do capital conseguem arrecadar seu lucro. Nessa lógica também cabe citar os latifúndios, que são enormes porções de terra, geralmente improdutivos que estão sob posse dos capitalistas, terras essas que poderiam passar pelo processo de desapropriação e ter um fim mais produtivo sendo doada a quem precisa e não tem condições de comprar. Para isso existem grupos que incentivam a criação desses assentamentos, como no caso do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) que luta pelos direitos do

<sup>10</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=Xxuei6Br6Fg>

proletariado e pela destituição da burguesia como único grupo adequado a reter os lucros do sistema econômico. Tais grupos visam diminuir da desigualdade social que foi construída no processo de desenvolvimento das atuais sociedades, que são pautadas nas relações de poder em que ‘o pobre cada vez fica mais pobre e o rico cada vez fica mais rico’”. (LUZIA VITÓRIA, ALUNA DA 3ª SÉRIE B, ITAREMA 2022).

IMAGEM 11 – ILHAS DAS FLORES



Fonte: arquivo pessoal

Para finalizar este momento, que causou uma participação tão efetiva dos estudantes, com reflexões profundas e latentes no cotidiano, discutimos como a sociedade se relaciona mediada pela força do modo de produção capitalista, o qual funda-se no lucro, exploração, consumismo, dentre outras características, e falamos como se construiu este processo de naturalização dos fenômenos, esta etapa da aula durou 40 minutos.

Para a conclusão da aula, a turma foi organizada em grupos de trabalho, a fim de discutirem como a desigualdade social é percebida no cotidiano de cada um, este momento foi realizado fazendo uma adequação da metodologia do “Círculo de diálogo”, que inspiram-se nos hábitos de comunidades indígenas dos EUA, em que as pessoas conversam a fim de obter um entendimento mútuo, na discussão utiliza-se um objeto da palavra, que dá aquele que o possui em dado momento o direito de fala, o que por sua vez otimiza e facilita o trabalho em grupo (PRANIS, 2010). O que também se aproxima do Círculo de Cultura, uma vez que o conhecimento é construído a partir de uma reciprocidade entre os participantes, desenvolvendo uma consciência crítica do cotidiano e respeitando o direito de fala do outro, a fim compreender o cotidiano (FREIRE, 2004).

### IMAGEM 12 – GRUPO DE TRABALHO



Fonte: arquivo pessoal

Durante a discussão em grupo, cada GT sintetizou uma fala para expor aos demais, todavia o objetivo maior deste momento era a discussão no próprio grupo. Nesta etapa acompanhei as equipes e orientei quanto a questão norteadora citada anteriormente. Após as discussões nas equipes, os estudantes foram convidados a apresentar para os demais um pouco do que consideram pertinente, fruto do debate realizado.

Destaco desta exposição as seguintes falas: “a desigualdade se manifesta entre as pessoas a partir do poder aquisitivo, pois como falamos no grupo, muitos de nós não temos condições de acessar o que outros jovens ricos acessam, tornando mais difícil nossa vida”; “aqueles que moram mais distante, nas comunidades do interior tem muitos direitos negados, como alguns colegas nosso, que não podem ir a cidade assistir a um filme, o que é um exemplo claro de como a desigualdade nos afeta”; “muitos gritam pela desigualdade, mas se ela fosse estabelecida, não aceitariam dividir o que possuem com ninguém, este é outro fenômeno provocado pela desigualdade social que vivemos, inclusive quando temos a oportunidade de ajudar, muitas vezes não fazemos”; “na sociedade que vivemos o dinheiro o objetivo principal, logo a compaixão e solidariedade são postos de lado”, esta etapa durou 30 minutos.

Utilizei os 5 minutos finais para concluir a aula, enfatizei os conceitos trabalhados e agradei pelo empenho e atenção da turma. Considerei a aula produtiva e que o objetivo proposto foi alcançado com êxito, o desafio maior da aula foi em relação a participação dos

alunos na atividade em grupo, todavia a estratégia do *Círculo de Diálogo* e o engajamento do grupo foram capazes de superar este desafio.

### 3.2.7 Sala de aula: 6º momento - a luta por dignidade no clássico Seara Vermelha

<b>Aula 6 - A luta por dignidade no clássico Seara Vermelha</b>		
<b>Objetivo:</b> Compreender a realidade apresentada na obra Seara Vermelha, relacionado com o tema da desigualdade social, sexualidade, patriarcado e direitos sociais, mediante ao exercício do estranhamento e desnaturalização.		
<b>Metodologia</b>		
Introdução: Acolhida com a técnica “ <i>O Gancho</i> ”, momento em que será declamado um fragmento dos versos de <i>Morte e Vida Severina</i> de João Cabral de Melo Neto, a fim de apresentar e iniciar a discussão sobre desigualdade social.	Desenvolvimento: Exibição de entrevista com Jorge Amado e apresentação dos conceitos sobre sexualidade, direitos sociais, desigualdade social e patriarcado. Em seguida os alunos serão divididos em grupos de 5 ou 6 participantes para discutir e relacionar a leitura do livro Seara Vermelha com o vídeo.	Conclusão: Ao final, cada equipe apresentará suas percepções e análises sobre a obra e os conceitos discutidos, a partir da mediação do professor. Divisão dos temas para a aula 7.
<b>Conteúdo:</b> sexualidade, direitos sociais, desigualdade social e patriarcado.		
<b>Material e tempo:</b> Notebook, TV, livro Seara Vermelha PDF. 2 h/a.		

Esta aula teve início com a apresentação do objetivo proposto e dos temas a serem abordados, para introdução do momento foi utilizado a técnica denominada “*O Gancho*” técnica utilizada e explicada na aula anterior, que consiste em recorrer a um momento curto para introduzir o assunto, a fim de envolver a turma e dar seguimento a discussão. Deste modo, fiz a leitura de um fragmento do livro *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.

E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida). (NETO, 2007, p. 2-3).

Em seguida, perguntei para os alunos quais aspectos eles conseguiam relacionar deste fragmento com o livro *Seara Vermelha* e com temas da Sociologia já estudados. Algumas respostas: “Assim como o livro *Seara Vermelha* este trecho do livro de João Cabral de Melo Neto retrata os efeitos da seca na vida dos nordestinos, os quais convivem diariamente com a morte”; “Dá para perceber que a vida no nordeste é sofrida, o que se mostra das duas obras, além de outras que falam do mesmo tema como o *Quinze*”; “O primeiro verso chama atenção, porque assim como em *Seara Vermelha*, que as pessoas são iguais, iguais no sentido do sofrimento, de serem apenas mais um trabalhador explorado, os *Severinos* são também visto como iguais, ou seja, são outros sertanejos que o sistema explora e a seca expulsa de casa”. Sobre os temas discutidos, os alunos apontaram que a desigualdade social, má distribuição de renda, o capitalismo estão presentes na leitura realizada, esta etapa durou 15 minutos.

Para o desenvolvimento da aula foi preciso realizar algumas adequações em relação ao planejamento, a saber, a exibição do vídeo de Jorge Amado foi substituída pela leitura e análise de uma resenha da obra *Seara Vermelha*, esta mudança se deu pelo fato de alguns alunos não terem realizado a leitura do livro citado, deste modo, fiz uma exposição dos aspectos, personagens e temas principais que marcam o romance, contei com a ajuda dos alunos que realizaram a leitura para facilitar a interação, além compartilhar e chamar os demais para a discussão.

Continuando a aula e retomando o planejado passamos a relacionar os temas referentes a leitura e discussão suscitada, apresentei para a turma os conceitos de patriarcado, citando a perspectiva de Florestan Fernandes sobre este tema.

Os traços essenciais da família patriarcal são: a crença na existência de laços consanguíneos, definidos através de um antepassado comum, mítico ou real; a vigência de critérios de transmissão hereditária de posição de ‘chefe’ ou de ‘senhor’ em linha masculina, com preferência ao primogênito da esposa legal ou de uma das esposas legais; ao exercício do poder senhorial através da norma estabelecida pela tradição, independentemente de sua origem ou fundamento religioso; o princípio de unidade econômica e política dos componentes da unidade familiar, sob a liderança do ‘senhor’; a comunhão religiosa; e o princípio da solidariedade no grupo de parentes, em todas as ações ou situações em que estes os seus apaniguados ou subordinados se envolvessem como e enquanto membros ou representantes de uma unidade familiar (FERNANDES, 1996, p.77).

A abordagem apresentada por Florestan Fernandes se evidencia em inúmeras relações narradas por Jorge Amado em *Seara Vermelha*, desde as relações de poder presente na família de Jerônimo e Jucundina, personagens centrais da discussão; os abusos cometidos pelo médico em Pirapora; a subordinação que os colonos tinham em relação ao senhor Aureliano, em que se

creditava à hereditariedade as condições de exploração e dominação. Outro tema discutido foi a sexualidade e como esta se relaciona e se apresenta como forma de dominação, destacando-se como uma maneira de ofuscar e de dar continuidade nas relações de poder (FOCAULT, 1997). Todavia, discutimos que estas relações de poder sustentadas a partir da sexualidade e do patriarcado não são encontradas apenas na classe burguesa, mas também se manifestam na classe trabalhadora, embora de maneiras distintas, o que reforça o caráter universal destes temas, que não são exclusivos de uma ou de outra classe social apenas.

Em seguida, discutimos os conceitos de direitos sociais e desigualdade social, este retomando as discussões realizadas ao longo desta SD e aquela a partir do garante a Constituição Federal de 1988, “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”. Esta etapa durou 35 minutos. Continuando a aula os alunos foram organizados em grupos para discutirem e relacionarem os temas apresentados com a leitura realizada.

IMAGEM 13 – DISCUTINDO DIREITOS SOCIAIS



Fonte: arquivo pessoal

Após o momento de discussão em grupo, os estudantes foram convidados a apontarem suas percepções sobre o livro em análise e os temas caros a Sociologia visto na aula, realizando deste modo um trabalho interdisciplinar e que se reporta à Literatura como pano de fundo para



a compreensão da realidade, fomentado a imaginação sociológica. Os estudantes destacaram as relações de poder presentes na obra, o determinismo comum a muitos nordestinos, a desigualdade social, o patriarcalismo e a falta de direitos básicos.

Dentre as reflexões apresentadas no debate, destaco que “assim como Florestan Fernandes descreve o patriarcalismo é possível perceber no livro que a família de Jerônimo representa este modelo, logo se percebe que a ideia de submissão feminina não é restrita a determinada classe, uma vez que a ideia de chefe se confunde com o masculino.” Outro viés abordado foi na discussão trata que “é possível encontrar no livro histórias que reforçam o caminho comum entre tantos nordestinos, os quais são influenciados e condicionados pelo meio, exceto aqueles poucos que procuram fugir deste destino, como os filhos de Jerônimo e Jucundina, João, Juvêncio e José, todavia acabam ainda envolvidos com aquela luta pela sobrevivência, cada um a sua medida, mas com as marcas da seca e da fome.”

Os estudantes destacaram ainda que “a falta de direitos sociais é comum na obra e marca a vida dos nordestinos do nascimento à morte, visto que a falta de dignidade é banalizada entre os excluídos no sertão.” Neste momento foi possível relacionar a discussão apresentada com o conceito de *Attitude Blasé*, de Georg Simmel, todavia feito as devidas ressalvas. Aproveitei para mostrar a seguinte citação, fruto de leituras anteriores,

Decerto, se não me engano, o lado interior dessa reserva exterior não é apenas a indiferença, mas sim, de modo mais frequente do que somos capazes de perceber, uma leve aversão, uma estranheza e repulsa mútuas que, no momento de um contato próximo, causado por um motivo qualquer, poderia imediatamente rebentar em ódio e luta. Toda a organização interior de uma vida de circulação ampliada de tal modo baseia-se em uma gradação extremamente multifacetada de simpatias, indiferenças e aversões, das mais efêmeras como das mais duradouras. A esfera da indiferença não é assim tão grande como parece superficialmente; a atividade de nossa alma responde, contudo a quase toda impressão vinda de outro ser humano com uma sensibilidade determinada de algum modo, cuja inconsciência, fugacidade e mudança parece suprimi-la em uma indiferença. [...] isso forma, com os motivos unificadores em sentido estrito, o todo indissociável da configuração da vida na cidade grande: o que aparece aqui imediatamente como dissociação é na verdade apenas uma de suas formas elementares de socialização. (SIMMEL, 2005, p. 583).

Apesar de ser um conceito relacionada a modernidade, a vida urbana, em alguma medida esta relação de naturalização, superficialidade e fugacidade também se percebe no interior do sertão brasileiro descrito por Jorge Amado, embora como particularidades, pois neste caso a própria condição não se permite a reflexão sobre as circunstâncias, tampouco um olhar atento para importa-se com o problema alheio, uma vez que a seca os torna mais insensíveis e a luta pela sobrevivência mitiga os sentimentos. Esta etapa em grupo de discussão e exposição sobre a leitura foi realizada em 40 minutos.

Os 10 minutos finais da aula foram destinadas para orientação da aula, apresentei para os estudantes como seria o próximo momento, com um café literário, para tanto eles deveriam ler sobre o livro em questão e os temas discutidos nesta aula e no componente curricular de Sociologia para serem debates na aula seguinte. Deste modo, se utilizou o que se chama de sala de aula invertida, na medida em que os alunos estudam previamente os temas que serão discutidas na sala de aula a posteriori.

Em relação a aula 6 desta SD considero que o objetivo proposto foi alcançado, todavia com a necessidade de se adequar o planejado, tendo em vista as especificidades do momento, neste sentido, percebe-se que o plano de aula é um roteiro prévio, mas não imutável, cabe a sensibilidade do professor para fazer os ajustes necessários e assegurar desta forma a qualidade no processo de ensino e aprendizagem. Logo, o desafio posto, que foi a falta da leitura da obra, por parte de alguns alunos, mas que buscamos superar, utilizando-se o resumo em questão e as interações realizadas. A leitura do livro é essencial para a riqueza de detalhes e compreensão da obra em sua completude, mas como o objetivo principal deste trabalho é congregar um diálogo interdisciplinar entre Sociologia e Literatura, foi possível atingir o fim esperado, ficando a leitura como uma atividade complementar.

### 3.2.8 Sala de aula: 7º momento - estranhamento e desnaturalização na obra literária

<b>Aula 7 - Estranhamento e desnaturalização na obra literária</b>		
<b>Objetivo:</b> Compreender a realidade apresentada na obra Seara Vermelha, relacionado com o contexto contemporâneo, a partir do estranhamento e desnaturalização.		
<b>Metodologia</b>		
Introdução: O professor inicia a aula com a técnica “ <i>Bate-Rebate</i> ” de modo instigar a participação dos estudantes sobre a discussão do livro Seara Vermelha e dos conceitos trabalhados na aula 6.	Desenvolvimento: Realização de um café literário-sociológico sobre o livro Seara Vermelha com os conceitos estudados. Os alunos serão divididos em equipes e discutirão os temas previamente selecionados, de forma a relacionar os conceitos com a leitura. Para esta atividade, utiliza-se, com	Conclusão: Ao final, cada equipe apresentará suas percepções e análises sobre a obra e os conceitos discutidos, a partir da mediação do professor. Orientação para aula 8.

	as devidas adequações, a metodologia da “ <i>rotação por estações</i> ”.	
<b>Conteúdo:</b> sexualidade, direitos sociais, desigualdade social e patriarcado.		
<b>Material e tempo:</b> Notebook, livro Seara Vermelha PDF. 2 h/a.		

Nesta aula, iniciamos o momento utilizando a técnica “*Bate-rebate*”, que consiste em uma atividade de revisão, realizada a partir de perguntas rápidas e direcionadas a estudantes específicos em uma sala, o objetivo é revisar o que foi aprendido de maneira sucinta e ágil, serve como um aquecimento para a continuidade da aula ou como uma espécie de recapitulação antes das avaliações. Nessa aula em específica, buscou-se retomar os temas e discussões tratados na aula anterior, através de perguntas que remetiam aos temas do livro *Seara Vermelha*, de Jorge Amado, como patriarcado, desigualdade e direitos sociais.

A exemplo da utilização da técnica mencionada, destaco as seguintes perguntas, em que cena era possível no livro em análise perceber a representação do patriarcado na família de Jerônimo; como o livro aborda a questão dos direitos sociais e como os estudantes percebem a influência do meio na construção dos hábitos dos personagens. Para a primeira pergunta, a resposta foi na situação em que Jerônimo coloca sua filha para fora de casa, por ela ter ficado com o médico, a fim de conseguir os documentos necessários a viagem; para a segunda, os direitos são colocados no livro como algo que pertence apenas para algumas pessoas e que os sertanejos se acostumaram a não ter direitos, o que contribui para o cangaço e outras revoltas e para a terceira questão, o ambiente em que se vive construir seres mais fortes e ao mesmo tempo mais insensíveis, o que marca uma contradição, pois o sertanejo é áspero e amável ao mesmo tempo. Essa etapa durou 15 minutos.

Em seguida, orientei os estudantes sobre o segundo momento da aula, que seria a discussão em grupo, utilizando a estratégia de interação a partir da *rotação por estações*, feita algumas adequações. Os alunos foram divididos em grupos de 5 ou 6 participantes, com o tempo de 10 minutos para apresentarem suas percepções do livro discutido, bem como dos temas tratados na aula anterior e retomados agora, além de outras questões que considerem pertinentes. Os grupos iam se alterando, exceto dois membros que são fixos por equipes, os quais apresentariam para os colegas o que o grupo inicial tinha considerado, de modo a ouvir também e responder aos questionamentos dos estudantes que se alternavam nas equipes.

O intuito deste momento foi fomentar o trabalho e aprendizagem desenvolvida de modo colaborativo, pois cada estudante tem uma percepção da leitura a partir do seu lugar de fala e das condições materiais que vivenciam cotidianamente. Ademais, foi possível estimular nos estudantes o senso de cooperação, por outro lado, se otimizou o tempo e desenvolveu o espírito de colaboradores no processo de ensino e aprendizagem da turma, que acontece de forma individual, mas sobretudo de forma coletiva (GOVINDARAJ; SILVERAJAH, 2017).

Durante a discussão em grupo acompanhei os estudantes, e à medida que surgiam as dúvidas e questionamentos atuava de modo a orientar os alunos, todavia atuando de forma subsidiária, pois o centro do processo de ensino e aprendizagem são os discentes. Ao longo desse momento percebi a maturidade nas falas e o espírito de respeito entre eles, uma vez que as percepções diferentes eram aceitas. Essa etapa durou 50 minutos.

IMAGEM 14 – RODA DE CONVERSA



Fonte: arquivo pessoal

Após as discussões em grupo, realizamos um café literário-sociológico, espaço de diálogo entre os jovens, no qual foi possível uma exposição harmônica dos diferentes pontos de vista sobre a obra lida e dos temas tratados até o momento. Comecei a conversa sobre o que prendeu a atenção na leitura e na conversa realizada em grupo e deixei os estudantes à vontade para falarem, claro que considerando o tempo da aula, nesse instante foi destacado que a obra

representa uma visão forte sobre a questão da terra e como esta é distribuída de forma desigual, o que por sua vez acarreta inúmeras outras questões, como a submissão dos trabalhadores, a falta de direitos e de certa forma alguma aceitação pela condição criada e imposta.

Depois dessa primeira fala, destaca-se também a comparação feita da obra com a realidade do município de Itarema, visto que se levantou a questão de um proprietário de terra da cidade, que assim como no livro tem o monopólio de terras, além da produção de coco e exploração de milhares de hectares, ao passo que muito trabalhadores não têm onde plantar, e que acabam vendendo sua força de trabalho, pelo que chamamos de ‘diária’. Destacaram ainda que tal semelhança não fica restrita apenas a possuir terras, mas a própria consecução de direitos, o que por sua vez limita e dificulta o acesso de muitas famílias e jovens a bens e serviços básicos.

Outra abordagem apresentada foi em relação aos processos migratórios que marcam a vida dos nordestinos na obra discutida, ponto que se pode analisar nos aspectos, literários, sociológicos, geográficos e históricos, ou seja, a partir de uma visão interdisciplinar profunda. Os estudantes destacaram que esse movimento foi comum durante muito tempo, inclusive muitos familiares fizeram este caminho, embora diferente dos caminhos da fome, como Jorge Amado descreve no livro, mas também é um processo histórico que marca a trajetória de muitos alunos, influenciando de forma direta e significativa suas trajetórias. Neste ponto, destacaram ainda que as oportunidades limitantes nas cidades menores e busca pelo trabalho desde cedo são fatores que direcionam as escolhas dos jovens, os quais decidem muitas vezes pelo trabalho em detrimento aos estudos, sobretudo em relação ao ensino superior.

Destaca-se ainda na discussão, um aspecto controverso na obra de Jorge Amado, que foi criticado com ênfase pelos estudantes, sobretudo pelas meninas, qual seja, a justificativa que a obra apresenta para a atuação do médico em Pirapora, doutor Epaminondas, o qual abusava das nordestinas, que chegavam para ele consultar e entregar ou não as papeletas para a viagem. Na obra, ele fazia isso como uma consequência do meio que ele estava, todavia, as alunas apontaram que essa situação não justificava tal comportamento, o que na verdade servia para tirar dele a responsabilidade de seus atos, transferindo para a situação, a culpa pelo que fazia. Ainda destacaram que esse fundamento só serviria para os homens, pois se fosse uma mulher a usar esta justificativa para seus atos, não seria aceito, pelo contrário, assim como Marta, também seria culpada e julgada pela sociedade. Esta discussão merece uma análise mais profunda e rigorosa da obra, inclusive como tema para futuras pesquisas.

Ao final dessa discussão, fiz minhas considerações, no sentido de que há uma possibilidade imensa de trabalhar a compreensão sociológica e os temas abordados por meio da literatura, percebendo esta não como realidade, mas como verossimilhança do cotidiano, agradei pela participação e apresentei os temas da aula 8. Esta etapa durou 35 minutos. Analisando a aula, considero que o objetivo proposto foi alcançado e que a SD contribui para o desempenho do momento, uma vez que as metodologias utilizadas antes, a discussão das aulas anteriores e a apresentação da obra na aula 7 contribuíram para a fluidez desta aula.

Entretanto, o desafio no exercício interdisciplinar é apresentar para os estudantes um mesmo tema ou assunto sobre diferentes pontos de vista, logo é imprescindível uma formação sólida e leitura assídua pelos docentes, a fim de subsidiar e apresentar para os estudantes que o conhecimento é um todo, o qual foi dividido para ser estudado, apenas por uma questão de didática, mas que é importante perceber a totalidade dos assuntos e que estes estão conectados a nossa realidade cotidiana.

### 3.2.9 Sala de aula: 8º momento - discussão sobre a desigualdade local, regional, estadual e nacional

<b>Aula 8 - Discussão sobre a desigualdade local, regional, estadual e nacional</b>		
<b>Objetivo:</b> Discutir as desigualdades sociais em âmbito local, regional, estadual e nacional, a partir das leituras empreendidas.		
<b>Metodologia:</b>		
Introdução: O professor inicia a aula com a técnica “ <i>Deixe Claro</i> ”, a fim de orientar o desenvolvimento da aula.	Desenvolvimento: O professor discutirá os conceitos sobre integração regional, juventudes e trabalho: cenário atual, avanços e retrocessos e o que é IDH. Em seguida os alunos pesquisarão, acerca do IDH em nível local, regional, estadual e nacional, para esta atividade adota-se a metodologia do “ <i>Laboratório Rotacional</i> ”.	Conclusão: Os alunos apresentarão as informações coletadas e relacionaram com os livros e temas discutidos ao longo da SD.

<b>Conteúdo:</b> integração regional, juventudes e trabalho: cenário atual, avanços e retrocessos.
--

<b>Material e tempo:</b> Notebook, laboratório de informática, celular, tablet educacional. 2 h/a.
--

Esta aula teve início, por meio da técnica “*Deixe Claro*”, que consiste em apresentar para os estudantes o objetivo da aula, as atividades propostas e como será avaliado o momento. Desse modo, apresentei o objetivo de nossa aula, a atividade de pesquisa que iriam realizar, a discussão teórica sobre o IDH que teríamos e que a avaliação se daria a partir da exposição e interação da turma, a partir da pesquisa e discussão realizada. A utilização dessa técnica favorece o prosseguimento da aula, uma vez que orienta de modo claro e preciso a sequência de atividades propostas, desde os objetivos até o processo avaliativo, o que facilita o trabalho de ambos, professor e estudante. Essa etapa levou 10 minutos.

Para o desenvolvimento da aula, fiz uma abordagem mais sucinta sobre integração regional e a relação entre juventudes e trabalho, mostrando que os desafios para ingresso no mercado são inúmeros, devido ao modo de produção capitalista, que se alimenta também de mão-de-obra farta e acessível, o que nesta lógica dificulta a entrada dos jovens no mundo do trabalho, sobretudo dos jovens pertencentes a classe trabalhadora. Nesse sentido, os estudantes apontaram que por isso “muitas pessoas acabam aceitando condições precárias de trabalho e salários baixos, pois é ruim assim, mas sem esse ganho, seria ainda pior”, outro aluno destaca que “para os jovens se torna mais difícil devido a exigência de experiência e pouca formação, o que também leva muitos a aceitarem qualquer emprego”.

Todavia, é preciso perceber que há avanços e retrocessos, no que diz respeito ao tema das juventudes e trabalho, uma vez que o acesso à educação tem sido incentivado, embora haja um caminho longo de lutas. Nesse sentido, os alunos destacaram que “um exemplo de conquista é o próprio ensino médio, pois o acesso de uma forma mais ampla a este ensino é algo relativamente novo”. Além disso, enfatizaram que “muitas vezes é preciso aceitar condições desfavoráveis de trabalho, almejando melhorias depois, isso é mais comum para os jovens, pois a falta de experiência é o maior desafio para muitos”. Encerramos a discussão mostrando que o capitalismo é repleto de contradições, pois à medida que explora os trabalhadores, também permite algumas conquistas, a exemplo do acesso ao ensino superior, que muitas vezes serve de mercantilização do ensino, ou seja, há o acesso a formação, mas de forma precarizada.

Em seguida, falamos sobre o IDH. Neste momento apresentei para a turma quais são os indicadores que compõem esse índice a saber, saúde, educação e renda, bem como o que ele representa para a compreensão de diferentes realidades entre países, regiões, estados ou cidades,

relacionando também com as discussões das aulas anteriores e das obras lidas, *Vidas Secas* e *Seara Vermelha*, uma vez que foi possível traçar um paralelo das realidades literárias com o cotidiano dos jovens, a fim de relacionar os desafios dos personagens de Graciliano Ramos e Jorge Amado com os indicadores que compõem o IDH. Esta primeira discussão durou 30 minutos.

Para o segundo momento de desenvolvimento da aula, recorri a uma estratégia do modelo de ensino híbrido, mas especificamente para o modelo por rotação, denominado de “*Laboratório Rotacional*”,

neste modelo, os estudantes usam o espaço da sala de aula e laboratórios. O modelo de Laboratório Rotacional começa com a sala de aula tradicional, em seguida adiciona uma rotação para um computador ou laboratório de ensino. Os laboratórios rotacionais frequentemente aumentam a eficiência operacional e facilitam o aprendizado personalizado, mas não substituem o foco nas ações convencionais que ocorrem em sala de aula. O modelo não rompe com o ensino considerado tradicional, mas usa o ensino *online* como uma ação sustentada para atender melhor às necessidades dos estudantes (BACICH, 2019, p. 682).

Após a discussão teórica em sala, os alunos foram para o laboratório de informática da escola, a fim de pesquisarem informações sobre o IDH local, estadual, regional e nacional, para fazerem suas considerações, bem como perceber como os indicadores em análise evidenciam as desigualdades sociais de maneira distinta. Além disso, a pesquisa também serviu para perceber as nuances que marcam a sociedade brasileira, evidenciando a discussão traçada ao longo desta SD.

IMAGEM 15 – PESQUISA



Fonte: arquivo pessoal



Durante a realização da pesquisa no laboratório, orientei os estudantes que buscassem por dados recentes e considerando as fontes das informações. Ademais, lancei duas perguntas norteadoras, a saber, pesquisar o IDH local, regional, estadual e nacional, bem como ver a renda per capita do Brasil. Essas perguntas orientaram a pesquisa, mas não limitaram. Nesse sentido, os alunos podiam pesquisar informações relacionadas a discussão empreendida e o que eles considerassem pertinentes sobre o tema em pauta. Além disso, acompanhei o momento para possíveis dúvidas e orientações, esta etapa de pesquisa durou 30 minutos e foi realizada em dupla ou trios, o que por sua vez facilitou as discussões e fomentam o debate coletivo vindouro.

Após a pesquisa, continuamos no laboratório e realizamos a discussão sobre os dados encontrados e informações que os alunos consideraram pertinentes para o momento, relacionando toda a pesquisa com as discussões desenvolvidas ao longo da SD, pois o tema da desigualdade social e como os jovens a percebem é o que norteia este trabalho, apontando limitações e possíveis possibilidades de melhorias. Comecei a fala perguntando sobre o IDH de Itarema e o quais considerações eles faziam, os estudantes responderam que “o IDH de Itarema é de 0,606 e é menor do que a média do Estado do Ceará que é de 0,735”. Neste instante foi importante destacar que o índice do município é de 2010, da pesquisa do IBGE cidades, ao passo que do Estado é de 2017, pesquisa realizada pelo IPECE.

Este primeiro dado serviu para a discussão de que o município precisa avançar, e dentre os aspectos que compõem este índice, os alunos falaram que “é compreensivo os municípios do interior terem um indicador menor, pois os serviços de saúde e educação ainda precisam avançar, além do que a renda é bem menos distribuída, pois as famílias sustentam-se da agricultura, pesca e pecuária e tantas outras apenas dos empregos das prefeituras, destes, muitos são temporários”, por outro lado, apontaram que ao “se observar a realidade atual é possível perceber mudanças, sobretudo com o acesso à educação e distribuição de renda, seja por iniciativa própria ou por programas do governo, assim este indicador deve ter melhorado em 2022”. Portanto, percebemos que há nuances, em relação a desigualdade social, que marcam direto, diferente e significativamente a vida dos jovens.

Em seguida, analisamos o IDH do Brasil, o qual é de 0,754, ou seja, superior ao índice do Ceará e do município de Itarema, mais uma vez os estudantes destacaram que “os fatores relacionados aos investimentos e acesso a renda são decisivos para a compreensão desses dados, daí a importância de políticas públicas para as regiões mais pobres”. Destaco também a fala que aponta para um tratamento equânime das regiões, “não é preciso só distribuir e investir de maneira igual em cada região, estado ou município, é preciso investir de acordo com as

necessidades, pois as regiões ricas por recursos naturais ou que já tem muitas empresas e um comércio grande precisam menos, por isso é importante um olhar dos políticos para as regiões menos favorecidas”.

Ainda falamos sobre a diferença *per capita* no Brasil, considerando também a relação com países de primeiro mundo, o que mais uma vez reforço o caráter dual da sociedade. Esta fala apontou para as diferenças de renda que permeiam o cotidiano, deixando evidente que muitos sobrevivem com condições mínimas. Os alunos falaram que “quem sobrevive com tão pouco no Brasil, dada as condições adversas, seria rico em outros países com condições melhores, por isso talvez muitos se arriscam indo para o exterior, se aproximando assim do êxodo rural marcante dos livros lidos”. Estes posicionamentos reforçam que a discussão despertou um olhar atento e crítico por partes dos alunos, pois estes se percebem como sendo os indivíduos que são impactados pelas desigualdades sociais de forma mais significativa. Esta etapa durou 25 minutos e nos 5 minutos finais reforcei as orientações para as apresentações das aulas 9 e 10 desta SD.

#### **4. CONSTRUÇÃO E PERCEPÇÃO DAS JUVENTUDES: AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Esta seção do trabalho apresenta as produções feitas pelos estudantes que participaram das aulas realizadas, é importante perceber que ao longo do fazer pedagógico mudanças e adequações são necessárias, não que isso reflita falta de planejamento, mas sim que a escola é um espaço vivo e dinâmico, pois a relação professor e aluno é mutável. Tendo em vista que o planejamento é uma orientação, o qual é passivo de mudanças e correções, a fim de reorganizar o processo de ensino e aprendizagem, ademais é preciso compreender e escutar os estudantes, pois a escola não pode ser alheia aos que os discentes também pensam. As produções apresentadas são frutos de um trabalho longo, desenvolvido no percurso de um semestre e que aborda a percepção e compreensão dos estudantes sobre as discussões empreendidas.

##### **4.1 RESULTADOS DA INTERVENÇÃO**

Durante a fase inicial de planejamento desta SD se tinha estipulado quais produções os alunos desenvolveriam, a saber, teatro, narrativa visual, reescrita e hora de soltar o verbo, ou seja, apresentação oral, todavia não se determinou como os estudantes deveriam elaborar suas

produções, apenas orientei que as produções deveriam concluir de forma diferentes as obras lidas e discutidas, *Seara Vermelha*, de Jorge Amado e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, a fim de colocar nestas produções as percepções de cada um, orientados a partir das discussões realizadas ao longo da SD.

Como o processo de ensino e aprendizagem é dinâmico e mutável um grupo de estudantes sugeriu acrescentar a produção musical como maneira de encerrar a obra e apresentar sua versão do que foi discutido. Logo, se percebe que a prática de sala de aula exige planejamento, mas também flexibilidade, ainda mais quando se tem os alunos como centro do processo, desse modo foi preciso adequar as aulas finais desta SD e incorporar mais uma produção, que no caso substitui uma produção teatral.

Portanto, terminamos a SD com oito (8) produções distintas, quatro (4) produções sobre o livro *Seara Vermelha*, de Jorge Amado, que consiste em uma narrativa visual; um teatro (curta-metragem), que encena o final do livro e os rumos que tomaram os personagens principais; um podcast, que representa a hora de soltar o verbo e os alunos discutem o teor social da obra e a reescrita do capítulo final em forma de texto. Ademais, têm-se quatro (4) produções sobre o livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, uma narrativa visual; um podcast, que os estudantes fazem um final diferente para a obra, de modo a entrevistar os personagens; uma música, que no caso substitui o teatro e a reescrita do capítulo final.

Todas as produções refletem de modos diferentes as discussões realizadas sobre desigualdade social e outros temas discutidos nas aulas, além disso, está presente em cada produção as perspectivas sociológicas e literárias discutidas ao longo da SD. A seguir, passo a discutir e apresentar os trabalhos finais dos estudantes, algumas produções encontram-se ao longo do texto e outras nos links que ficarão disponíveis como nota de rodapé. Compreendo que o objetivo do trabalho foi alcançado, pois além das discussões pensadas e realizadas foi possível fomentar a imaginação sociológica e literária dos estudantes, além das habilidades artísticas e tecnológicas necessárias para os trabalhos desenvolvidos.

#### **4.1.1 Sala de aula: 9º momento – apresentação da Narrativa Visual e Produção Textual**

<b>Aula 9 - exposição dos trabalhos produzidos: narrativa visual e produção textual</b>
<b>Objetivo:</b> Expor as produções (reescrita final dos livros discutidos) por meio da narrativa visual e produção de poesia, poema ou cordel, de modo a apresentar as discussões realizadas ao longo desta SD.

<b>Metodologia:</b> Os estudantes apresentarão seus trabalhos e conduzirão as discussões suscitadas, de forma a estimular a participação dos colegas. A narrativa visual será realizada por meio do programa Spark Adobe e divulgado nas redes sociais da escola. O professor acompanhará os trabalhos apresentados.
<b>Conteúdo:</b> Texto literário, desigualdade social e produção textual.
<b>Material e tempo:</b> Notebook, TV, celular, tablet educacional. 2 h/a.

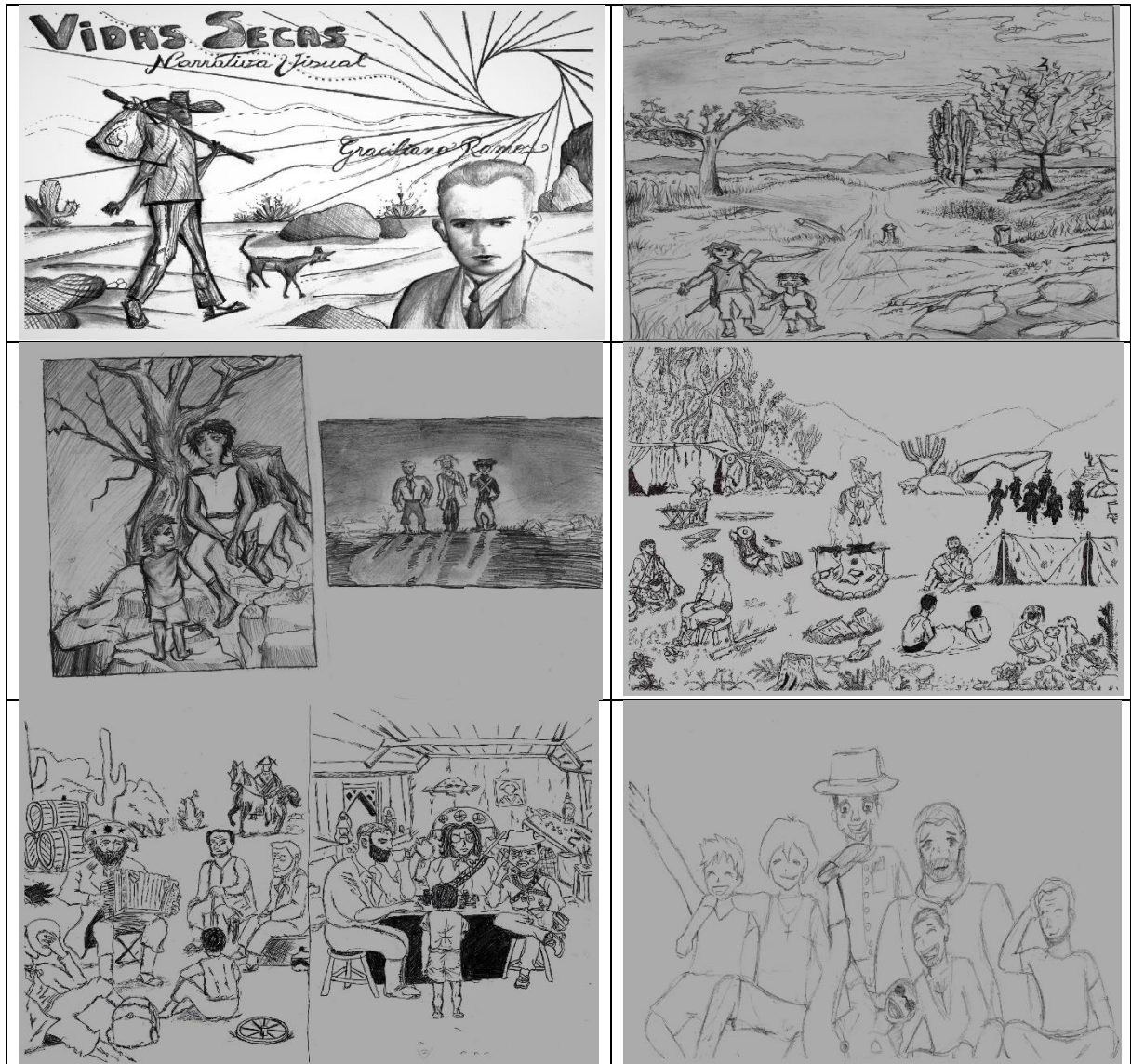
Nesta aula os estudantes utilizaram o tempo para apresentar suas produções, logo, o planejamento da aula foi pensando para um espaço de maior protagonismo dos discentes. Além disso, as aulas 9 e 10 foram realizadas em conjunto, com as turmas que fazem parte desta SD, 3ª série A e 3ª série B e o ambiente utilizado para a exposição dos trabalhos foi o auditório da escola, uma vez que era preciso comportar as duas turmas, ademais, o interesse nessas aulas além das produções, seria a própria apresentação e condução das discussões por partes dos alunos, os quais foram os autores dos seguintes trabalhos.

As discussões sobre os livros se deram nas duas turmas citadas, como se percebe ao longo do desenvolvimento da SD, todavia, com o fito de otimizar e direcionar as produções e gerenciar melhor o tempo, os trabalhos foram divididos considerando turma e obra, desta forma a 3ª série A produziu as versões finais do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e 3ª série B produziu as versões finais do livro *Seara Vermelha*, de Jorge Amado. Nesta aula, os alunos apresentaram as Narrativas Visuais e a Reescrita.

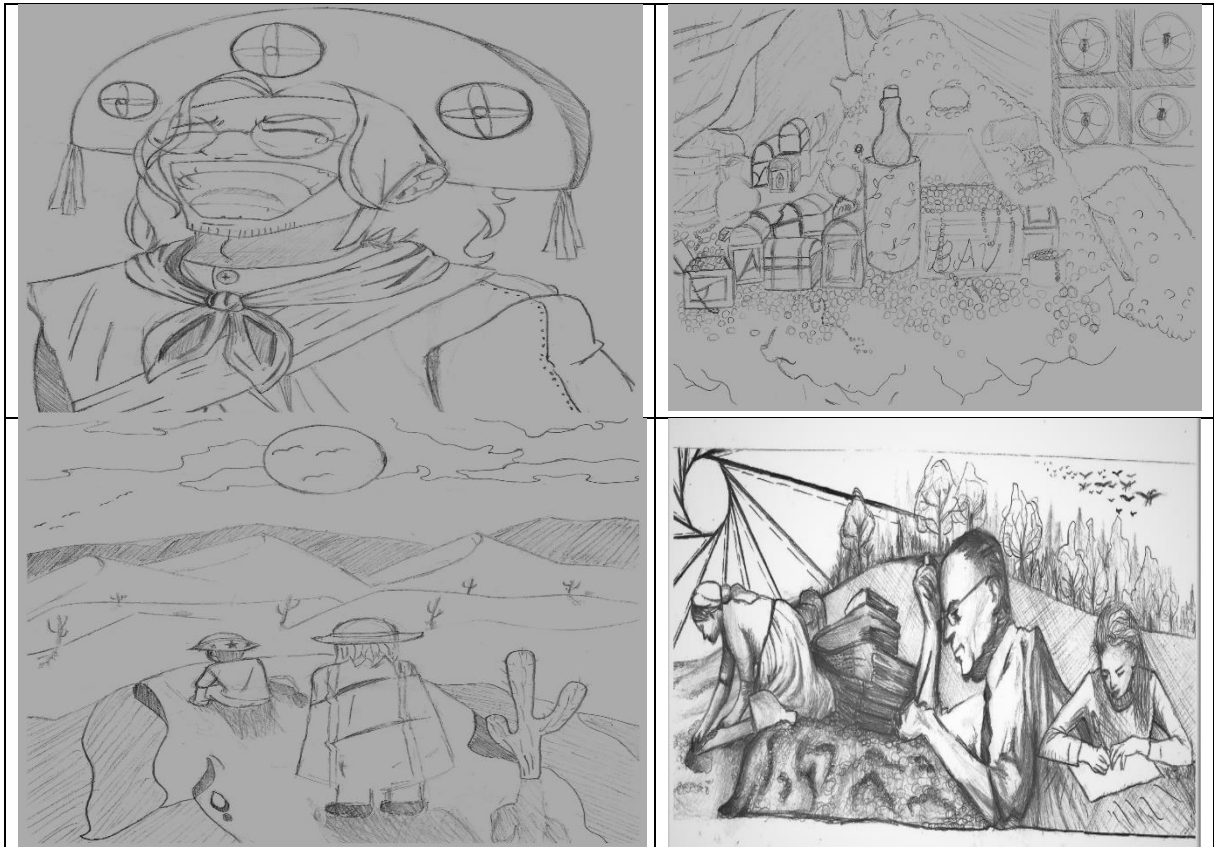
A turma da 3ª série A iniciou as apresentações com a exibição da Narrativa visual, que consiste numa produção visual construída no Adobe Spark, uma extensão do Adobe, que permite a edição de imagens e outros. Nas palavras dos estudantes: *‘esta narrativa visual tem o objetivo de apresentar uma releitura através de desenhos da obra Vidas Secas, de Graciliano Ramos, acrescentando ao final do último capítulo um novo fim para aqueles personagens, a saber: Fabiano, sinhá Vitória, Menino mais Novo e Menino mais Velho, de modo a utilizar às expressividades das imagens. A história continua: após os acontecimentos de “A Fuga” último capítulo do livro na versão original de Graciliano Ramos, eles vagam pelo sertão à deriva sem sonhos, sem esperança, sem futuro garantido, somente a fé os alimenta. Após caminharem bastante Fabiano junto com sinhá Vitória sentem-se cansados e acomodam-se numa sombra feita por uma catingueira. Fabiano crente que não conseguiria continuar a viagem entrega seus espólios aos filhos antes que seu corpo desfaleça e, encaminha ao menino mais velho que pegue seu irmão e continuem o curso da viagem sem fim, já que eles iriam descansar o corpo*

(de todas as interpretações possíveis). O filho mais velho relutante segue fielmente o pedido de seu pai, antes que este junto de sua esposa dê seus últimos suspiros e com as mãos levadas a cara, a fim de esconder as lágrimas que brandiam seu rosto, toca o rumo junto de seu irmãozinho que esse sim não hesitou em derramar suas lágrimas perante ao trágico fim de seus pais, bem como o fim doloroso de sua família’.

IMAGEM 16 – Narrativa Visual<sup>11</sup>



<sup>11</sup> <https://express.adobe.com/page/IgipPKaqe0gVD/> Este link apresenta a Narrativa visual com os desenhos em tamanho real e dentro do espaço no qual foi construída.



Fonte: desenhos dos alunos Pedro, Tayson e Luma

A produção acima aponta para os caminhos que marcaram a vida dos personagens da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, de modo que cada um teve seu destino influenciado pela fome, seca e cangaço, dessa forma os estudantes expressaram seus sentimentos, percepções e como compreenderam os temas discutidos. Além disso, é importante enfatizar que o trabalho produzido apresenta uma condição comum a muitos sertanejos, neste sentido foi possível perceber a maturidade da produção, uma vez que se buscou e produziu considerando as condições mínimas que permeava a vidas dos personagens, sem paixões ou ilusões, mas percebendo como a realidade se colocava para estes.

Em seguida, a turma da 3ª série B apresentou a Reescrita do capítulo final do livro *Seara Vermelha*, de Jorge Amado, construindo um rumo diferente para os principais personagens da obra, a saber: Jerônimo, Jucundina, João, Zé, Juvêncio e Tonho.

## ***EPÍLOGO - CAMINHOS***

### ***Marta***

*Marta encontrava-se agachada ao pé da cama do pai. Após treze anos afastada da família havia, enfim, reencontrando-a. No entanto, as circunstâncias não faziam com que o momento fosse feliz. A pneumonia já se apossara do corpo de Jerônimo e, enquanto delirava*

*no leito da morte, apertava com a força que lhe restara a mão da filha que há tempos foi abandonada. Marta enxugava o canto dos olhos inconformada com a situação do pai.*

*– Há quanto tempo ele tá assim?*

*– Marta...*

*Jerônimo murmurava o nome da filha como se fosse algo sagrado.*

*– Teu pai só chama por ti...*

*Jucundina parecia acanhada diante da presença da filha que não via há tanto tempo. Não sabia ao certo tudo o que acontecera a Marta após Jerônimo ter proibido a filha de viajar com eles há tantos anos.*

*– Teu pai tá arrependido.*

*– Perdão, minha filha!*

*Essas eram as últimas palavras que Jerônimo conseguia falar após muito esforço para reunir força, pois não queria morrer com o arrependimento de não se desculpar com sua amada filha que ele tratara cruelmente.*

*O olhar de Marta exalava uma tristeza avassaladora por não ter voltado antes e ter vivido momentos a mais com seu pai e sua família, mas ao mesmo tempo tinha um sentimento de alívio, alívio por poder se reconciliar com Jerônimo, embora fosse em seu leito de morte.*

*– Eu te perdoo pai, do fundo do meu coração, não podia deixar você partir sem te falar: eu te amo.*

*As lágrimas molhavam seu rosto e se misturavam as que caíam dos olhos de seu pai. O sofrimento de Jerônimo, enfim, chegou ao término e, junto a ele veio a morte. A tristeza do luto se instaurara no ambiente marcado pela simplicidade. Jucundina, embora tentasse manter sua postura de mulher forte e inabalável, não conseguia disfarçar o profundo abalo que lhe penetrava como as raízes de uma planta que crescia no solo.*

*Tonho, seu neto, não conseguia acreditar que seu avô, aquele homem "cabra macho", perdeu a luta para uma simples enfermidade. Por mais que esse fim fosse esperado, nunca se está preparado para perder alguém. O choro era inevitável, a dor do luto era devastadora, porém, tinham que seguir e ajudar a família a organizar o velório.*

### **O CANGACEIRO**

*A notícia da morte de Jerônimo se espalhou rapidamente pela região, assim como a tuberculose que o derrotou. Zé Trevoada, seu filho, que por ser o cangaceiro mais perigoso do sertão e ter muita influência, tinha posto homens de confiança para ficar de olho em sua família e, com isso, logo soube do acontecido. Fazia tanto tempo que o contato dele com seus*

*pais era só por intermédio de seus subordinados, que tinha um certo receio de retornar a sua casa. Porém, mesmo com suas incertezas, não podia deixar de ir velar seu velho pai, era uma questão de honra. Zé Trevoada encontrava-se em frente à casa que passou determinada parte da sua vida, demonstrava-se acanhado em pensar que estaria novamente na presença da mãe e no que ela pensaria diante das escolhas que fizera, no que se tornara, em todas as vidas que tirara e nas companhias que agora partilhava sua vida. Respirou fundo e se aproximou do local que já fora seu lar. Avista a porta parcialmente aberta e olha o que acontece no interior da casa. Localiza uma senhora abalada no canto da sala, que encarava o caixão. Seu aspecto era cansado, bolsas estavam expostas sob seus olhos, as rugas emolduravam a face marcada pelo tempo.*

*Ao ver sua amada mãe naquela situação, sente um profundo arrependimento de a ter deixado e de não estar presente durante a doença de seu pai, não conseguia acreditar que não se despediu dele em vida, tentava a todo custo manter sua postura de cangaceiro forte, porém não conseguiu segurar as lágrimas.*

*– Mãe...*

*Falava ele com uma voz trêmula, cheia de medo da reação de sua mãe diante das escolhas que fizera.*

*De maneira abrupta, a porta é escancarada e uma figura masculina surge à sua frente. O rapaz, apesar de cansado e triste, mantinha-se resistente diante da situação. Zé Trevoada com muita insistência consegue reconhecer vagamente a figura daquela pessoa, era seu sobrinho Tonho, que também tinha deixado para trás, assim como a família, quando entrou para o cangaço.*

*– Quanto tempo meu sobrinho! Você já é um homem formado.*

*Desvia sua atenção por um instante da figura de sua mãe que tanto lhe assustava. Tonho tentou ao máximo reconhecer aquela pessoa. Contudo, muito anos se passara, e não reconhecia mais o seu tio, logo não sabia como reagir. Zé, após falar com seu sobrinho entra no cômodo e se depara com o caixão de Jerônimo, sem reação, constata que seu velho estava realmente morto.*

*Jucundina via aquela cena sem conseguir reagir, aquele realmente era seu filho que há tantos anos se foi. Ao contrário do que Zé Trevoada pensava, ela não deu muita importância para as escolhas que ele fez, pois sua volta era mais importante. Ela se levanta vagarosamente e pensa apenas em abraçar seu menino, que já não era mais aquele de antes, entretanto o amor que sentia era maior.*



– Zé, meu filho...

*Fala ela ainda com vergonha e medo da reação do homem.*

– Há quanto tempo dona Jucundina, sentiu minha falta? Aposto que não.

*Afirmou ele com um ar de brincadeira, mas ao mesmo tempo de alívio, por não perceber na mãe o olhar de julgamento que ele tanto temia. Nesse momento, os dois se abraçaram num entrelaçado de saudade, de dor e de amor. Então o cangaceiro não consegue conter as lágrimas, demonstrando que aquela pessoa tão bruta e inabalável tinha sim sentimentos.*

*Marta entra na sala para servir um chá aos poucos que acompanhavam o velório do velho Jerônimo, incrédula deixa cair a bandeja. Não consegue compreender o que acontecia, aquela figura era de fato seu irmão, todas às vezes que se lembrava dele, imaginava que já tivesse morto. Ao ouvir o estralar das xícaras, Zé Trevoada e sua mãe, enfim, desgrudaram-se.*

– E essa moça aqui! Só pode ser a pequena Marta, nossa como o tempo foi generoso com você, irmã.

*Falava ele ao mesmo tempo que tentava enxugar as lágrimas.*

– Me dá um abraço ou não reconhece seu irmão?

*Ainda tentando reagir a situação, Marta dá um abraço em Zé Trevoada.*

– Por onde você andou todo este tempo? Achei que já estivesse morto! Por que nos abandonou?

*Eram tantas dúvidas que ela mal conseguia terminar uma frase e já lhe vinha outra pergunta.*

– Deixe seu irmão respirar, deve estar cansado, tenho certeza que ele vai responder tudo depois de tomar um banho.

*Afirmava Jucundina com um sentimento materno que nunca tinha se apagado. Após o reencontro dramático, o velório seguiu e, então, Jerônimo foi enterrado em uma rede, como era de costume naquela época.*

*Depois que a casa estava sem as visitas, os membros da família aproveitaram para tentar recuperar o tempo perdido.*

– E meus irmãos? Por que não vieram velar nosso pai?!!

*Zé pergunta com um certo ar de julgamento.*

– Não os julgue, meu filho, seu irmão Jão, entrou para a polícia, e foi morto durante um confronto por terras com um grupo de cangaceiros, ele foi o único de seu batalhão que não conseguiu resistir e Juvêncio foi preso por participar de uma rebelião contra o governo.

*Respondia Jucundina.*

– *Como assim? foi morto? Quando foi? Como foi isso?*

*Não fazia ideia que seu irmão havia falecido, mas sabia que ele atuava como policial em áreas onde o seu grupo de cangaceiros atuava.*

*-Jão está morto?*

*Perguntou Marta, pois também não sabia da notícia. Jucundina tenta acalmá-los.*

– *Foi um trágico confronto com um bando do cangaceiro Lucas Arvoredo e com o Beato Estêvão na luta do latifúndio.*

*Nesse momento Zé Trevoada fica imóvel, sua pele começa a ficar pálida, não podia acreditar, entrava em negação naquele momento.*

– *Não, não, não!*

*Jucundina, Marta e Tonho imaginavam que Zé não suportava a ideia de que o irmão, com quem passou a infância, já não estava mais vivo. Mas não era só isso, nesse momento ele recordou de que estava presente na luta descrita pela mãe, foi uma de suas primeiras lutas no cangaço e se lembrava muito bem que tinha matado um policial. Lembrava-se justamente porque foi a primeira vez que tirou a vida de um membro do volante.*

*Compreende então que tinha matado seu irmão, sentia uma profunda tristeza, maior ainda do que sentira quando recebeu a notícia da morte do velho Jerônimo. Zé Trevoada sai da sala totalmente desorientado, sua família tenta entender o motivo de tamanho abalo, já que fazia muito tempo que os dois tinham trilhado caminhos distintos na vida.*

– *Vou sair um pouco.*

*Fala ele ainda sem saber para onde ir.*

*Vai para o quintal, e não sabe ao certo o que pensar, só consegue sentir uma imensa angústia. O peso de todas as mortes o atormentava, como se a descoberta, do assassinato de Jão, tivesse sido um gatilho para despertar um sentimento avassalador, que ele não conseguia suportar, o que o consumiu pouco a pouco e não sabia como reagir diante deste infortúnio.*

*De longe, ele avista uma corda velha amarrada em uma árvore, era a deixa perfeita que ele precisava, passos vagarosos, anda como se estivesse indo para seu fim. E de fato ia. Ao chegar naquele ponto, sentado em cima da árvore prestes a pular, arrependeu-se de tudo o que fizera, das vidas que tirou, das famílias que arruinou. Pula, como se estivesse aliviado de não ter mais que conviver com a culpa.*

*Alguns minutos depois, Tonho sai para ver se Zé Trevoada estava bem, ao chegar na fatídica cena, acha que estava alucinado pelo calor, esfrega os olhos e olha mais uma vez, era*

*real, seu tio, o Rei do Cangaço estava lá, pendurado sem vida naquela árvore. Ele corre desesperado, corta a corda, mas já era tarde.*

*Jucundina e Marta, ao ouvir o alvoroço, também saem correndo e de longe avistam Tonho com Zé deitado no colo, assustadas elas se aproximam do local. Jucundina desacredita do que seus olhos lhe mostram, Marta cai em prantos aos pés de Zé.*

*Sim, mais um velório aconteceria naquela casa, que ainda cheirava as velas do velório de Jerônimo. A família fica mais uma vez desestruturada e enfrentava mais uma perda trágica. Ao perceber o estado de mãe, Marta decide ficar com o que restou de sua família, a fim de ajudar a velha Jucundina a enfrentar o tempo tão turbulento que a cercava. E assim se seguiu a vida das duas mulheres e de Tonho, na simplicidade que sempre esteve presente, porém agora marcada pela tragédia de um suicídio de que até então eles não compreendiam o motivo, e nem se mobilizarem para descobrir.*

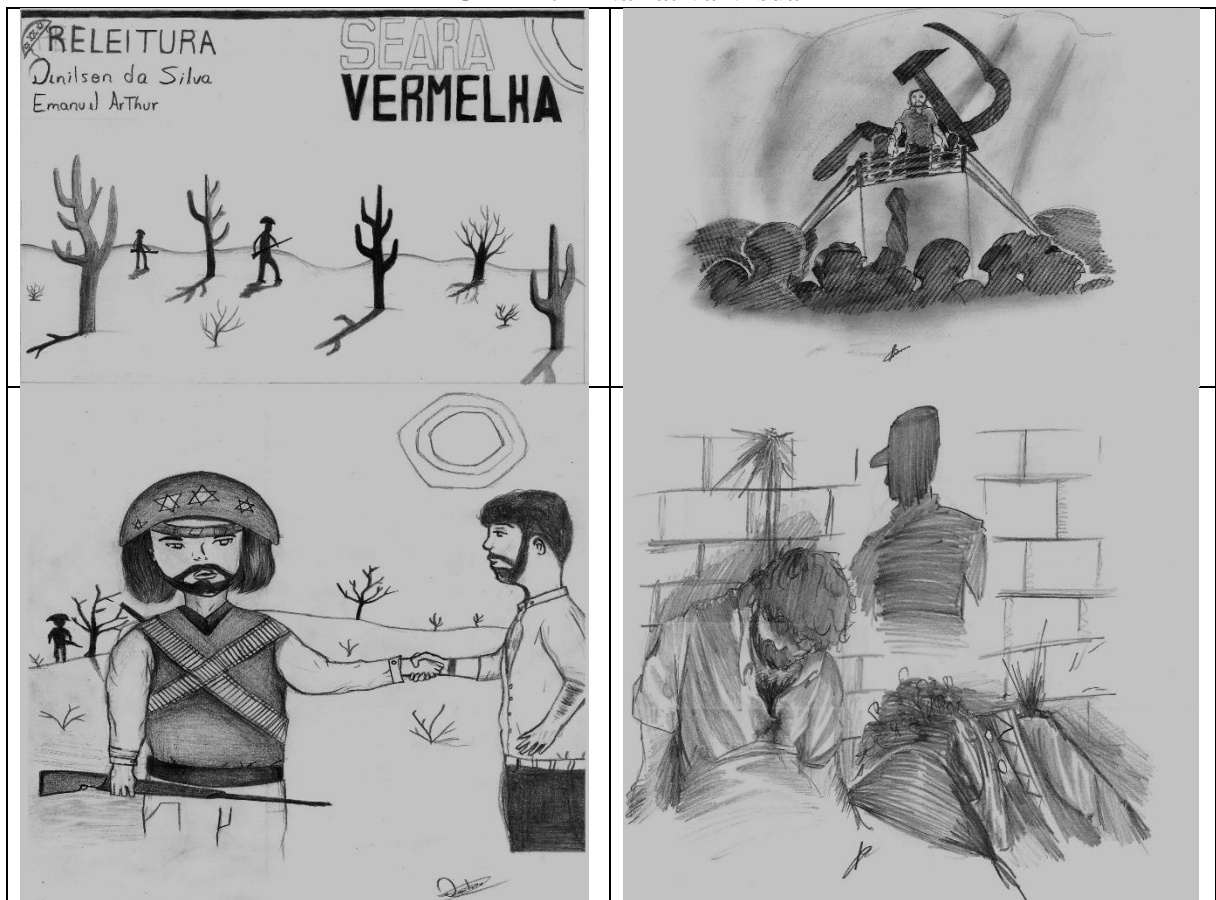
No capítulo produzido pelos estudantes é possível perceber como os destinos dos personagens se cruzam de maneira trágica e com encadeamento, além de expressar com precisão os conceitos discutidos ao longo da SD, tais como, fome, desigualdade social, exploração do trabalho, pois as escolhas que os personagens fizeram ao longo de suas vidas forma influenciadas por estas circunstâncias. Outro aspecto que merece destaque é que apesar das inúmeras lutas traçadas por todos os personagens, com o objetivo de melhorar de vida e minimizar as desigualdades são sem sucessos, o que reflete o caráter forte e duradoura nesta luta de classes, configurando-se como algo permanente.

Além disso, a produção revela a discussão sobre os conceitos de agência e estrutura, no sentido de destacar que há uma relação entre o agir humano e as forças sociais que incidem sobre este, uma vez que a subjetividade, personalidade e o meio, sistema e sociedade corroboram para a construção do destino do ser humano. E o final revela como a morte se faz presente na vida daqueles pobres, que não se esforçam para compreender os motivos de tantas perdas, uma vez que tem naturalizado alguns fenômenos construídos socialmente.

Na sequência dos trabalhos apresentados temos agora a Narrativa Visual produzida pela turma da 3ª série B, que nos dizeres dos estudantes *reescreve o trágico fim dos personagens da Obra Seara Vermelha, de Jorge Amado, para tanto se utiliza da Arte de desenhar para expressar os rumos que tomaram Jerônimo, Jucundina, Marta, João, José, Juvêncio e Tonho nesta versão. Juvêncio, líder do PCB, organiza uma revolução no país, visando fortalecer os ideais da reforma agrária usando de sua influência política. Por outro lado, Zé Trovoada lutava pela mesma causa, só que de uma forma diferente, até ilegal, fazendo parte de um grupo*

de cangaceiros, que buscavam reivindicar a posse de terras dos mais ricos. Por um acaso do destino os dois irmãos acabam se unindo para lutar pelo mesmo objetivo. Do lado oposto da história, encontra-se João, que atua como policial, desta forma, foi convocado para o combate, no intuito de impedir a proliferação dos atos revolucionários. Em um fatídico encontro, João foi forçado a atirar em dois indivíduos, a descoberta da identidade das vítimas atrai certo peso emocional ao policial, que recorre à uma opção trágica, enquanto isso a velha Jucundina espera um dia rever sua filha Marta e contar o fim do velho Jerônimo.

IMAGEM 17 – Narrativa Visual<sup>12</sup>



<sup>12</sup> <https://express.adobe.com/page/tNxTU3MU4xvZm/> Este link apresenta a Narrativa visual com os desenhos em tamanho real e dentro do espaço no qual foi construída.



Fonte: desenho dos alunos Denílson e Artur

O trabalho apresentado nesta narrativa configura-se com uma produção que representa o que conseguimos discutir ao longo da SD, tendo em vista que os estudantes conseguiram expressar as mais diversas críticas e temas outrora estudados, tais como, a desigualdade social, distribuição de renda, acesso a bens de serviço e consumo, capitalismo e outro. Além disso, conseguiram expressar que a luta que se trava na cidade e no sertão, no sentido das reivindicações propostas pelo levante militar e pelos cangaceiros nordestinos, são comuns, pois ambas procuram melhores condições de vida para os trabalhadores, além de garantir uma qualidade mínima de subsistência, neste sentido, os objetivos esperados são similares, ou seja, um pouco de dignidade para aqueles que são constantemente explorados.

A última apresentação da aula foi a exposição da Reescrita do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, em que os alunos contam como os personagens Fabiano, sinhá Vitória, Menino Mais Novo, Menino Mais Velho e Cachorra Baleia encerram seus enredos na versão a seguir.

## ***CAPÍTULO FINAL***

### ***Fabiano***

*Foi quando ao olhar para o horizonte, mesmo que estranho de se pensar, viu a figura da cachorra Baleia. Fabiano parou, esfregou os olhos e não entendeu o que via, na fome que lhe apertava a barriga. Para não parecer desconcertado diante dos meninos e da Sinhá Vitória nem transparecer a culpa que carregava pela morte do bicho, achou melhor apenas contemplá-la, mesmo que fosse apenas ilusão ou sinal que iria partir, assim como ela. O curioso é que a imagem da cachorra parecia cada vez mais clara, ao ponto de decidir segui-la. Assim,*

*caminharam atrás do animal que por incrível que pareça, levou-os a uma fazenda grande e bonita, que eles nunca haviam visto antes.*

*Decidiram se aproximar e pedir pelo menos um pouco d'água para que pudessem tardar a morte. Fabiano tomou a frente, mesmo se sentindo na situação de um animal e sem a beleza de uma educação adequada que lhe ajudasse naquele momento em organizar as palavras e não parecer mais desumano do que já se sentia. Viu um senhor de idade sentado numa cadeira e pediu por água. O homem chamou sua esposa, que lhe veio ao encontro com uma garrafa e um copo. Dona Nina, nome da senhora da casa, viu os meninos e perguntou de onde eles vinham, numa situação tão miserável daquela.*

*Sinhá Vitória, que tinha se aproximado para pegar um copo e encher de água, balbuciou palavras que achava que fazia sentido e explicavam, embora, Dona Nina, tenha achado estranho o que ela disse. Por conta disso, seu João, marido de dona Nina, perguntou se ela sabia cozinhar, pois eles viram que a família não estava em uma situação favorável para se manter. Sinhá Vitória disse que não sabia quase nada, pois eram raras às vezes que ao menos tinham o que comer, mas que podia aprender. Dona Nina então lhe perguntou se eles não queriam entrar na casa e se acomodar, pois eles moravam praticamente sozinhos, sem filhos e com alguns sertanejos que trabalhavam na fazenda.*

*Fabiano sentiu estranha a situação, pois não conhecia a bondade humana, era acostumado sentir o desprezo e miséria cotidianamente, sem trégua. Lembrou-se então de Baleia, "será que ela sabia disso?", pensou aflito. Passou-se a tarde e Fabiano descobriu que a cidade não era muito longe e foi até lá comprar farinha para o jantar, a mando de seu João. Enquanto caminhava, Fabiano, refletiu no que tinha acontecido, achou que tinha morrido e nem havia sentido, com certeza a fome lhe vencera, afinal, quem em sã consciência e mentalidade ajudaria um bicho como ele?*

*Chegou numa bodega e pediu um quilo de farinha amarela, embora essa cor lhe trouxesse más lembranças. Enquanto isso, aproximava-se dele quem Fabiano queria distância: O soldado Amarelo. Ele lhe pede desculpa pelo mal que o fez, mesmo não dizendo precisamente com essas palavras e lhe faz o convite de também se tornar um soldado, como forma de desculpa pelos infortúnios gerados pela prisão de Fabiano. Então, marcam de se encontrarem no dia seguinte para dar prosseguimento à papelada. Enquanto Fabiano voltava para a fazenda com a farinha, pensa em tudo que acontecera e não entende como tudo se deu. Sentia até medo do sentimento feliz que lhe percorria o corpo, embora pela primeira vez estivesse vendo tudo tomar um rumo melhor.*

*A felicidade, no entanto, durou pouco, uma vez que Fabiano percebera que um grupo de cangaceiros vinha adentrando as ruas da cidade e atirando para todos os lados com o objetivo de causar medo e eliminar possíveis testemunhas. É quando Fabiano o sente atravessar pelo corpo algo fino, como se fosse uma agulha, que lhe tirava o fôlego e o faz cair moribundo. O disparo do soldado Amarelo lhe tirou a vida, embora o alvo dos disparos fosse o animal que levava os invasores da cidade.*

### ***Sinhá Vitória***

*Depois de tantas andanças pelo sertão, sinhá Vitória se via sem esperanças de encontrar um lugar calmo e que fornecesse possibilidades de sobrevivência da família por mais algum período. Quando suas esperanças estavam quase esgotadas, ela se viu diante do portão de uma fazenda de aparência amigável e, por conta da fome e do desespero, resolveu junto com sua família ir pedir amparo. Por sorte ou pelo destino, os donos daquela fazenda eram um casal de idosos, bons senhores, que se compadeceram com a miserável situação daquelas pessoas a sua frente e resolveram lhes fornecer um teto e alimentação, recebendo os quatro em sua fazenda, com uma bondade que os retirantes desconheciam.*

*De início, sinhá Vitória desconfiou de toda aquela bondade, pois nunca em sua vida tinham sido bem recebidos, eram somente explorados. Com o passar dos dias, a família foi se adaptando melhor com o casal de idosos, mesmo com o empecilho da comunicação precária da família, a convivência entre eles era pacífica. Os bons senhores viviam sozinhos nessa fazenda, não tinham filhos e nem parentes nas proximidades, o que fez com que esses só tivessem a companhia um do outro por muito tempo. A chegada daquelas pessoas movimentou e alegrou suas vidas, fazendo com que o apego a eles fosse forte, e com isso eles queriam melhorar a vida de todos, iniciando pela sinhá Vitória, que recebeu um emprego de cozinheira na fazenda, o que lhe deixou muito agradecida.*

*A partir do momento que os meninos começaram a frequentar a escola, sinhá Vitória recebeu um pouco de instrução, o que fez com que a comunicação entre todos melhorasse. Tendo uma vida calma e próspera, nos próximos cinco anos sinhá Vitória sente-se realizada com a nova vida, até que uma noite ela sonha com a cachorra Baleia, feliz e alegre, correndo e brincando com preás e tem certeza de que aquele sonho é um sinal de que a cachorra também estava feliz e realizada por eles terem conseguido mudar o rumo de vida, pois a realização dos sonhos deles, também era a realizava dos sonhos de Baleia.*

### **Filho Mais Velho**

*O dono da fazenda logo se apegou aos filhos de Fabiano e designou ambos a uma instituição de ensino. O filho mais velho, como sendo o mais curioso achou intrigantes o ambiente e as pessoas, mas logo tratou de se empenhar e futuramente viria a concluir seus estudos e ajudar a família e também seria muito grato a ajuda do dono da fazenda que os abrigou.*

### **5 anos após a morte da Cachorra Baleia**

*Em uma noite, o filho mais velho dormia ao lado de seu irmão, quando teve um sonho que mostrava Baleia no paraíso dos cachorros, feliz e bem. Os irmãos acordaram e logo concluíram que os dois haviam tido o mesmo sonho.*

### **Filho Mais Novo**

*Enquanto caminhava pela areia quente do que parecia o deserto do Saara, o filho mais novo seguia os passos do pai, que embora não entendesse, começou a caminhar em um rumo diferente, como se estivesse perseguindo algo. Foi quando chegaram à fazenda para pedir água. No começo, ficaram do lado de fora enquanto Fabiano se aproximava. Depois passaram o grande portão de entrada, pois o dono da casa havia os chamado. O filho mais novo estava confuso, não entendia por que um senhor de idade e sua, já idosa esposa, estavam tão preocupados com uma miserável família de sertanejos que não tinham nada, senão trapos de roupa e poucos utensílios que carregavam.*

*O filho mais novo estava curioso, ouviu que sua mãe ia cozinhar para a senhora que havia acabado de conhecer e que seu pai iria comprar o que comer na cidade próxima. No começo, quis acompanhar o pai, mas sinhá Vitória o deteve, achando que ele mais ia atrapalhar a ajudar. Então, ficou brincando com uns pedaços de telha que achou perto da casa da fazenda, perseguindo os calangos que viu, enquanto lembrava da cachorra Baleia. Começava a escurecer quando viu um homem de amarelo chegando na casa com uma pessoa pendurada no cavalo, como se estivesse dormindo. Não entendeu muita coisa, mas viu sua mãe cair no chão quando o homem de amarelo lhe contou algo.*

*Deixou os calangos de lado e correu até sua mãe enquanto os senhores da casa tentavam acordá-la. Por fim, entendeu que o homem no cavalo era seu pai, e que agora ele não tinha mais o exemplo sertanejo que tanto admirava. Começou a chorar quietinho, lembrando de todas às vezes que acompanhou o pai na caça por preás e das memórias que teve com Fabiano. Naquela noite, ele dormiu atrás da casa, debaixo de um pé de planta que não sabia*



*o nome, acordando no outro dia com sua mãe preocupada chamando-o. Pensou que tudo não passara de um sonho ruim e que nada daquilo era real. Mas viu uma carroça levando um caixão de madeira, enquanto sinhá Vitória acompanhava o triste cortejo com o filho mais velho. Os senhores da casa chamaram o filho mais novo e tentaram explicar o que tinha acontecido, enquanto novamente o menino sentia seus olhos lacrimejarem.*

### **Cachorra Baleia**

*Após cinco anos da morte e suposta aparição da cachorra Baleia, a família de Fabiano continua sentido muito remorso pelo ocorrido, não conseguindo superar mesmo depois de tantos anos do falecimento do animal. Foi quando, numa certa manhã, na fazenda, algo de muito peculiar acontecia com a família. Enquanto dormiam, todos tiveram um mesmo sonho, no qual a cachorra Baleia estava muito feliz no céu dos cachorros, nadando em um mar cheio de préás. Após acordarem do sonho, todos sentiam uma sensação de paz em relação à morte do animal. Perante tal sonho, todos passaram a seguir suas vidas confiando na felicidade do animal, mas nunca a tirando da memória.*

### **Soldado Amarelo**

*Os pensamentos ainda corriam sua mente sobre os acontecimentos que envolviam Fabiano. Ele se sentia estranho, com o remorso, causado pelos infortúnios, que fizera ao miserável sertanejo. Decidiu que o procuraria nem que fosse para se desculpar, embora sua natureza forte não o deixasse admitir que errara. Descobriu na antiga casa de Fabiano, que ele saíra sem rumo com a família em busca de condições melhores. Então foi a sua procura, mesmo que não soubesse aonde ir ou o que dizer. Chegou numa cidade e decidiu beber para passar o sentimento ruim que tomava conta de si. Tinha tomado dois copos quando viu Fabiano que fora comprar farinha. Falou com ele e de modo rude lhe ofereceu ajuda para conseguir uma posição na polícia, ser um soldado amarelo também.*

*Fabiano não entendera direito, mas aceitou, pois, achava que não tinha muito a perder. Ocorreu que logo depois, alguns moradores da cidade chegaram dizendo que cangaceiros se aproximavam do vilarejo, logo o pânico se espalha entre os moradores. Soldado Amarelo, meio zonzinho da pinga que tomou, levantou-se e foi tentar exercer seu papel de polícia. Viu um senhor a cavalo e disparou um tiro, tentando acertar pelo menos a perna. Acabou acertando Fabiano, que estava no meio da confusão sem saber o que fazer. Viu o sertanejo cair e não responder mais. Enquanto isso, os cangaceiros se aproximavam das lojas e comércios da cidade.*

*Soldado Amarelo pegou seu cavalo e pôs Fabiano em cima. Descobriu com o dono da bodega onde bebera, que ele estava na fazenda de seu João, local para onde se dirigiu levando o corpo. Chegando lá no início da noite, vendo o rosto confuso de sinhá Vitória, que não entendia nada do que aconteceu. Tentou explicar o mal-entendido, embora não fosse muito bom com as palavras e sua mente o culpasse pelo que acontecera. Então, avistou os donos da fazenda tentando ajudar sinhá Vitória, agora viúva de Fabiano, que não acreditava naquilo e desmaiou. Enquanto, o filho mais velho tentava acordá-la, o filho mais novo se perdeu na confusão. Soldado Amarelo, logo, saiu do caos que se instaurava no ambiente e sem pensar duas vezes foi para fora da cidade, onde cometeu suicídio, com um tiro na cabeça, tendo em vista que não suportava mais viver com tanto mal que fizera a Fabiano.*

Percebe-se com a produção acima que os estudantes compreenderam a temática discutida, ou seja, a desigualdade social e como esta se coloca diante das múltiplas realidades. A apresentação do trabalho serviu como uma possibilidade dos alunos manifestarem suas percepções sobre a obra e temas discutidos e fizeram isso com segurança e precisão, pois é possível encontrar no texto anterior os fenômenos da seca, violência, descaso. Outro aspecto importante a considerar, diz respeito, ao tempo e espaço que se passa na produção, pois os autores levaram em consideração o tempo do livro, embora a discussão das aulas tenha acontecido em outro tempo, logo, se pode notar que os problemas sociais abordados no livro e nas aulas parecem permanentes e constantes, apesar de mudanças sociais e, esta reflexão foi posta pelos estudantes durante a explicação e apresentação do trabalho.

Ao final das apresentações desta aula, fiz uma reflexão com os estudantes sobre as múltiplas possibilidades do trabalho pedagógico nos componentes curriculares de Sociologia e Literatura, a fim de evidenciar que é possível a utilização de metodologias que relacionem com precisão aspectos teóricos e práticos; bem como formação geração básica e as habilidades dos estudantes, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem deve pautar-se em um currículo que integre formação cognitiva, conhecimentos acumulados pela humanidade, mas também os anseios e potencialidades dos discentes.

#### **4.1.2 Sala de aula: 10 momento – apresentação do Teatro e Hora de Soltar o Verbo**

<b>Aula 10 - exposição dos trabalhos produzidos: teatro/música e hora de soltar o verbo</b>
---

<b>Objetivo:</b> Expor as produções (reescrita final dos livros discutidos) por meio de apresentações teatrais e da oralidade, de modo a apresentar as discussões realizadas ao longo desta SD.
---

<b>Metodologia:</b> Os estudantes apresentarão seus trabalhos e conduzirão as discussões suscitadas, de forma a estimular a participação dos colegas. O teatro será apresentado no anfiteatro da escola. O professor acompanhará os trabalhos apresentados.
<b>Conteúdo:</b> Texto literário, desigualdade social e produção textual.
<b>Material e tempo:</b> Notebook, Anfiteatro, celular, tablet educacional. 2 h/a.

A aula 10 foi o momento das últimas apresentações e encerramento da SD, para tanto os alunos produziram um curta-metragem, uma música e dois podcasts, por ser produções em audiovisual, a exposição destas encontram-se no canal do Youtube da escola Professora Rosângela Couto. Além das postagens das produções, os estudantes explicaram como construíram seus trabalhos e o que eles representam, ademais também fiz minhas considerações sobre as respectivas produções.

O curta-metragem *Seara Vermelha*<sup>13</sup> retrata dois momentos distintos, quando Marta é expulsa da família e deixar de acompanhar os seus parentes rumo a São Paulo e quando o velho Jerônimo morre arrependido pelo mal que fez a sua filha, na encenação é possível perceber que as escolhas feitas pelos personagens são frutos de situações de extrema dificuldade, mas também por fatores que levam aqueles retirantes a decisões extremas, como Marta, que vendeu seu corpo em troca da continuidade da viagem dos demais membros de sua família, por outro lado, aquele velho rude ainda guarda consigo um pouco de dignidade, que não está presente nas condições materiais, mas sim nas questões relacionadas a honradez e respeito, que não permitiu que ele jamais fizesse algo de errado, apesar de tantas explorações e humilhações.

Neste sentido, são pessoas que não encaram a vida a partir dos desafios que lhes são impostos, vale uma ressalva, todas as dificuldades vivenciadas na obra de Jorge Amado não são naturais, mas construções e consequências da exploração do trabalho e da concentração de renda. Todavia, aqueles retirantes carregam respeito entre si e apreço pelos seus familiares, como se ver nas cenas retratadas, as escolhas feitas foram tomadas com base no bem da família, como Marta fez, e Jerônimo na hora da morte se desculpa com a filha ausente. Essa foi a apresentação e explicação dos estudantes sobre o curta produzido.

Em seguida, aproveitei a fala para enfatizar que o vídeo e fala dos estudantes representa o que discutimos ao longo desta SD, pois como foi exposto as relações que marcam a vida dos sujeitos são construções sociais, as quais são influenciadas e produzidas por aqueles que detém alguns privilégios e conduzem as relações no sentido de manter o *status quo*. Acrescentei ainda

<sup>13</sup> <https://youtu.be/cY8ABebjclK> Este curta-metragem reescreve duas cenas finais do Clássico *Seara Vermelha*.

que a produção do vídeo associa aspectos que representam um currículo integrado, pois está presente conhecimentos sociológicos, literários, das mídias digitais, além das habilidades dos discentes, e que esta formação integral deve ser um norte para a escola, a qual deve pautar o trabalho pedagógico de modo interdisciplinar e considerando os sujeitos centrais do processo, os estudantes.

A apresentação seguinte foi a música intitulada “Ficou rico, mas sua alma chora<sup>14</sup>”, composição, acerca da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, que narra as escolhas difíceis que um dos filhos de Fabiano tivera que tomar, a fim de ter uma vida menos sofrida que a de seus pais. Os autores destacaram que as circunstâncias vividas pela família, tais como, fome, falta de um trabalho e um lar contribuíram para o caminho que o filho seguiu, numa clara manifestação de que as escolhas dele não são individuais, mas consequências de uma realidade desumana, na qual se tem que decidir se quer viver ou morrer. Além disso, as injustiças que o filho presenciou contribuíram para tanto, embora seus pais não o apoiassem e preferissem continuar naquela situação, pois seria menos digno ainda escolher um caminho desvirtuoso a passar fome e ser explorado.

*Ele ficou rico né, mas sua alma chora!*

*Ele ficou rico né?  
Mas já chegou a hora.*

*Família, sem sustento para caminhar,  
sem recurso para desfrutar,  
mau caminho ele foi buscar.*

*Nessa caminhada ah ah...  
o bicho ele encontrou,  
uma proposta ah ah ... o homem aceitou.*

*Proposta de matar toda a sua família.  
mal sabia que era armadilha,  
ambição tomou conta de si.*

*Depois de cometer ...  
dinheiro ele ganhou,  
muita fartura ... mas logo acabou.*

*O bicho foi ao homem para visitar,  
suas contas queria acertar  
e esse jogo ele já ganhou.*

*O homem morreu,*

---

<sup>14</sup> <https://youtu.be/ILe9Vt6aYIU> Esta música narra os caminhos e escolhas que fez um dos filhos de Fabiano e sinhá Vitória, personagens do livro *Vidas Secas*.

*nada ele levou,  
o homem morreu,  
sua história terminou.*

*Quis tudo, mas de tudo,  
nada ele levou,  
nem sequer o seu nome sobrou,  
no final tudo ele pagou.*

*Ele ficou rico né?  
Mas sua alma chora.*

*Ele ficou rico né?  
Mas sua alma chora.*

*Composição: Gabriel, Luís e Fábio.*

#### IMAGEM 18 – APRESENTAÇÕES



Fonte: arquivo pessoal

Em seguida as últimas equipes apresentaram as produções que chamo na SD de “A hora de soltar ou verbo”, ou seja, uma apresentação oral, diante disto, os estudantes produziram podcasts. O Podcast<sup>15</sup> da turma da 3ª série B faz uma reflexão sobre o livro Seara Vermelha, de Jorge Amado, nele os discentes apontam para os aspectos literários e sociológicos, enfatizam o movimento literário que o livro pertence, mas também os dilemas denunciados pelo autor, tais como o êxodo rural, o desemprego e busca por uma vida menos sofrida com os processos migratórios, que marcam a vidas de muitos sertanejos.

Durante a apresentação, os alunos destacaram que a desigualdade social que marca o livro de Jorge Amado reflete a falta de políticas públicas para os mais pobres, o que por sua vez

<sup>15</sup> <https://youtu.be/rydH0g4HxE4> Este podcast apresenta uma análise do livro Seara Vermelha, destacando aspectos literários e sociológicos.

se caracteriza como negligência do Estado, pois este existe para garantir um mínimo de igualdade entre os sujeitos que estão sob sua proteção, o que não existe com aqueles pobres sertanejos que fogem de seus lares como bichos. Apontaram ainda para a falta de investimentos de forma equitativa no país, pois o processo de modernização concentrou-se nos grandes centros, o que acentuou ainda mais as desigualdades, pois algumas cidades cresciam, ao passo que a maior parte do país, sobretudo as regiões Norte e Nordeste, continuavam no atraso, em especial os interiores dessas regiões. E esta falta de investimento se percebe no livro, pois a família de Jerônimo e Jucundina atravessam o sertão em busca de condições melhor de vida na cidade dos “sonhos”, São Paulo.

Apontaram ainda que o segundo momento do Modernismo brasileiro, na prosa, caminhou ao lado de movimentos sociais, pois os temas discutidos nos livros são temas de interesses sociais, pois as lutas dos anos de 1930 na Literatura refletem e interessam a Sociologia, tendo em vista que os próprios autores são militantes políticos, e suas obras reverberam o que acreditavam e defendiam.

Diante da apresentação dos alunos, a qual foi muito clara e consistente, trazendo para o debate inúmeros temas que havíamos discutidos em outras aulas, fiz algumas reflexões, acerca da possibilidade do trabalho interdisciplinar, inclusive reconhecendo a seriedade dos estudos que eles fizeram; sobre os fenômenos que marcam o referido livro de Jorge Amado, como, o êxodo rural e os processos migratórios; sobre a modernização e urbanização do país, pois se parece em alguma medida que há dois “Brasis”.

O Podcast<sup>16</sup> da turma da 3ª série A, retrata uma espécie de entrevista imaginária, com os personagens do livro *Vidas Secas*, no qual os estudantes discutem com estes e com novos protagonistas o destino que traçaram nesta versão. Importante destacar que nesta produção os discentes incorporaram elementos que remontam o tempo em que a história se passa no livro, mas também aspectos que evidenciam a modernidade, deste modo, é válido ressaltar que na produção em pauta há a presença e experiências do momento, o que torna mais rico a discussão, mas também novidades que interferem na compreensão desta releitura em áudio.

Na apresentação, os alunos destacaram que a opção para, realizaram uma entrevista imaginária com os personagens, surgiu com o objetivo de sentir realmente o que se passava na vida que esses levavam, deste modo poderiam colocar-se no lugar do outro e experimentar suas respectivas experiências, pois assim teriam mais propriedade para compreender o livro e os

---

<sup>16</sup> <https://youtu.be/EKZMfWsJopg> Este Podcast mostra uma espécie de entrevista com os personagens do livro *Vidas Secas* e destaca os rumos distintos que tomaram nesta versão.

temas estudados. Destacaram que diante das adversidades os filhos de Fabiano e sinhá Vitória escolherem ou foram escolhidos por caminhos distintos, enquanto os pais conseguiram um trabalho e um mínimo de dignidade.

Ao final das apresentações percebi que o objetivo outrora pensando foi alcançado, apesar de algumas mudanças na proposta de trabalho, todavia enfatizo que o planejamento é um roteiro, que pode à medida das necessidades, ser adequado. Agradei e parabeneizei o empenho de todos os estudantes, os quais participaram de forma efetiva desta SD e que só foi possível a realização deste trabalho pela dedicação deles. Portanto, é possível o trabalho interdisciplinar é possível, embora exija do professor mais dedicação, tempo e planejamento, além disso, Sociologia e Literatura são componentes curriculares que apresentam similaridades e pontos de convergências.

#### 4.2 AVALIAÇÃO E PERCEPÇÃO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA - CONQUISTAS E DIFICULDADES

O trabalho pedagógico é uma tarefa que reflete e sofre a influência de inúmeros atores, porém este processo é concretizado numa relação desafiadora entre professor e aluno, pois estes são os sujeitos que convivem cotidianamente e experimentam as nuances de uma realidade escolar, que representa e espelha a sociedade em que está inserida. Neste sentido, o trabalho do professor é marcado por desafios diários, inclusive com situações que fogem a competência direta da escola, todavia é preciso dar uma resposta, pois a escola também não pode ficar inerte diante das situações. Logo, o fazer docente é um campo de desafios e possibilidades diárias, que exige do professor formação, resiliência e compreensão da atividade que desempenha.

Diante do exposto, das aulas planejadas e realizadas e, sobretudo, dos trabalhos produzidos considero que o objetivo esperado com a aplicação da SD foi alcançado, ou seja, discutimos com clareza e precisão o tema da Desigualdade Social, além disso, o debate promovido ao longo do percurso reflete que os estudantes compreenderam a proposta de trabalho e assimilaram os temas estudados. Neste sentido, a intervenção pedagógica possibilitou uma densa e rica discussão literária e sociológica, que culminou com as produções apresentadas, além de outras construções realizadas em cada aula, o que favorece ao trabalho interdisciplinar e a construção de um conhecimento sólido, uma vez que os estudantes foram os autores e centros deste processo de ensino e aprendizagem.

Durante a realização da intervenção pedagógica, que se deu com a aplicação da SD, destaco como dificuldades alguns aspectos relacionados com o tempo e rotina da escola de educação profissional, pois como havia planejamento para desenvolver este trabalho no primeiro semestre de 2022, quando os alunos não tinham o estágio, todavia não foi possível devido o processo de qualificação. Portanto, tive que realizar as aulas ao longo do segundo semestre, quando os alunos dividem o tempo com o estágio e tem as disciplinas da base comum reduzidas, entretanto, foi possível suprir esse problema contando com a parceria dos meus colegas professores, que disponibilizaram algumas aulas para tanto.

Outra dificuldade foi no sentido de demonstrar para os alunos que ao realizar a SD estávamos estudando os conteúdos para o Enem, pois muitos acreditam que estudar para o Enem se resume a responder questões e, realizar um trabalho que durava 2 horas-aula semanais deles era um desafio, porém com o início da discussão e à medida que começávamos a ver os conteúdos propriamente dito, eles entendiam que o processo de ensino e aprendizagem vai para além da resolução de itens. Acrescento ainda que trabalhar dois componentes curriculares numa aula é desafiador, seja para planejar e executar as aulas, seja para compreensão da comunidade escolar, pois os alunos da 3ª série são preparados quase que exclusivamente para as avaliações externas que mensuram, em tese, a qualidade do ensino. Soma-se ainda os desafios da sala de aula, como organização dos tempos e espaços, atenção dos estudantes e colaboração da turma, todavia esses dois aspectos finais foram casos mais pontuais.

Em contrapartida, destaco as inúmeras conquistas possíveis com este trabalho, primeiro as discussões que realizamos ao longo das aulas, o que permitiu em alguma medida estimular a imaginação sociológica, pois os estudantes manifestaram posicionamentos críticos, reflexivos e conscientes das relações sociais que marcam suas vidas, bem como perceberam que a realidade não é produzida naturalmente, mas sim construída a partir das relações humanas estabelecidas. Ademais, a semente que leva aos fenômenos da desnaturalização e estranhamento fora plantada, visto que discutimos que os caminhos, destinos, vivências que os indivíduos experimentam são reflexo das construções sociais marcadas pelo trabalho, modo de produção, acesso a bens e serviços, ou seja, a vida cotidiana é construída em meio a tantas contradições e possibilidades, que são produzidas pelos sujeitos.

Enfatizo também como muito produtivo e gratificante os trabalhos realizados e apresentados pelos estudantes, pois foi possível concretizar o que discutimos durante as aulas, agregando conceitos caros a Sociologia e Literatura, o que por sua vez fortalece e aponta caminhos para o trabalho pedagógico interdisciplinar. Além de possibilitar aos estudantes



meios para expressarem suas habilidades, pois a escola não pode funcionar de forma mecânica e linear, considerando apenas a formação cognitiva estimulada pelas redes de ensino, mas também aproveitar e fomentar o desenvolvimento integral do discente, o que passa por desenvolver suas potencialidades, as quais a escola intencional ou não, às vezes, acaba por desprezar.

A intervenção pedagógica realizada aponta para possibilidades futuras, em que o professor e aluno são capazes de produzir e estabelecer os caminhos pedagógicos mais eficazes para o desenvolvimento integral do indivíduo, desprendendo-se muitas vezes das camisas-de-força estimuladas pelas redes de ensino, que atendem a interesses particulares e as intenções das parcerias público-privada. Neste sentido, entendo que o professor deve investir na sua formação continuada, ser autor do currículo que pretender desenvolver e fazer da transposição didática, um mecanismo de autonomia pedagógica, apesar dos desafios rotineiros das escolas.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao concluir o presente trabalho, chega-se a algumas considerações que marcaram o caminho percorrido, bem como orientam pesquisas vindouras, sobretudo nos aspectos relacionados à interdisciplinaridade, no caso em pauta, dos componentes de Sociologia e Literatura; a utilização das sequências didáticas como instrumento de sala de aula; a pesquisa como horizonte que não pode se distanciar do professor. Todavia, aponta-se também para os desafios inerentes a esta etapa da educação básica e como consolidar um ensino que respeite o estudante nas suas multiplicidades de saberes e potencialidades.

O objetivo pretendido com este trabalho não se encerra ao final deste texto, uma vez que discutir desigualdade social na escola é condição “*sine qua non*” para o desenvolvimento integral dos sujeitos, os quais são capazes de se reconhecerem no mundo. Ademais, o desafio empreendido acerca do trabalho proposto, ou seja, agregar as aulas entre Sociologia e Literatura aponta para um caminho possível, pois à medida que o professor constrói um conhecimento sólido e seguro da sua prática pedagógica, mais propício se encontra para o trabalho com outras áreas do saber. Neste sentido, a intervenção pedagógica realizada aponta para possibilidades de mais convergência entre os componentes curriculares, para tanto a formação inicial e continuada do professor são ferramentas imprescindíveis.

Sobre o percurso metodológico seguido neste trabalho, pode-se afirmar que a elaboração e desenvolvimento da sequência didática foram aspectos cruciais para a realização de um

trabalho pedagógico produtivo para os atores envolvidos, professor e aluno, visto que o planejamento das aulas, de forma detalhada e progressiva, possibilitou a construção do fazer pedagógico mais significativo e de aulas mais encadeadas. Entretanto, a construção de uma sequência didática exige do professor mais esforços, não no sentido do trabalho extra ou sobrecarga de atividades, mas no sentido da formação em serviço, preparação de uma rotina mais detalhada e de aulas mais envolventes, o que muitas vezes é impossibilitado de ser feito, diante das demandas rotineiras da escola, de um currículo enrijecido, tornando os professores e escolas reféns de avaliações externas e resultados.

No que se refere-se aos estudantes, pode-se afirmar que foram, neste trabalho, os sujeitos principais do processo, em dois aspectos, visto que as aulas foram elaboradas visando a formação destes, mas também por terem se dedicado e contribuído direta e significativamente para a consolidação das aulas, atividades e produções propostas. O que ajuda a desmitificar algumas máximas comuns das escolas e conversas entre professores, as quais apontam que os alunos não “querem nada”, como se todos tivessem diante das mesmas condições e oportunidades e não se desenvolvem simplesmente por opção. Em sentido contrário, os resultados construídos e o desenvolvimento das 10 aulas descritas anteriormente só foram possíveis graças ao empenho dos discentes. Neste sentido, cabe ao professor e a escola possibilitarem um ambiente pedagógico que favorece as habilidades dos estudantes, não falo da escola como panaceia, mas falo da escola que acolhe e não simplesmente reproduz as desigualdades que permeiam a sociedade.

Ainda sobre os estudantes que participaram deste trabalho, apresento as seguintes considerações: são jovens que veem a escola como possibilidade de melhoria de vida; foram capazes de compreender com precisão e profundidade as discussões traçadas, contribuindo para um ambiente propício para a aprendizagem; esperam e veem os professores como referência; apresentam dificuldades com conceitos e aprendizados, mas se mostraram capazes de engajar e querer aprender. Acredito que ao final deste trabalho, conseguimos com a sequência didática despertar em muitos dos estudantes a semente da dúvida, do questionamento, instrumentos capazes de contribuir para o exercício do estranhamento e desnaturalização, pois os estudantes foram e são capazes de compreender a realidade que experimentam.

Sobre o uso dos livros *Seara Vermelha*, de Jorge Amado e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, como instrumentos para o trabalho interdisciplinar realizado, destaco que a Literatura é uma ferramenta que pode contribuir com os demais componentes curriculares, pois a compreensão dos aspectos literários, passam pela compreensão de outras áreas do

conhecimento, todavia o desafio encontra-se no hábito de ler, no desenvolvimento de competências leitoras. Diante disto, o entendimento da Sociologia da Literatura e da Sociologia da Leitura são essências, mas os professores devem ser os percussores destes âmbitos.

As principais situações desafiadoras colocadas, foram no sentido de realizar um trabalho sociológico que não se confunda com um trabalho literário, ou seja, caminhar no limite entre estes saberes, que apresentam similitudes, mas também aspectos próprios, além disso, o trabalho interdisciplinar é outro gargalo, pois as redes de ensino, por necessidade didática e convenção, apresentam e tratam os conteúdos em suas especificidades, o que se fortalece com a formação docente, que é específica na disciplina.

Portanto, concluo que o trabalho realizado percorreu um caminho desafiador, todavia mostra as possibilidades do trabalho interdisciplinar; a sequência didática como possibilidade pedagógica, inclusive a que foi apresentado ao longo deste trabalho; a intervenção pedagógica como um mecanismo de pesquisa acadêmica; a escola como espaço próprio da pesquisa e da formação continuada e os estudantes como os sujeitos principais do fazer pedagógico. E encerro com o pensamento de Paulo Freire (1996, p.30) que diz, “sem a curiosidade que me move e me inquieta, não aprendo e nem ensino”. Logo, foi a curiosidade de unir Leitura, Sociologia e Literatura que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa e espero que outros se sintam desafiados também, seja para futuras pesquisas, seja para a utilização e adaptação desta.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Seara vermelha**. 28ª ed. - São Paulo: Martins, 1974.

BACICH, Lilian. **Ensino Híbrido: Proposta de formação de professores para uso integrado das tecnologias digitais nas ações de ensino e aprendizagem**. V Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2016) Anais do XXII Workshop de Informática na Escola (WIE 2016). DOI: 10.5753/cbie.wie.2016.679 679

BARBOSA, Júlia Monnerat. **Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB**. 2010. Tese (Doutorado) – Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

BERGER, Peter Ludwig. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOTELHO, André; HOELZ, Maurício. **Sociologias da literatura: do reflexo a reflexividade**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 28, n. 3. 2016

BOTO, Carlota. **Na Revolução Francesa, os princípios democráticos da escola pública, laica e gratuita: o relatório de Condorcet**. Educação & sociedade, v. 24, n. 84, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Promulgada em 05 de outubro de 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

\_\_\_\_\_. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2016. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_03\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf)>. Acesso em 18 de julho de 2021.

\_\_\_\_\_. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Ciências humanas e suas tecnologias. Volume 3. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica: 2006.

BRYM, Robert, et Al. **SOCIOLOGIA: sua bússola para um novo mundo**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006.

CASSAB, Clarice. **Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução**. Revista de história, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 145-159, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CORRÊA, Maria Laetitia (Orgs). **Gestão, Trabalho e Cidadania**. Belo Horizonte: Autêntica / CEPEAD / FACE / UFMG, 2001. p. 91-106.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed., 11ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. Set /Out /Nov /Dez 2003 No 24.

EAGLETON, T. **Introdução: o que é literatura?** In: Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECHEITA, G. **El aprendizaje cooperativo al servicio de una educación de calidad. Cooperar para aprender y aprender a cooperar**. In: TORREGO, J. C.; NEGRO, A. (coord.). Aprendizaje cooperativo en las aulas: fundamentos y recursos para su implantación. Madrid: Alianza, 2012. p. 21-44.

El Far, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006 (Coleção Descobrimos o Brasil).

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

FERNANDES, Florestan. **A família patriarcal e suas funções econômicas**. Revista USP. São Paulo, n.29, 1996.

FIGUEIREDO, Myrna Pimenta. **Importância e entraves para articulação pública: a influência da cidadania no desenvolvimento local**. In: PIMENTA, Solange Maria;

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal. 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 19ª ed. 1991.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**, 38ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A. 2004.

FRIGOTTO, G. **A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais**. Ideação: Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 41-62, 1º semestre de 2008.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. Ed. ver., 2 reimpr. – Campinas, SP: autores associados, 2012. – (coleção educação contemporânea).

GAUDEZ, Florent. **Criar, resistir, escrever: arte, imaginário e engajamento.** *Sociologias*, v. 20, n. 48, p. 106-122, 2018. doi <https://dx.doi.org/10.1590/15174522-020004805>

GOVINDARAJ, A.; SILVERAJAH, V. S. G. **Blending flipped classroom and station rotation models in enhancing students' learning of Physics.** 9th International Conference on Education Technology and Computers. – ICETC. Barcelona, Espanha, dez. 2017.

GRISWOLD, Wendy. **Capacidades formais e percepções relacionais: ganância na literatura, na arte e na sociologia.** *Sociologias*, v. 20, n. 48, p. 86-104, 2018. doi <https://dx.doi.org/10.1590/15174522-020004804>

IANNI, Octávio. **Pensamento social no Brasil.** Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística.** Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/itarema/panorama>. Acesso: 08/03/2022.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: IMAGO, 1976.

\_\_\_\_\_, Hilton. **Ciência e destino humano.** Rio de Janeiro: Imago, 2005.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** São Paulo: Ática, 1994.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T.; HOLUBEC; E. J. **El aprendizaje cooperativo en el aula.** Trad. Gloria Vitale. Barcelona: Paidós, 1999.

KUENZER, A. **Trabalho e escola: a flexibilização do Ensino Médio no contexto do regime de acumulação flexível.** *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 139, p. 331-354, jun.2017. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v38n139/1678-4626-es-38-139-00331.pdf>>

LEENHARDT, Jacques. **Existência e objeto da “sociologia da literatura”, hoje”.** *Sociologias*, v. 20, n. 48, p. 30-46, 2018. doi <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-020004802>

LEMOV, Doug. **Aula nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência.** tradução de Leda Beck; consultoria e revisão técnica Guiomar Namó de Mello e Paula Louzano. - São Paulo: Da Boa Prosa: Fundação Lemann, 2011.  
LEPENIES, Wolf. **As três culturas.** São Paulo: Edusp, 1996.

LOIS, LENA. **Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

LOPES, J. & SILVA, H. S. (2009). **A Aprendizagem Cooperativa Na Sala De Aula - Um Guia Prático Para o Professor.** Lisboa: Lidel.

MANACORDA, M. A. **Marx e a Pedagogia Moderna.** São Paulo: Cortez, 1991.

MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

MELUCCI, A. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1965 [1959].

MORAES, Amaury César. **Sociologia no Ensino Médio: o estranhamento e a desnaturalização dos fenômenos sociais na prática pedagógica**. In: MORAES, Amaury César. Coleção Explorando o Ensino – Sociologia: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: <https://escsunicamp.wordpress.com/author/lavorinimoretti/>.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude: alguns contributos**. Análise Social, Lisboa, v. 15, p. 105-106, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2021.

PIAGET, Jean. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1972. 225 p.

PRANIS, K. (2010). **Teoria e Prática: Processos Circulares**. São Paulo: Palas Athena.

PRIVAT, Jean-Marie; SCARPA, Marie. **Présentation: la culture à l'œuvre. Romantisme**, n. 145, p. 3-9, 2009.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 120ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013.

RODRIGUES, Francisco Antônio Alves. **Instituto coração de estudante: educação e mudanças sociais, políticas e culturais em comunidades rurais em Pentecoste – Ceará**. 2007. 139f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SALEM, Tânia, (1986). **Filhos do milagre**. Ciência Hoje, SBPC, v. 5, no 25, p. 30-36, jul.-ago.

SANDEL, Michael. **A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?** Tradução Bhuvi Libanio. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SILVA, S. de C. R. da; SCHIRLO, A. C. **Teoria da aprendizagem significativa de Ausubel: reflexões para o ensino de física ante a nova realidade social**. Imagens da Educação, v. 4, n. 1, p. 36-42, 2014.

SILVA, Manuella Maria Santos Miguel da. **Cidadania e desnaturalização: sentidos atribuídos ao ensino de sociologia na educação básica**. Revista Habitus | IFCS – UFRJ | volume 12 – N. 2 – 2014

SIMMEL, G. **As grandes cidades e a vida do espírito** (1903). *Mana* vol.11 no.2 Rio de Janeiro, 2005, pp. 577 – 591.

SOARES, Eliane Veras. “**Embora lidando com literatura, você está fazendo sociologia**”. *Civitas*, v. 14, n. 1, p. 81-92, 2014.

TEIXEIRA, Ana Lúcia. **Literatura e Sociologia: relações de mútua incitação**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 20, n. 48, maio-ago 2018, p. 16-28. <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-020004801>

TEIXEIRA, B. de B. **Por uma escola democrática: colegiado, currículo e comunidade**. 2000. 334f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

UNESCO (2004). **Políticas públicas de/para/com juventudes**. Brasília: UNESCO.  
Waiselfisz, J. J. (2004). **Relatório de desenvolvimento juvenil 2003**. Brasília: UNESCO.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.